Especificidades do contexto urbano Latino-americano:
Santiago do Chile

Dissertação de Mestrado Integrado | 2011/2012
Teresa Raquel Cabral de Oliveira Dias
Docente Orientador: Professor Doutor Manuel Fernandes de Sá
Faculdade de Arquitectura Da Universidade do Porto

Aos pais pelo apoio constante e pela paciência,
ao Francisco, ao Michael e à Margarida pelos seus contributos,
ao Professor Manuel Fernandes de Sá pelos ensinamentos e orientação.

8/9 Abstract/Resumo
10 Introdução
15 **1 Especificidades do contexto urbano Latino-americano**
17 1.1Cidade Latino-americana
21 1.2 A descoberta da América
22 1.3 Período Colonial
22 1.3.1 Explorações
24 1.3.2 "Urbanizar" para conquistar
30 1.3.3 A norma oficial
33 1.3.4 Consolidação e extensão do modelo
35 1.4 Período Republicano
35 1.4.1 Independência
36 1.4.2 Ruptura e dependência
38 1.4.3 Transformações urbanas
43 1.4.4 Realidade social
44 1.5 Século XX
48 1.5.1 Período Modernista
53 1.5.2 A Informalidade
64 1.5.3 Décadas de 1970 e 1980
70 1.5.4 Globalização
77 **2 Chile, Santiago**
79 2.1 A condição geográfica
83 2.2 A importância da paisagem
87 2.3 Terramotos, situações de urgência e de transformação do tecido urbano
91 2.4 Santiago do Chile
93 2.4.1 Período Colonial
95 2.4.2 Período Republicano
99 2.4.3 Período Modernista
107 2.4.4 Ditadura militar 1973-1990
109 2.4.5 Santiago actual
113 2.4.6 Desafios de Santiago
117 **3 Considerações Finais**
124 Bibliografia referenciada
128 Créditos de figuras

The cities of the New World have one characteristic in common: that they pass from first youth to decrepitude with no intermediary stage.[1]

The universe of entropy that characterises contemporary Latin American cities and the problems (inequality, violence, exploitation, social and environmental degradation) associated with the sustainability of their large dimensions are, indeed, undifferentiated aspects of urban realities of our global economy.

This work aims to generally understand the processes of transformation and permanence of these cities, which began as a colonial project, with a disciplined model, and that are nowadays known for their chaotic and precarious informal settlements. The morphological systems are explored, but also the social, political and cultural processes that are the origin of their form.

These methods are then used to study a more particular context – the city of Santiago de Chile. Santiago stands out due to its geographical and seismic conditions, the political revolutions that influenced the way of making city, but also the civic oriented actions performed by architects.

In situations of scarce resources one can find sustainable and creative solutions to subsist in an context of urban crisis.

1 Lévi-Strauss, 1955: 89

Um espírito malicioso definiu a América como uma terra que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização. Poderíamos, com mais razão, aplicar essa fórmula às cidades do Novo Mundo: vão da frescura à decrepitude, sem se deterem no antigo.[2]

O universo de entropia que caracteriza as actuais cidades latino-americanas e os problemas (a desigualdade, a violência, a exploração, a degradação social e ambiental) associados à difícil sustentabilidade das suas grandes dimensões são, na verdade, aspectos indiferenciados das realidades urbanas da nossa economia global.

Este trabalho pretende compreender de uma forma geral os processos de transformação e de permanência destas cidades, que começaram como um projecto colonial, com um modelo disciplinado, e que agora se conhecem pelos seus assentamentos informais caóticos e precários. Exploram-se os sistemas morfológicos mas também os processos sociais, políticos e culturais que estão na origem da sua conformação.

Estes métodos são depois usados no estudo de um contexto mais particular – a cidade de Santiago do Chile. Aí destacam-se a condição geográfica e a condição sísmica, as revoluções políticas que influenciaram o modo de fazer cidade, mas também as acções de cariz cívico desempenhadas pelos arquitectos.

Nas situações de escassez de recursos podem-se encontrar soluções sustentáveis e criativas para subsistir num contexto de crise urbana.

2 Lévi-Strauss, 1955: 89

Introdução

A presente dissertação tem como objectivo o estudo dos fenómenos e ideologias que deram forma às grandes cidades latino-americanas contemporâneas. Se os fenómenos não lhes são exclusivos, pois são característicos da condição global, as ideologias subjacentes à sua transformação durante o século XX parecem conformar especificidades urbanas, distinguindo-as de outros grandes aglomerados urbanos noutros continentes.

O mundo já passou nesse momento a marca de 50% de pessoas que moram na cidade. Na América Latina, 75% das pessoas moram em cidades. Os problemas gerados são a falta de planeamento dessas cidades, que se reflectem em uma demanda não satisfeita por serviços básicos: água, esgotos e lixo. No caso da América Latina, agora o problema central é a regularização das propriedades e o serviço de estrutura das nossas cidades.[3]

Pretende-se compreender as tendências actuais do crescimento das cidades latino-americanas e quais os problemas com que se deparam enquanto grandes metrópoles em desenvolvimento. As tendências e os problemas do panorama geral são especificados através do estudo da cidade de Santiago do Chile. Tenta-se ao longo de todo o trabalho cruzar a evolução urbana com a cultural, pois [...] *um aspecto tão importante como compreender a cultura de um povo como é o da sua capacidade de habitar e dar forma a um território, seja próximo ou longínquo.*[4]

O incontornável estudo da sua fundação colonial – uma herança comum às metrópoles deste subcontinente – fez emergir a ideia da América Latina como um laboratório urbano dos impérios ibéricos. Através de várias experiências, decantaram-se ali modelos de cidade que mais tarde influenciariam a concepção de urbes na Península Ibérica. A condição de laboratório volta a surgir mais tarde, já no período do Movimento Moderno, e podemos antever a possibilidade desta condição estar a acontecer presentemente.

A vontade de estudar a cidade latino-americana parte da inquietação sentida pela experiência vivida na primeira pessoa ao longo de um ano, proporcionada ao abrigo de um programa de mobilidade académica. Refiro-me ao ano lectivo de 2009-2010 e à Escuela de Arquitectura Pontificia Universidad Católica de Chile. Depois das viagens, da vivência, da observação e da experiência directa com o lugar surge, portanto, a reflexão inerente ao fim de uma viagem.

Este estudo vem complementar o conhecimento empírico adquirido com um conhecimento mais científico e documentado, esperando assim chegar a mais conclusões sobre uma cidade que não é fácil, não é fácil de amar nem de compreender[5]. E mesmo sendo [...] *uma cidade mais cinzenta que verde ou branca, muitas vezes amorfa, quase sem paixão, é, no entanto, apaixonante.*[6] Das condições e contradições observadas vem o interesse de estudar esta cidade. A sua origem é semelhante a diversas cidades americanas de fundação colonial espanhola, mas que se desenvolve num contexto geográfico particular, remoto, e por isso

3 Gavidia, 2007

4 Portas, 1994: 16

5 "Santiago no es una ciudad fácil; ni fácil de amar, ni fácil de comprender". Fernando Montes"*in* Boza & Duval, 1982: VII

6 Fernando Montes *in Idem: Ibidem*

único. No entanto o remoto deixa de existir na era global e a cidade apresenta os mesmos sintomas de outras grandes congéneres.

Trata-se de definir o ambiente urbano nas suas diferentes escalas: o centro e a periferia, a cidade e o território; mas também processos de articulação espacial e de integração social, isto é, uma abordagem aos espaços de produção, de uso e de significação.

Numa primeira parte abordam-se os traços comuns às cidades latino-americanas a uma escala continental. Contextualiza-se historicamente a sua génese e evolução urbana. Enfatiza-se a segunda metade do século XX, considerada a terceira fase de transformação no desenvolvimento das fundações das cidades coloniais e base das actuais grandes metrópoles ou megapolis[7]. Neste período verificam-se profundas alterações nas formas urbanas, debate-se o papel do planeamento perante as rápidas e alarmantes transformações da cidade e do território, bem como os efeitos profundos frutos de mudanças políticas e ideológicas.

Numa segunda parte faz-se a exposição histórica e morfológica da cidade de Santiago do Chile. O estudo contempla a sua génese, o modelo de cidade colonial, o espaço público (cenário das relações de cidadania e lugar das dinâmicas urbanas) e as relações com o imaginário colectivo. Analisam-se os planos que deram forma à cidade; os momentos de revolução política, económica e ideológica que alteram a sua imagem; e retrata-se a cidade contemporânea identificando os novos problemas e desafios da cidade. Com base na experiência vivida e estudada, empírica e documentada, pretende-se identificar quais os agentes motores que estiveram na base da metamorfose social e urbana da metrópole ao longo do tempo. Trata-se assim de uma interpretação da dinâmica existente entre a estrutura social e infra-estrutura urbana no caso específico de Santiago do Chile.

Para explorar o tema sobre a capital em questão, sobre os seus espaços e as suas práticas, recorre-se à informação recolhida das aulas assistidas na escola supracitada, bem como ao conhecimento empírico obtido pela observação, à recolha de fotografias e desenhos, à recolha de documentação sobre a cidade e sobre ideologias associadas às principais transformações da sua evolução.

Por fim, reflecte-se sobre a condição da cidade latino-americana. Nascida de um projecto, de um desígnio que precedeu o desenho, onde o [...] *desenho dos "vazios" precedia e ordenava os "cheios"* [...][8] procura-se agora essa continuidade espacial nas fragmentações e diversidades formais que a têm transformado. Esta cidade é [...] *ao mesmo tempo objecto de natureza e sujeito de cultura; indivíduo e grupo; vivida e sonhada; a coisa humana por excelência.*[9]

Neste trabalho, para uma maior fluidez da eitura optou-se por traduzir as citações de língua inglesa, castelhana e italiana, fazendo algumas excepções quando se arrisca a perda do sentido excato de tais frases.

7 Portas, 2000b: 29

8 *Idem*: 13

9 Lévi-Strauss, [1955]: 117



fig.1 Mapa da América Latina

O território latino-americano

O termo América Latina[10] refere-se ao conjunto de nações a sul do rio Grande e da ilha Key West[11]: as fronteiras continentais e insulares do sul dos Estados Unidos da América. Feita a precisão do objecto e do espaço a que se limita, é de advertir, no entanto, como o fazem todos os que escrevem sobre a América Latina[12], que este não pode ser considerado um bloco cultural homogéneo ou encerrado num único conceito. Ao evidenciar um único traço característico de um lugar específico, a definição do termo corre o risco de dar uma leitura simplificada, caindo em generalizações, e de ser arbitrária.

Pôr em evidência o movimento que contrasta, contraria, esta teoria. Compreender como óbvia a multiplicidade que se articula com o impulso no sentido inverso; como a cultura latino-americana, talvez com maior intensidade no seu total que na realidade nacional, única e relativamente estável, seja caracterizada contemporaneamente pela isotropia e entropia, pela homogeneidade e diversidade.[13]

Por outro lado, não se pretende chegar a uma escala de valores históricos e geográficos onde o termo América Latina deixa de existir, atomizado pela diversidade da realidade concreta.

Diversidades e desencontros formam parte importante do carácter destes países; mas, como já se advertiu, o paradoxo e a contradição estão sempre presentes. E é assim que, junto às forças que tendem a negar a unidade latino-americana, estão presentes as que a confirmam, entre elas a realidade histórica: pois a história marcou profundamente o carácter destes povos, e revela-se tanto em traços estruturais como em comportamentos sociais.[14]

Independentemente da diversidade geográfica e da diversidade cultural adquirida ao longo dos tempos, estas nações partilham a mesma origem colonial (as duas culturas ibéricas) e a mesma herança urbana[15] com a respectiva ocupação do território, distribuição da população, estrutura urbana e, no caso hispânico, a praça maior.

Dependendo da posição geográfica e da altitude, a sua população alimenta-se de modo diverso, fala inúmeras línguas autóctones ou importadas, faz-se face a climas diversos e leva uma vida social animada pela memória, costumes e imaginação em radicais contraste entre eles. Do México à Patagónia, sentimentos e paixões, amor e gastronomia modelam-se numa infinita variedade de tons, disposições e aspectos.[16]

---

10 "América Latina": "[...] termo de raízes hegemónicas, concebido em França na altura de Napoleão III, em parte para justificar a invasão do México por tropas francesas." Segawa, 2005: 8
"Ibero-América": "A Ibero-América é uma comunidade formada pelos países da Europa e da América Latina onde se fala espanhol e português, num total de 22 estados, com 600 milhões de cidadãos, partilhando um tempo histórico cujas raízes comuns fortalecem a possibilidade de inúmeros modos diferentes de habitar o mundo." Cantis, [s.d.]: 35
"Hispano-América": conjunto de nações americanas de língua castelhana.
"América do Sul": conjunto de nações a Sul do Panamá.

11 Ilha mais a Sul das Florida Keys, o arquipélago a Sul da Flórida.

12 "Portanto aquele que escreve sobre a América Latina tem que ir com cuidado com as generalizações, que são inerentes ao tema." Shumway, 2000: 3

13 Liernur, 1990: 7

14 Waisman & Naselli, 1989: 14

15 "Tendo em comum um "código genético" de articulação do público privado, ou de espaço aberto colectivo e construções particulares e seus logradouros." Portas, 2000a: 28

16 Sato & Posani, 1992: 56

Em suma, embora se saliente temas comuns no subcontinente, tem-se presente as diferenças locais. E para melhor analisar a complexidade que lhe é inerente, reconhece-se como essencial a mudança de ponto de vista, do europeu ao latino-americano, e de escala, do subcontinente ao bairro ou à rua, num vaivém contínuo que se complementa.

Na América Latina é, portanto, natural acentuar as diferenças quando se detecta uma condição de unidade, e, inversamente, destacar os elementos unitários, que contudo dão ao continente uma certa coesão, quando se exagera a divergência nacionalista. Por isso os vários níveis onde se articulam a política, a economia, e a cultura latino-americana contraem-se e dilatam-se num contínuo movimento centrípeto e centrífugo, ora perseguindo uma impossível unidade, ora particularizando circunstâncias locais presuntivamente ou efectivamente singulares e extraordinárias.[17]

17 Sato, 1998: 26

1 Especificidades do contexto urbano Latino-americano



fig.2 Mapa das grandes cidades latino-americanas

1.1 A Cidade Latino-Americana

A grande cidade é um acontecimento bom ou mau? Quais são os seus limites: um, dois, cinco, dez milhões de habitantes? Não devemos responder a estas perguntas aqui; o fenómeno das grandes cidades existe e representa, em certos momentos, um acontecimento hierárquico de qualidade; a grande cidade converte-se num centro de atracção que recolhe e devolve os efeitos espirituais nascidos de tão intensa concentração. As grandes cidades são, na realidade, postos avançados.[1]

A especificidade do contexto urbano latino-americano

O território latino-americano caracteriza-se por um número reduzido de grandes cidades[2]. Estas grandes cidades, na sua maioria capitais (com excepção do Rio de Janeiro e de São Paulo), sofreram um acentuado crescimento demográfico a partir da Segunda Guerra Mundial devido à queda da taxa de mortalidade à imigração vinda do campo. Doravante, as cidades que tinham alguma indústria desenvolvida foram recebendo a maior parte do [...] *caudal humano, cultural e económico, produzindo-se um grande abismo*[3] entre estas e as outras cidades médias de cada país. Este fenómeno já vinha acontecendo desde o século anterior, mas agora o crescimento é maior e mais rápido tornando difícil o controlo do crescimento urbanístico das cidades e sendo difícil suprir a falta de habitação das populações migrantes[4]. Este crescimento descontrolado teve efeitos negativos como o caos, a alienação individual, a fragmentação da cidade, a segregação de classes e grupos sociais e o aparecimento da cidade informal[5].

O ponto-chave parece estar em que a América Latina, inversamente aos seus próximos [outras realidades urbanas informais] mas geograficamente distantes, detém uma verdadeira consideração da acção colectiva e do espaço público. De facto, esta dimensão ideológica e eminentemente política, presente na realidade latino-americana, não pode ser verdadeiramente encontrada na China, na Índia ou em África.[6]

---

1 Le Corbusier & Pierre Jeanneret. [s.d] cit. Benevolo, [1974]: 583
"As grandes cidades oferecem as melhores oportunidades para o desenvolvimento das pessoas, desde a educação dos filhos ao acesso à cultura e à diversão, assim como a proxi-midade aos centros de poder e aos círculos de prestígio social. O qual concorre para fazer delas os lugares de trabalho e residência das elites sociais e profissionais, os gestores da economia global." Castells & Borja, 1997: 42

2 "As vastas extensões de urbanização espontânea ("informal") à volta das áreas metropolitanas apresentam a mais recente geografia a emergir na América Latina. Embora as razões para a proliferação deste tipo de urbanização são complexas [...] é possível referir o desequilíbrio que sempre existiu entre cidade densamente povoadas, sendo grandes centros administrativos, e um interior escassamente povoado, como resultado de economias regionais subdesenvolvidas ou inexistentes." Berrizbeitia & Hetch 2011: 13

3 Montaner, 1982: 917

4 "Na Europa, cuja população vinha a aumentar desde a Revolução Industrial, o Estado viu-se obrigado a intervir no problema da habitação logo após a Primeira Grande Guerra criando políticas de habitação no período entre guerras. Mas na América Latina este crescimento produziu-se de modo mais precipitado e irregular, o que não possibilitou uma sólida e experimentada tradição de intervenção do Estado no problema da habitação, à excepção do Chile, México, Brasil ou Uruguai que abordaram o tema em momentos diferentes." *Idem: Ibidem*

5 Urbanização espontânea com origem na ocupação ilegal de terrenos e conformada por habitações autoconstruídas, muitas vezes, sem serviços básicos e de malha irregular.

6 Santiago Baptista, 2011: 6

Embora num mundo cada vez mais globalizado[7], com os seus efeitos homogeneizantes e desterritorializantes, é ainda possível identificar as especificidades de uma identidade geográfica alargada ao nível cultural, social e político. Ao nível cultural, os países latino-americanos partilham um difuso campo identitário devido ao seu passado colonial que diluiu as culturas americanas autóctones, juntamente com as vagas de imigrantes europeus que trouxeram consigo a sua cultura, não tendo passado o tempo necessário para consolidar e sintetizar todas estas contribuições. Socialmente possuem grandes contrastes devido à desequilibrada distribuição da riqueza[8].

[...] os processos de exclusão social mais profundos manifestam-se numa dualidade intrametropolitana, particularmente nas grandes cidades de quase todos os países, sendo assim que nos espaços do mesmo sistema intametropolitano existem, coexistindo sem se articularem e ser sem se verem, as funções mais valorizadas – os grupos sociais produtores de informação –, e as mais degradas – os grupos sociais excluídos e as pessoas em condição de marginalização, os grupos sociais produtores de informação e detentores de riqueza contrastando com os grupos sociais excluídos e as pessoas em condição de marginalização.[9]

A nível político, as populações que vivem em condições precárias dificilmente têm a representação necessária para alterar a sua situação; ressurgem programas de reabilitação ou de *site&service*[10] que visam melhorar as condições das urbanizações informais mas são ainda incipientes. *As dificuldades* [políticas e sociais]*, as limitações, os prejuízos, os abandonos que acompanham as transformações em curso provocam angústia e reacções.*[11]

7 "A globalização da economia faz depender a riqueza das nações, empresas e indivíduos, de movimentos de capital, de cadeias de produção e distribuição e de unidades-gestão, que se interrelacionam ao nível do planeta, reduzindo a especificidade de um determinado território como unidade de produção e consumo." Castells & Borja, 1997: 11

8 "As economias em crescimento têm fornecido meios financeiros melhorados para se considerar os programas de melhoria das comunidades [das urbanizações informais], apesar do significativo abismo, e em muitos casos o aumento do abismo, entre ricos e pobres. Muitas das grandes cidades latino-americanas, incluindo a Cidade do México, Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro, têm dos maiores valores de PIB urbanos do mundo, quando medidos pelas taxas de câmbio de "paridade do poder de compra". Ao mesmo tempo, a América Latina possui alguns dos mais altos "coeficientes Gini" que medem a disparidade nos salários e na distribuição da riqueza. Os assentamentos ilegais na América Latina parecem ser, portanto, mais uma expressão de desigualdade do que de pobreza absoluta. E embora esta região tenha alguns dos maiores índices de urbanização, actualmente o crescimento da urbanização informal em muitas partes do continente está a diminuir, de acordo com o relatório UN-Habitat, State of the world's cities 2006/7." Beardsley & Werthmann, 2008: 31-32

9 Castells & Borja, 1997: 58

10 Sistema difundido e usado por John Turner partindo de uma base de empowering descentralizada. O arquitecto aparece como planeador e assistente da autoconstrução, dotando o assentamento de condições e infraestruturas básicas. É um serviço que se apoia no lugar e na infra-estrutura para a construção do habitat. Para tal regulariza-se a informalidade da malha urbana, define-se os limites para o cadastro de cada casa, os espaços de estar e arruamentos mínimos para que esta se junte ao resto da cidade e permita uma evolução estruturada, salubre e higiénica. Parte-se do desenho do público, dividindo e limitando e também libertando o terreno que serviria para construir. Para uma boa e sustentável construção poderiam ser incutidas e aconselhadas lógicas, prioridades e recursos. À unidade formal, fornecida e regularizada por um ou mais agentes, permite-se a participação e actuação de agentes mais localizados e dos próprios habitantes. Trata-se de um sistema que se pretende heterónimo e o mais igualitário possível no fornecimento de bens e serviços.

11 Ascher, 1995: 180

A qualidade da vida urbana debilita-se devido aos tempos de deslocação, ao encarecimento da habitação, à insuficiência de serviços públicos, a bairros sem fortes relações sociais e ao acentuar da insegurança. O desemprego causa a marginalização de uma parte da população que se vê obrigada a instalar-se em grandes conjuntos de habitação social ou nos bairros de lata, com condições precárias de habitabilidade, em zonas periféricas. Por outro lado, a crescente autonomia dos indivíduos põe em risco: as relações de vizinhança perante o comportamento individualista (enfraquecendo o conceito de bairro) e o sentimento de interesse colectivo, de capacidade de união e de mobilização para a construção de projectos comuns. Estes problemas urbanos[12], juntamente com a imprevisibilidade das transformações e a incerteza quanto ao futuro das cidades grandes, poderiam ser indícios de um destino fatal para estas e no entanto, *[...] as grandes cidades, longe de desaparecerem, recompõem-se fazendo emergir novas centralidades, outras mobilidades e novos espaços públicos.*[13]

As cidades vivas têm uma estupenda capacidade natural de compreender, comunicar, planear e inventar o que for necessário para enfrentar as suas dificuldades. Talvez o exemplo mais notável dessa capacidade seja a conquista das grandes cidades em relação às doenças. As cidades já foram vítimas, devastadas por doenças, mas depois tornaram-se em combatentes de doenças. [...] A criação de riqueza, a produtividade, a soma de talentos que permitem à sociedade sustentar esses avanços, são produto da nossa organização nas cidades, especialmente nas grandes e densas.[14]

12 Como por exemplo: os problemas funcionais, sociais e meio-ambientais, o problema da habitação e o problema dos serviços urbanos.

13 Ascher, [1995]: 180

14 Jacobs, [1961]: 495
"As cidades são o problema, porém são capazes de produzir a solução." Castells & Borja, 1997: 205

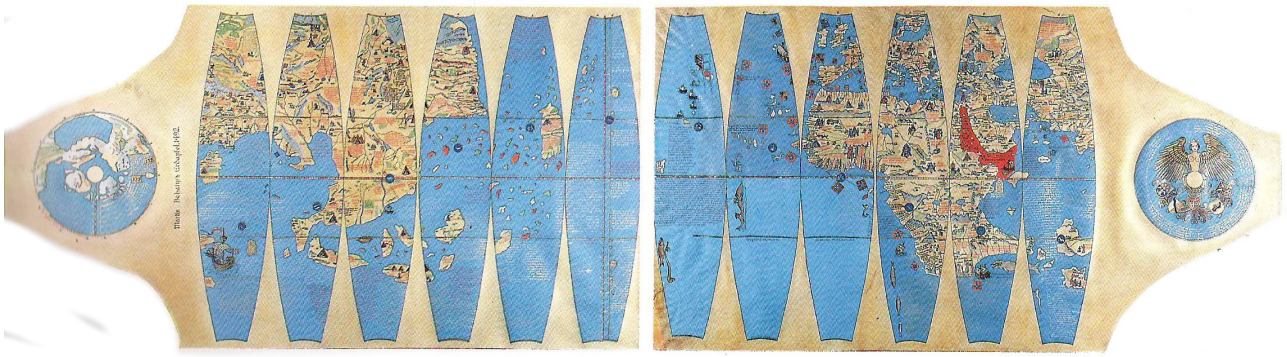


fig.3 Maçã terrestre (1492),
Martin von Behaim



fig.4 Novae insulae (1540),
Sebastián Münster

1.2 A Descoberta da América

Eis a América, o continente impõe-se. É constituído por todas as presenças que animam no crepúsculo o horizonte nebuloso da baía; mas, para o recém-chegado, esses movimentos, essas formas, essas luzes, não assinalam províncias, nem aldeias, nem cidades; não significam florestas, pradarias, vales ou paisagens; não traduzem as diligências ou trabalhos de indivíduos que se ignoram mutuamente, cada um deles fechado no horizonte limitado da sua família e da sua profissão. Tudo aquilo vive uma existência única e global. O que me envolve por todos os lados e me esmaga não é a diversidade inesgotável das coisas e dos seres, mas uma única e formidável entidade: O Novo Mundo.[15]

A descoberta de um continente entre a Europa e a Ásia trouxe novos significados ao pensamento europeu. A Europa passou a sonhar com outro paraíso para além do antigo mundo oriental: *o Novo Mundo*, *o el Dorado*, a *Terra Prometida;* onde as utopias se realizam na vastidão sem limites como uma tábula rasa ou onde se testam como um laboratório. Deste novo ângulo – a Europa entre a Ásia e a América, que até então vivia nas sombras do continente asiático – e desta nova relação *de descobrir para se descobrir*[16] poderíamos, por um lado, afirmar que *a descoberta da América foi a descoberta da Europa*[17]. E que, por outro, o descobrimento da América e o seu imaginário levaram à sua invenção, à *Invenção da América*[18]. Posteriormente, no século XX, a América representa o exílio[19], acolhendo os perseguidos pela fome, pela guerra e pelos regimes autoritários; estes últimos viriam a eclodir anos depois, a meados do mesmo século, na América Latina, invertendo o sentido da migração. E desde a sua colonização que a América Latina acolhe, também, a cultura europeia, sendo, por isso, vista como um reflexo da Europa, um espelho ou então, como uma mimese.

O que é o âmago deste continente, espelho quebrado, se não ser ele mesmo um laboratório de ideias, externo e, no entanto, contido? O remoto é em si mesmo uma forma de auto-distanciamento não artístico, uma eliminação in situ de qualquer forma do ser, e uma razão para um permanente alheamento que deve compensar ao converter-se num meio de permanência por si mesmo, constituído por grandes quantidades de grandeza fictícia e alimentado pelo destino inevitável da novidade perpétua da que nunca cumpriu.[20]

15 Lévi-Strauss, [1955]: 74

16 "A criança precisa de ter ESPAÇO para descobrir e se descobrir, para se ver ao espelho, no OUTRO, nos outros, para que alguém lhe possa estender as mãos, para que ela receba a mensagem da cultura, para que a criança possa adquirir sabedoria, para que possa ter um nome, pôr nomes e criar OBRA que contribua para enriquecer o património cultural da comunidade." Santos, 1973: 312

17 Canella, 1992: 6

18 "Em 1958 o mexicano Edmundo O'Gorman publica La invención de América. El universalismo de la cultura del Occidente. Anteriormente tinha escrito o volume La idea del descubrimiento de América. Neste livro joga com a palavra *invención/descubrimiento* que depois vai ser frequente na língua inglesa onde se fala da invenção da tradição, da invenção da etnicidade, da invenção de qualquer coisa. Em espanhol é diferente, porque ela não é uma palavra habitual entre nós, mas tem uma longa progenie na historiografia onde se fala da chegada de Colombo ao que seria chamado América como a invenção das Índias. *Invenio* é naturalmente a raiz latina de inventar. Mas nos dicionários é frequente ver que a sua primeira definição seja descobrir, e, baseado neste jogo de palavras, para O'Gorman a invenção da América é ao mesmo tempo o seu descobrimento e o seu imaginário." Fernández, 2006: 80

19 "A América Latina, terra de imigrações. Durante o século XX foi-se convertendo em área de emigrações." Castells & Borja, 1997: 114

20 Najle, 2011: 61

1.3 Período Colonial

A história urbana mostra também como os padrões antecedentes informam, com maior ou menor determinação, as transformações e expansões que lhes sucedem, apesar das alterações dos respectivos contextos. As cidades mantêm, em fases sucessivas da sua evolução traços de anteriores estruturas sintácticas, muito básicas e de longa permanência – sobretudo os de natureza funcional ou simbólica mais estruturante – como essas estruturas presentes no terreno ainda condicionam, pela continuidade ou pela sua negação, os traçados posteriores, mesmo que estes interpretem modelos de urbanização dissonantes. Uma parte significativa dessas fundações constituiu a base para a rede urbana principal, que estruturou os territórios nas etapas coloniais e pós-independências e que sempre estão na base das grandes metrópoles ou megapolis actuais.[21]

O modelo espanhol de cidade, nascido aquando da colonização do continente americano, foi um feito tão importante quanto a escala e a extensão da empresa fundadora pois condicionou, em grande medida, a morfologia urbana de todo o subcontinente. Torna-se então pertinente estudar a sua génese e desenvolvimento através do seu projecto ou, nas palavras de Nuno Portas, "traçado de chão"[22] para *[...] descobrir as suas permanências para entender as transformações dos sucessivos preenchimentos edificados dos palimpsestos*[23] *que os tempos foram sobrepondo*[24]. Para tal procede-se a uma breve análise da infra-estrutura, das morfologias, da edificação genérica, dos monumentos singulares e da paisagem.

As cidades de fundação ou de colonização interna ou exterior são em geral excelentes casos laboratoriais para perceber os "códigos genéticos" mais profundos ou estruturais e por isso mais perenes – distinguindo-as dos mais epocais ou singulares.[25]

1.3.1 Explorações

Em 1492 Cristóvão Colombo, apoiado pelos reis de Espanha, viaja para a Índia numa nova rota – indo para oeste em vez de contornar o continente africano – descobrindo a América. Logo após a descoberta iniciam-se as explorações da costa do continente americano e em pouco mais de quatro décadas o litoral americano, incluindo as ilhas com a excepção do extremo sul ocidental da América do sul, foi cartografado.

Nas duas primeiras décadas do século XVI, a América era apenas um arquipélago, as actuais Antilhas, onde se estabeleceram trinta núcleos de carácter precário e cuja capital administrativa era a cidade de Santo Domingo. Só em 1519, os exploradores espanhóis chegam a *Terra Firme* – a América central continental – onde entraram em contacto com

21 Portas, 2000b: 29

22 *Idem*: 27

23 Pergaminho cujo manuscrito os copistas medievais raspavam para sobre ele escreverem de novo, mas do qual se tem conseguido, em parte, fazer reaparecer os caracteres primitivos. "Assim, uma vez mais, as cidades demonstram capacidade para sedimentar as diferentes camadas da sua história, isto é, a sua função de palimpsestos: pergaminhos que não mudam mas acolhem sucessivamente escritos diferentes." Ascher, [2001]: 30

24 "As cidades reais são feitas, desfeitas, e refeitas por dinâmicas próprias, nem sempre coincidentes, dos vários níveis constituintes da formação urbana – desde a infra-estrutura às morfologias e à edificação genérica até aos monumentos singulares e às paisagens que a integram. O importante para interpretar os processos temporais que determinam a dinâmica das cidades é entender o que em cada nível pode mudar, por transformação ou extensão, e o que permanece por conservação total (rara) ou parcial (mais frequente)." Portas, 2000b: 27

25 *Idem*: *Ibidem*

grandes culturas autóctones[26]. Nesta altura, a Coroa Espanhola toma consciência da magnitude e importância do Novo Mundo e desenvolve uma ampla política de fundação de cidades, elementos fundamentais para garantir o seu domínio sobre os novos territórios. Doravante, ao objectivo de explorar junta-se o de conquistar para colonizar. Do México e do Panamá partem expedições para explorar a costa americana seguindo em direcção a norte e a sul, tanto na orla do Pacífico como na do Atlântico. A sul, chegam à costa do Peru, conquistam o Império Inca e fundam várias cidades; após a conquista de Cusco avançam da costa para o interior[27] do continente. Este processo de conquista através de fundações de cidades foi consideravelmente rápido visto que em 1580 as principais cidades – Caracas, Bogotá, Quito, Lima, La Paz e Santiago do Chile – já tinham sido fundadas.

As fundações espanholas, de penetração e domínio do território, na sua implantação, tiveram fundações de antecedentes directos, assentamentos indígenas existentes.[28]

Os assentamentos das populações pré-colombianas[29] eram, por vezes, parcialmente aproveitados pelos conquistadores espanhóis[30]. Estes associavam a localização das novas cidades à secular organização pré-existente, nascida de uma sábia adaptação ao meio[31], beneficiando das infra-estruturas locais e regionais (regadios e vias). No entanto, o processo fundador não se limitou a esse aproveitamento nem à reprodução da rede urbana pré-existente na medida em que os objectivos da conquista não coincidiam com os das comunidades autóctones. Em primeiro lugar, pretendia-se o controlo da exploração agrícola e mineira, o que levou os exploradores a regiões ainda pouco desenvolvidas agricolamente e sem minas até à data, e portanto, alcançaram territórios ainda não urbanizados; e em segundo lugar, pretendia-se a comunicação dos centros de exploração com a metrópole[32] criando assim vários portos pelo litoral americano.

A cadeia de fundações do Império Espanhol estendeu-se desde a Califórnia até à Patagónia sendo as primeiras realizadas nas ilhas das Caraíbas e as mais tardias, já no século XVIII, por todo o território continental.

---

26 Estas grandes culturas desenvolveram-se independentemente umas das outras havendo duas vastas unidades políticas de características imperialistas e militares, os Astecas na parte central do continente e os Incas na costa ocidental do sul. O Império Asteca teve um desenvolvimento urbanístico durante os séculos XIII, XIV e XV com cidades de mais de 300.000 habitantes. Os seus aglomerados mostram uma grande habilidade para a organização imponente de elementos cerimoniais centrais como praças, templos, palácios, gradas ou plataformas, cuja composição como base eixos perpendiculares; nalguns casos, as áreas residenciais formavam uma retícula ortogonal. O Império Inca tinha alguns assentamentos importantes habitados em 1518 apesar dos espanhóis terem encontrado ruínas em terras andinas. Cusco era quase uma aldeia até 1200 e só a partir de 1439 sofre uma remodelação que a dota de ruas rectas. Uma outra cultura, a do Império Maia, já tinha desparecido restando apenas as ruínas dos seus centros cerimoniais - construídos com o hábil aproveitamento das condições topográficas, ambientais e visuais da implantação. Terraplanos, plataformas, taludes, tanques e canais, enquadravam uma variedade de grandes volumes arquitectónicos, ordenados segundo sábias composições axiais ortogonais. Sem razões conhecidas, foram abandonados durante o século IX e ressurgiram, com novo impulso, no século XII em *Yucatán* desintegrando-se na segunda metade do século XV.

27 Para o planalto andino da Bolívia; para o noroeste da Argentina; para o norte e para o centro do Chile; a partir das costas das actuais Venezuela e Colômbia para a savana bogotana onde confluíam as expedições provenientes de Quito, Equador.

28 Terán, 1997: 14

29 Anteriores à chegada de Colombo, anteriores à colonização.

30 Excepto os impressionantes conjuntos monumentais que, na sua maioria, ficaram à margem do novo processo urbanizador.

31 Terán, 1997: 14

32 Nação colonizadora, sede do império, neste caso Espanha.

1.3.2 "Urbanizar" para Conquistar

*Antes de ser **desenho**, a forma urbana é **desígnio**, visão política ou estratégica.*[33]

A conquista espanhola realizou-se *através da instalação de uma rede urbana estável de colonização (à romana) de assentamentos, não só portuários mas de hinterland.*[34] Esta ocupação do território fez-se segundo um esquema político-económico planificado que visava responder à necessidade de, por um lado, estabelecer um sistema de comunicação com a metrópole – criando portos – e, por outro, de criar uma *cadeia de cidades enclave*[35] – testas-de-ponte na penetração mais profunda do território – que administrariam grandes regiões.

O desenvolvimento destes assentamentos como devia responder a um projecto político -económico não esteve, na maioria das vezes, em relação directa com as realidades geográficas e climáticas do lugar, tratando-se de uma *perspectiva global sobreposta aos acidentes nos cenários naturais*.[36]

Quanto às realidades culturais, o projecto urbanizador visou a dominação ou suplantação das grandes civilizações urbanas americanas existentes, *interrompendo, desviando, modificando, submergindo ou anulando, segundo os casos, até chegar ao quase esvaziamento dos seus significados próprios.*[37] A localização das cidades coloniais em antigos assentamentos pré-hispânicos pretendia controlo dos indígenas usando-os como força de trabalho. Na periferia das novas cidades criou-se outro tipo de assentamento distinto da cidade colonial que servia os objectivos de evangelização: as missões ou aldeias de índios onde se fazia a *redução*[38] dos indígenas à cultura espanhola. Estes aglomerados seguiam o seu próprio modelo urbano, eram constituídos por uma grande edificação comunal para a igreja, o colégio, os escritórios e armazéns, em frente, um enorme espaço central ao redor do qual se organizavam as habitações com uma distribuição ortogonal. Estas edificações, pelas suas grandes dimensões e sentido comunal entre missionários e autóctones, adquiriam um carácter utópico.

A proeza alcançada pela conquista espanhola de unificar este imenso território, de grande variedade geográfica e pluralidade cultural, deveu-se a três factores segundo o historiador espanhol Fernando Chueca Goitía:

O cristianismo, a língua e a arquitectura são os três grandes legados deixados por Espanha a esse vasto continente. A religião é o diálogo com o mais além; o idioma, as culturas pré-colombianas e a arquitectura é uma expressão do novo ecumenismo. Sem estes três factores, sem estas três linguagens, o vasto mundo americano não poderia ter sido estruturado. A sua força de atracção é tão grande que ao todo o reduz à unidade: é uma religião, uma língua e uma expressão artística genuína. [39]

---

33 Portas, 2000a: 31

34 *Idem*: *Ibidem*. *Hinterland* é uma palavra alemã que significa "terra atrás de". O termo refere-se à "terra à volta de" ou ao "interior" de uma região costeira associada a um porto, através do qual exporta os seus recursos; também pode referir-se ao um território que sustenta uma cidade.

35 Waisman & Naselli, 1989: 10

36 Portas, 1994: 16

37 *Idem*: *Ibidem*

38 Submissão das populações indígenas através da sua evangelização ao domínio espanhol.

39 Chueca Goitía *cit*. Liernur, 1990: 7

A unidade derivada desta visão sincrética do subcontinente pode-se tornar muito redutora da realidade latino-americana, chegando inclusivamente a ser contrária à percepção de diversidade de quem por ela viaja. Talvez encarando estes factores como uma estrutura que se justapõe a outra e que, por sua vez, recebe as estruturas vindouras seja uma análise mais próxima da sua realidade. O domínio espanhol gerou unidade, mas esta não é necessariamente homogénea.

Contudo, uma tradição cultural, seja esta primitiva ou desenvolvida, não desaparece pela simples imposição de uma nova. Este mundo dominado "contaminou" por sua vez, com maior ou menor força, a cultura dominante, e daí as diferenças perceptíveis que identificam as diversas regiões do subcontinente.[40]

A imposição dos modelos culturais, particularmente o religioso, dos conquistadores sobre estes povos, que *de dominadores passaram a ser dominados por forças que não compreendiam*[41], alterou definitivamente a tradição cultural destes. Embora alguns povos conseguissem conservar boa parte das suas tradições, estas ficaram misturadas com novas formas e novos valores. E eles, ao perder a sua cultura e identidade, tornaram-se, assim, desterrados na sua própria terra. Esta ruptura cultural somada às futuras migrações transatlânticas irá produzir nas *gerações posteriores um sentimento de angustiado questionamento da própria nacionalidade*[42].

Papel da cidade

O desígnio hispânico socorria-se da longa tradição das civilizações mediterrânicas do urbanismo de conquista (helenistas, etruscas, romanas, africanas ou europeias, maiorquinas,...) que a partir do mítico Hipodamus tinham "patenteado" um modelo prático para cidades de nova implantação, que pudessem ser relativamente grandes, desde o seu começo, e ainda pudessem crescer, mantendo a mesma estrutura e identidade ao longo do tempo. [43]

Escolha do sítio

Neste processo colonizador da Coroa Espanhola é de sublinhar o papel das cidades. Localizadas, como já referido, *próximas às cidades pré-colombianas conquistadas – cujas populações, sobreviventes e convertidas se integrariam em* reducciones[44] *por* dameros[45] *– na longínqua tradição urbanística das fundações coloniais mediterrânicas (helenistas, romanas, baleares...)*[46] e concebidas como cidades-região, ainda antes das normativas de Carlos I de Espanha[47] em 1523 ou das *Ordenaciones*[48] de Filipe II em 1573, foram núcleos

40 Waisman & Naselli, 1989: 10

41 Idem: Ibidem

42 *Idem*: 16

43 Portas, 2000b: 33

44 Reduções de índios ou missões, realizavam o objectivo de evangelização dos índios e a sua submissão à cultura colonizadora.

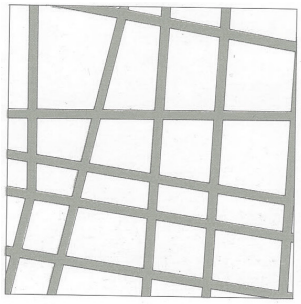
45 Tabuleiro para o jogo de damas; a que se assemelha o modelo espanhol de cidade pelos quarteirões quadrados. Supõe a formalização paradigmática da cidade colonial assumida na linguagem comum.

46 Portas, 2000a: 24

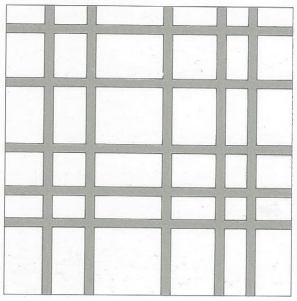
47 "Y cuando hagan la planta del lugar, repártanlo por su plazas, calles y solares a cordel e regla, comenzando desde la plaza mayor, y sacando desde ella calles a las puertas y caminos principales, y dexando tanto compás abierto, que aunque la población vaya en gran crecimiento, se pueda siempre proseguir y dilatar la misma forma." Carlos I de Espanha em 1523 cit. Terán, 1997: 15

48 Desde este texto até às Ordenanzas de Felipe II de Espanha em 1573, que repetem a mesma fórmula, desenvolvem-se numerosas precisões formais, no entanto há poucas indicações da Coroa sobre a forma da cidade. A normativa de Carlos I não leva necessariamente a uma planta

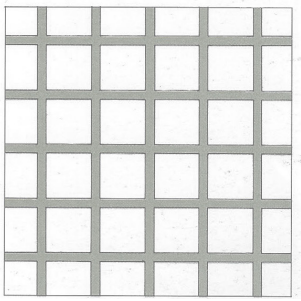
fig.5 Malha urbana, relação entre a rua e o quarteirão



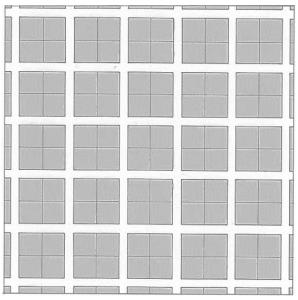
Esquema recticular



Esquema recticular ortogonal



Esquema quadrícula



Divisão dos quarteirões em quatro partes (solares)

estáveis para a defesa, para a concentração comercial, para o desenvolvimento administrativo, para a difusão da cultura, para a exploração de recursos, para a produção exportável de matérias e para a continuidade da penetração no território. As distâncias tornaram escassa a rede de caminhos terrestres e os elevados custos de transportes fizeram com que as cidades fossem, necessariamente, auto-suficientes. Estas características levaram à escolha de sítios mais planos e à posterior adopção de traçados regulares de ruas e de praças com formas rectilíneas.

Embora, algumas destas fundações, se tenham originado de forma aleatória, às vezes sem acto fundacional, e a sua planta seja um produto irregular do crescimento espontâneo, a maior parte delas foram fundadas e traçadas a cordel (muitas ainda, a sua planta é desenhada previamente no plano correspondente, que actuava como projecto).[49]

Morfologia

Numa primeira fase, antes da descoberta e conquista da Nova Espanha[50], a maior parte dos estabelecimentos nas ilha das Caraíbas, careciam de uma clara intenção de regularidade[51]. Apesar desta carência, os núcleos mais importantes deste período, Santo Domingo e Santiago de Cuba, passagem obrigatória para os novos povoadores chegados de Espanha, tinham já traçados de carácter semi-regular organizados em função de uma praça maior. Após a chegada a *Terra Firme*, o acto fundacional é acompanhado do desenho do traçado da cidade e da distribuição de terrenos aos povoadores. Paralelamente ao processo fundacional dá-se o processo de formação[52] do modelo urbano colonial espanhol.

As cidades hispano-americanas possuem, na sua maioria, um traçado regular, ruas rectas que se cruzam formando quarteirões trapezoidais, rectangulares ou quadrados, da repetição deste último caso surgem os termos *quadrícula espanhola*[53] e *damero*. Quando um dos quarteirões centrais fica livre de edificação porque foi convertido em praça maior, *pode individualizar-se o tipo, que foi chamado de «modelo clássico da cidade hispano-americana»*[54]. Lima, capital do vice-reinado do Peru, fundada em 1535, foi a primeira realização do modelo. Aqui, o quarteirão rectangular torna-se quadrangular, a malha traduz-se numa quadrícula, cada quarteirão divide-se em quatro partes iguais e numa praça central "praça maior" localizam-se os edifícios mais representativos. A consolidação do modelo dá-se na primeira metade do século XVI, não querendo com isto dizer que não haja variações e modificações do modelo, nestes casos, a diversidade de formas tamanhos e proporções provém do afastamento do modelo perante a realidade ou da procura deliberada da variedade em si mesma.[55]

determinada e o texto de 1573 apareceu quando a maioria das cidades principais já tinham sido fundadas e a quadrícula já se impunha maioritariamente como modelo principal para o traçado fundacional.

49 Terán, 1997: 15

50 Vice-reinado da Nova Espanha. Região administrativa que corresponde ao território da América Central enquanto colónia espanhola.

51 Os assentamentos apresentam-se, frequentemente, com falta de ortogonalidade e regularidade, sem ruas rectas ou paralelas e com quarteirões de formas e tamanhos diferentes.

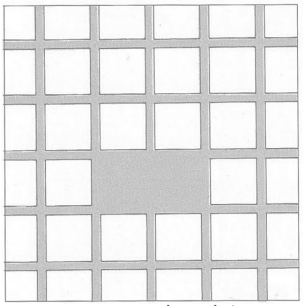
52 Aproximações ao modelo quadriculado, no processo histórico da formação deste, são tentativas e sondagens mais ou menos titubeantes.

53 Terán, 1997: 15

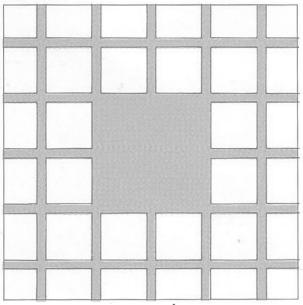
54 *Idem*: *Ibidem*

55 Por exemplo, a praça pode sofrer um desvio do centro ou uma alteração na sua forma. Nas cidades portuárias, a importância do porto absorve a função da praça e esta ou deixa de existir no caso de se situar longe dele ou aparece-lhe contígua: o centro da cidade desloca-se para o

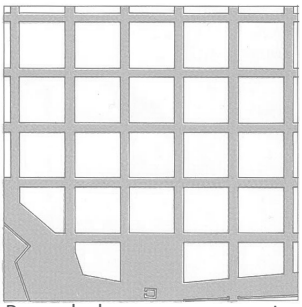
fig.6 Variação da Praça Maior



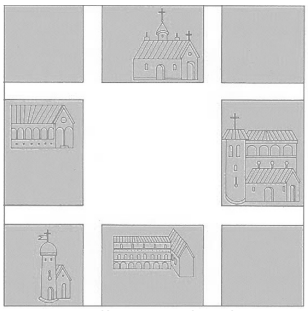
Praça corresponde a dois quarteirões por edificar



Praça corresponde a quatro quarteirões por edificar



Praça desloca-se para o porto.



Praça acolhe as sedes das instituições administrativas e religiosas

Rua, Quarteirão e Praça

A rua, faixa longitudinal à volta dos seis metros de largura, e os cruzamentos com as ruas que lhe são perpendiculares, separados por distâncias de cerca de cem metros, asseguram a mobilidade e a inter-relação entre o todo e as partes da cidade e formam o espaço público, ao que se somará a praça, da cidade. O espaço entre as ruas é o espaço privado que resulta em quarteirões. Este está dividido regularmente e será o solo urbano atribuído em forma de propriedade para os colonizadores. O traçado de quarteirões quadrados, que em muitos casos superam os cem metros de lado, e a divisão em quatro partes iguais dá origem a solares com mais de três mil metros quadrados e à formação de um primeiro plano de cidades muito pouco densas. A sucessiva partição dos solares por uma tipologia doméstica baseada no pátio dá origem a quarteirões compactos nos seus limites e quase vazios no seu interior. O tecido urbano é uniforme sendo a altura dos edifícios quase nunca superior a dois pisos, é somente interrompido pelas torres das igrejas e conventos. Posteriormente, com a multiplicação dos usos e das actividades urbanas que fazem crescer a edificação até ao interior dos quarteirões, forma-se um tecido urbano compacto e esponjoso, perfurado por pátios, pequenas hortas e jardins.

O traçado e, se possível, a realização do espaço público deviam sempre preceder a edificação, de cujo momento, emergência e diversidade arquitectónica era independente. Regra tão elementar que assegura a delimitação do espaço público e do privado e a continuidade do presente e do futuro. [56]

A praça – conhecida como Plaza Mayor, Plaza de Armas ou simplesmente la plaza – aparece em todas a fundações espanholas na América, desde os pequenos núcleos rurais até aos grandes centros administrativos. É o elemento estrutural fundamental, o centro geométrico, vital e simbólico. Está perfeitamente inserida na quadrícula, em geral, porque é simplesmente o resultado de um quarteirão por edificar e não se podendo, portanto, entender como independente. Faz parte pois é o seu elemento gerador, toda a cidade se organiza a partir dela. É o espaço aberto ao qual afluem todos os habitantes da cidade como lugar de encontro e troca; lugar de exercício das funções sociais, desde as derivadas do exercício do poder até às de diversão, de recreio; espaço de confluência de caminhos e ponto de máxima flexibilidade. À sua condição de centro de actividades une-se a condição de centro simbólico, na medida que acomoda os edifícios singulares da administração e da religião. Ali se faz justiça, se celebram os festejos, se negoceia e se administra. Possui, assim, um carácter militar, religioso, mercantil e político. Nela influi toda a vida e riqueza da cidade, tornando-a o lugar de maior prestígio e por isso se media a proeminência social dos habitantes pela proximidade das habitações à praça[57].

limite costeiro da mesma. A forma da praça pode deixar de ser o vazio de um quarteirão e passar a ser o vazio de dois ou mais quarteirões, tornando-se rectangular. O espaço da praça pode ser irregular, a praça pode não ser nem quadrada nem rectangular devido à irregularidade das ruas que dela saem. A praça pode ser independente da quadrícula, quando as suas esquinas são fechadas, porque deixa de ser a não edificação de um quarteirão e passa a ser desenhada para esse propósito. As variações das praças podem ser consideradas variações do modelo, uma abstracção que na realidade se apresenta de forma imperfeita, aproximadamente ou voluntariamente alterada.

56 Portas, 2000a: 25

57 De acordo com a instrução de Fernando II de Aragão ao explorador Pedrarias Dávila, em Valladolid a 2 Agosto de 1513: "habreis que repartir los solares del logar para hacer las casas, e estos han de ser repartidos según las calidades de las personas e sean cominzo dados por orden; por manera que fechos los solares para la plaza, como el logar que hobiere a iglesia, como en el

Se não houve, no seu delineamento, exigências requintadas de carácter estético, houve, todavia, uma clara coincidência quanto ao que devia ser o coração vital e representativo da cidade, aquilo a que modernamente chamaríamos de centro cívico à volta da Praça Maior. Os colonizadores demonstraram uma visão clara das funções e significado da referida praça, até ao ponto de se poder afirmar o interesse urbanístico dos traçados, se concentra nesse lugar representativo. Sem as praças maiores e os edifícios monumentais que as rodeiam, faltaria às cidades hispano-americanas o seu carácter próprio, bem como o impacte que ainda hoje provocam. Sob este aspecto, superam, inclusivamente, as da metrópole, em relação às quais não se costuma indicar a praça como factor preponderante e dominador. Têm mais semelhança com as cidades de Itália em que a praça é tudo.[58]

1.3.3 A Norma Oficial

Desde 1513 que a Coroa Espanhola enunciava as vantagens de um traçado regularizado de ruas e praças antes de iniciar a construção de uma nova cidade. Em 1573 Felipe II promulga as *Ordenanzas de descubrimientos y población* ou Lei das Índias, com claras precisões sobre a forma da cidade, o traçado das ruas e da praça maior, a localização da igreja e dos edifícios de governo e sobre o desenho das casas. Embora constituam um valioso código político urbanístico, nas suas disposições formais recolhem o resultado de uma experiência já realizada na prática, sem normativa oficial. Podemos então concluir que a prática precedeu a norma configurando-a à posteriori e quando a norma não segue a prática, isto é, disposições formais produto de reflexões teóricas idealizadas e abstractas, não chega a ter aplicação[59]. Estas instruções urbanizadoras da Coroa espanhola, ditando a forma de organização e as características fundamentais das fundações, podem-se considerar como a construção do *modelo oficial, modelo de cidade*[60] cuja definição do modelo clássico estabelece a originalidade histórica do mesmo.

Com esse modelo, os mediterrânicos fizeram cidades fora das respectivas metrópoles, que aliás tinham características opostas àquelas em que viviam, resultado de sucessivas sedimentações. [61]

O modelo das cidades hispano-americanas contrasta também das da metrópole em termos de magnitude e densidade. Se por um lado as primeiras têm uma incrível magnitude, compostas por grandes parcelas demarcadas sobre um vasto território, por outro, a sua densidade é bastante inferior às segundas, quando comparado o tamanho global dos diferentes tipos de fundações de XVI[62] com igual número de parcelas. Estas discrepâncias remetem para a condição das fundações concebidas como resposta rápida e, portanto, funcional a distintos desígnios.

---

orden que tovieren las calles; porque en los logares que de nuevo se facen dando la orden en el comienzo sin ningún trabajo quedan ordenados e los otros jamás se ordenan." Fernando II de Aragão *cit*. Terán, 1997: 21

58 Chueca Goitía, [1968]: 116

59 Por exemplo, a proporção da praça maior que deveria ser concebida na tradição vitruviana de 1 para 1,5 e nunca foi posta em prática. Esta mesma praça deveria ter doze ruas a sair dela: oito ruas a sair dos quatro cantos da praça e quatro ruas a sair pelo centro de cada lado da praça. Isto seria contraditório com a simplicidade e clareza da forma porque os quarteirões que limitam a praça teriam diferentes proporções aos do resto da cidade. Terán, 1997: 16

60 *Idem*: *Ibidem*

61 Portas, 2000b: 33

62 Menos de 2 habitantes por hectare enquanto as cidades espanholas dos séculos XII ao XV tinham entre 65 e 90 habitantes por hectare.

Referentes vs Pragmatismo

Ao que sabemos, não eram cidades "ideais" ou "utópicas", eram sim concepções pragmáticas que logo se alteravam na sua regularidade e dimensões em face dos dados locais, das necessidades de defesa e dos recursos disponíveis. Já muito antes, Atenas cidade dispersa (mais urbis que civitas) ou Roma cidade densa de acumulações de partes, representavam contramodelos das respectivas criações coloniais, de Mileto a Timgad.[63]

As *Ordenanzas* contêm algumas das ideias do Renascimento e, por sua vez, influências de Vitrúvio, mas estas não chegaram a concretizar-se. Se estas influências não foram aplicadas fará então sentido fazer interpretações renascentistas aludindo a cidades ideais utópicas ou falar em modelos romanos legionários ou civis como referentes do modelo?

Desde a Antiguidade que um tipo de traçado foi muito usado na fundação de novas cidades seguia um plano regular mais ou menos ortogonal, mais ou menos quadriculado. O Império Grego e Romano são disso exemplo. Este último, aliás, deixou as suas marcas em numerosas cidades ibéricas. Também no período medieval, as fundações de novas cidades, *bastides*, empregaram traçados geométricos simples de aproximação à ortogonalidade. No caso espanhol, *estes traçados foram considerados signos da marca cristã perante a labiríntica configuração das cidades hispano-muçulmanas*[64]. Salienta-se assim, a tradição da ordem regular, nem sempre conseguida, adoptada pelos reis católicos de Espanha[65] pouco antes da chegada de Colombo à América. Além desta perspectiva diacrónica verifica-se também o carácter universal dos traçados regulares de tendência ortogonal pois os assentamentos indígenas que os espanhóis encontraram à sua chegada estavam ordenados a partir desse modo; *quer através da simples perpendicularidade de uns eixos principais quer na forma quadrada ou rectangular dos espaços urbanos, interiores ou dos perímetros ou malhas ortogonais*[66]. Pode não ter existido uma só influência mas várias, referências vindas das práticas, das experiências e das teorias europeias com as práticas indígenas. No entanto, para Nuno Portas não faz sentido falar de referências pois considera que as coroas ibéricas da altura tinham *uma cultura urbana difusa, não erudita nem especializada*[67] , mas de conveniência e pragmatismo.

A regularidade geométrica é utilizada quando conveniente, era já então e continuava a sê-lo uma prática milenária que tinha atravessado regiões e épocas culturais tomando múltiplas variações de dimensões e intencionalidades, práticas e simbólicas.[68]

Os planos são simples e práticos, traçados a cordel e adaptados ao local. Não seguem um esquema radiocêntrico medieval ou ideal, mas um *esquema ordenado, impõe-se aí como se tinha imposto nas bastides de Maiorca dois séculos antes, pela sua adaptabilidade – ou indiferença – aos diferentes sítios pela sua rapidez de implantação no terreno, assegurando desde logo uma distribuição equitativa dos lotes urbanos ou das quintas suburbanas e fácil reprodução face às necessidades de extensão*[69].

63 Portas, 2000b: 33-34

64 Terán, 1997: 16

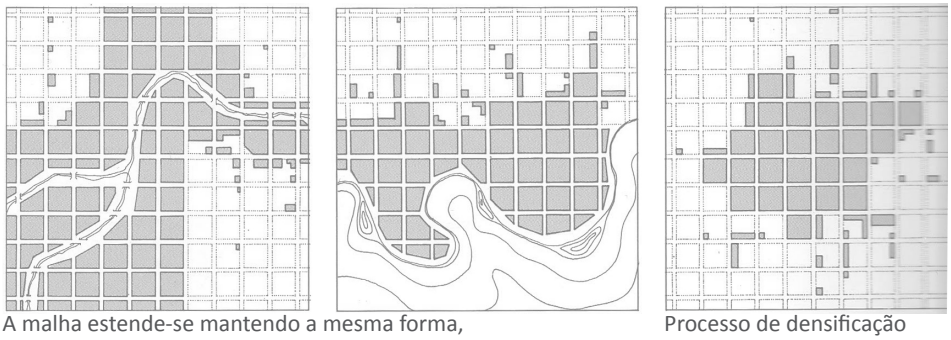
65 Fundações nas Ilhas Baleares e no sul de Espanha (Puerto Real e Santa Fé).

66 Terán, 1997: 16

67 Portas, 1994: 19

68 Portas, 2000b: 28

69 Portas, 1994: 20



A malha estende-se mantendo a mesma forma, independentemente da topografia.

Processo de densificação

fig. 7 Processos de extensão e densificação da malha urbana



fig. 8 Gravura da cidade de Lima, Peru, século XVII

Nos traçados das cidades hispano-americanas não encontramos nem uma grande variedade nem um desejo expresso de conseguir outra coisa que não fosse resultados práticos, facilidade de reimplantação, distribuição e defesa. Não encontramos a variedade dos esquemas especulativos dos tratadistas do Renascimento nem o seu desejo de beleza arquetípica. Estes traçados também não evoluíram durante o século XVIII para seguir as novidades europeias da cidade barroca. A quadrícula tinha alastrado com uma aceitação tão universal e unânime que não se considerava conveniente fazer qualquer mudança.[70]

1.3.4 Consolidação e extensão do modelo

A última fase deste longo período, que antecede os primeiros efeitos sensíveis da industrialização a partir de Oitocentos, corresponde à consolidação da estratégia territorial da colonização espanhola. Há uma evolução, cria-se uma rede de fornecimento de água, e um crescimento, de baixa densidade. A extensão sobre terrenos exteriores à cidade colonial é feita através do prolongamento da quadrícula, esta começa a demonstrar a sua capacidade de propagação para acolher o crescimento, de acordo com o previsto na, já citada, *Ordenanza de Carlos I.* Chega inclusivamente a saltar acidentes geográficos importantes como rios, barrancos, elevações, com grande indiferença para com os mesmos, continuando o seu prolongamento até ao outro lado e reduzindo ao mínimo o efeito de descontinuidade tornando-se, assim, canonicamente extensiva ou monótona.

Desenvolvimento, uso e materialização

O novo Impulso do XVIII

Ao longo do século XVIII a coroa espanhola viu o seu império ameaçado por novas potências – Inglaterra, França e Holanda – que pretendiam acabar com o monopólio comercial espanhol na América. Perante esta situação, Espanha reforma a sua política comercial e liberaliza o comércio, deixando de ser o intermediário entre as suas colónias e os mercados europeus. As colónias passam, então, a poder negociar directamente com as novas potências o que resultará num surto de desenvolvimento nos pontos de exportação.

Após a fragmentação dos domínios da Coroa Espanhola em nações independentes de Espanha, o desenvolvimento da cidade hispano-americana irá *integrando progressivamente os saberes civis e militares que conduziriam às "luzes" setecentistas e à proto-industrialização*[71].

70 Chueca Goitía, [1968]: 115-116

71 Portas, 2000b: 29

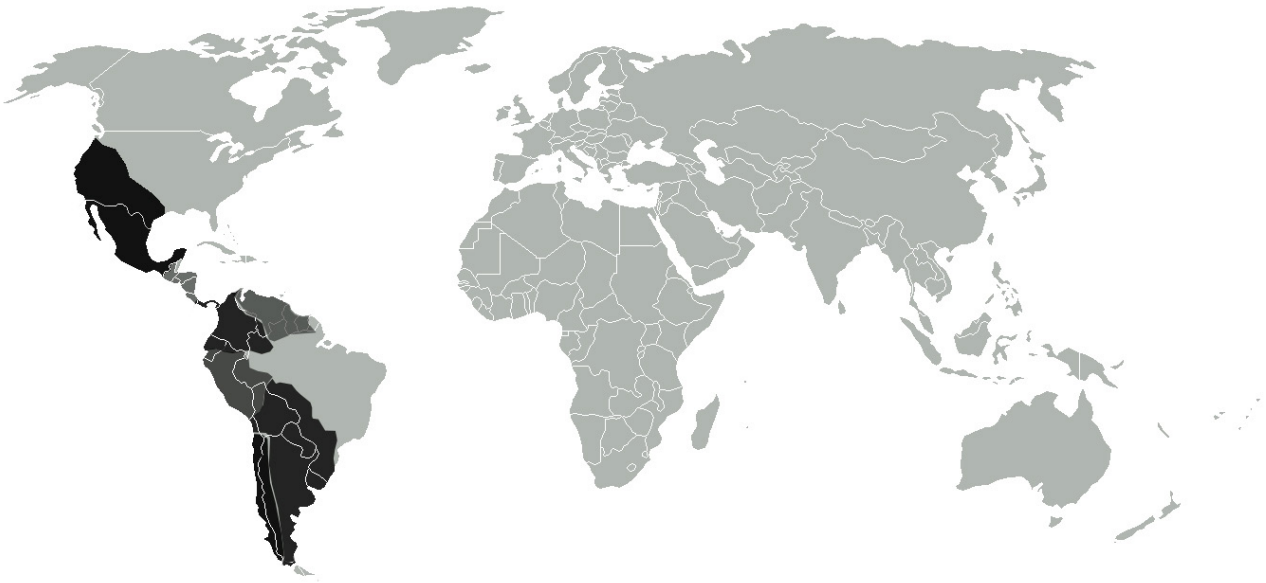


fig.9 Divisões administrativas do imperio espanhol no continetente americano: vicerreinados e capitanias.



fig.10 Comércio marítimo entre Valparaíso e a bacia do Pacífico em meados do séc. XIX

1.4 Período Republicano

Hoje, as Américas latinas celebram duzentos anos de independência conscientes da união inextricável de heroísmo e horror nas que ao fim ao cabo foram guerras civis, e conscientes também de que o desfecho supôs a substituição de uma dependência política por outra económica que condicionou o seu destino ulterior, desenhando um panorama fragmentado que se tornou fermento de revoltas generosas, guerrilhas sanguinárias e revoluções esgotadas.[72]

A América Latina celebrou em 2010 o bicentenário da sua independência. Os processos de independência foram longos e complexos, prolongando-se por mais de uma década, tendo como consequência a diversidade de repúblicas surgidas da luta com a Coroa Espanhola.

Se o primeiro centenário do início da Guerra da Independência espanhola e das guerras de emancipação americanas foram ocasião de reencontro – da Exposição Hispano-Francesa de Saragoça em 1908 à Exposição Internacional de Buenos Aires em 1910 –, o segundo pode trazer consigo revisões históricas que façam cambalear muitas mitologias patrióticas em ambos lados do Atlântico.[73]

1.4.1 Independência

"Independência ou morte."[74] Assim proferia o general Jean-Jacques Dessalines em 1803 no Haiti, então colónia francesa. Esta revolução que viria tornar independente o Haiti foi influenciada pelos ideais napoleónicos[75], ideais que viriam estender-se nesse século às colónias espanholas. As fronteiras das novas nações independentes respeitaram, em muitos casos, as divisões administrativas anteriores, vice-reinados e intendências. Noutros casos, foram-se subdividindo sucessivamente, devido a dissociações internas, até chegarem a estados de dimensão local contrariamente ao que havia acontecido no norte do continente, e ficando por isso conhecidos como os *Estados Desunidos da América do Sul*[76].

Esta divisão correspondeu muito menos à realidade das regiões ecológico-culturais do que aos interesses dos novos grupos de decisão que traçaram o seu próprio puzzle, tal como a ocupação do território na Colónia sobrepunha o seu projecto à realidade geográfico-cultural local pré-colombiana.[77]

A nova realidade dos estados emergentes, embora fragmentada e contrária ao sonho de Simón Bolívar[78] de uma América meridional como nação única independente, partilha, no entanto, a vontade de ruptura cultural com o passado colonial, a nova dependência económica e cultural da Europa bem como as transformações urbanas comuns das suas principais cidades.

72 Fernández-Galiano, 2009: 3

73 Fernández-Galiano, 2009: 3

74 Proclamação da independência por Jean-Jacques Dessalines, general em chefia na Revolução Haitiana em 1803. José Luis Romero, 1977 *cit.* Fernández, 2006: 25

75 Liberdade, igualdade e fraternidade.

76 Bilbao, 1986 *cit*. Fernández, 2006: 34

77 Waisman & Naselli, 1989: 12

78 Simón Bolívar e José Martín foram os responsáveis pelas guerras de independência das colónias espanholas e foram, por isso, considerados os libertadores da América. Os pensadores Sucre e Martí também partilhavam o sonho da colónia espanhola independente e una.

1.4.2 Ruptura e Dependência

Ruptura cultural

A vontade de ruptura e descontinuidade cultural nascidas da rejeição de dependência de Espanha levaram à importação de novos modelos culturais, nomeadamente os de outros países da Europa Ocidental, introduzidos nas novas necessidades sociais e políticas assim como nos novos edifícios representativos da República.

As nações emergentes deverão equipar os seus estados com os edifícios símbolo do sistema republicano; casa de governo; legislaturas; palácios da justiça; e ministérios se erguerão como testemunho insubstituível do carácter nacional, mesmo que as suas arquitecturas expressem uma proposta clássica ou historicista absolutamente alheia à da tradição local.[79]

A substituição dos antigos símbolos do poder real espanhol pelas novas construções representativas da República é quase total, os cabildos são demolidos para erigir os novos recintos do poder e na sua arquitectura *o neo-classicismo francês sucede herança colonial*[80]. A modificação da paisagem urbana reflecte a transformação dos padrões sociais e culturais da população, embora esta seja empreendida por técnicos especializados provenientes de Inglaterra, de França, de Itália, da Alemanha e dos Estados Unidos da América. Estas transformações só se realizaram na segunda metade ou finais do século XIX devido à fragilização das economias durante as longas lutas pela independência, guerras civis e fragmentações regionais; mais precisamente após 1870. Até aqui, a centralidade, o traçado e a paisagem da cidade colonial mantêm-se tal como a persistência de modos de vida que não se tinham alterado significativamente ante a necessidade ideológica de uma revolução, coexistindo assim a leitura de persistência com a vontade de ruptura.

Ruptura como negação factual de uma realidade odiada, ruptura como projecto utópico de suplantação integral e genérica, ruptura como necessidade de ensaio de novos caminhos, ruptura como busca de destruição para construir novas formas de dependência.[81]

Ruptura também através de elementos anti-históricos, provenientes do Iluminismo, para a configuração de um novo modelo, baseado apenas na realidade e, portanto, rejeitando o passado. A arquitectura devia expressar o *espírito da época*[82] e negar as origens. O desejo do progresso e do desenvolvimento virá mascarar esta realidade. As elites americanas almejando viver a realidade europeia, civilizada, acabam por ignorar a sua. Inicia-se assim um novo processo de europeização associado a uma nova leva de imigração europeia.

Dependência cultural

O sistema de pensamento baseado nesta modalidade intelectual afastou um processo de construção histórico de alguns séculos, reduziu a dinâmica de transculturação e integração criativa e expôs uma nova dialéctica que assegurava as formas modernas de dependência cultural, social e económica: «Civilização (Europa). Barbárie (América)» sintetizava a equação com que Domingo Faustino Sarmiento (autor de uma das mais notáveis utopias urbanísticas americanas, «Argirópolis») enquadrou o perfil das opções continentais.[83]

79 Gutiérrez, 1997: 260

80 *Idem*: *Ibidem*

81 *Idem*: 255

82 Esta expressão tem sido usada para traduzir a palavra alemã Zeitgeist. Um termo atribuído a Hegel (1770-1831) mas desenvolvido por autores posteriores. Contrariamente ao pensamento clássico de que a arte deveria imitar a natureza e de que a qualidade do trabalho depende disso, Hegel entendia a arte como representação sensível da Ideia, um absoluto. Refere-se ao ambiente cultural, intelectual, ético, espiritual ou político de um período de tempo.

83 Gutiérrez, 1997: 255

O mimetismo do modelo cultural europeu pelas elites americanas acaba por se tornar no mero cultivo de imagens ideais, uma vez que não corresponde à realidade económica, social, cultural, político e tecnológica das novas nações. Deste modo, os países latino-americanos ostentam formas "desenvolvidas" sobre um subdesenvolvimento real[84].

Dependência económica

No que refere à história económica, a independência política latino-americana da coroa espanhola ou portuguesa não significou, como já se comentou anteriormente, a definitiva autonomia económica da região. [85]

A integração, a partir de meados do século XIX, no sistema de economia mundial liderado por Inglaterra e desenvolvido a partir da Revolução Industrial, levou as novas repúblicas a desempenhar um papel bem definido: provedores de matérias-primas, o que estimulou o monocultivo e mono-produção na maioria das regiões. Enquanto produtores de alimentos e de matérias-primas para o mercado mundial tornou-se fundamental a construção de infra-estruturas de comunicação nos países latino-americanos. Para isso melhoraram-se os portos e traçaram-se caminhos-de-ferro, obras levadas a cabo por empresas europeias e norte-americanas, os principais consumidores das suas produções.

As cidades portuárias viam-se assim privilegiadas, enquanto portas do *hinterland* de produção agro-pecuária e mineral, e o seu acelerado desenvolvimento económico reflectir-se-á a nível urbano. Dá-se agora a ruptura entre as grandes capitais e portos do resto das cidades médias e pequenas, a somar à ruptura tradicional entre rural e urbano. O impacto urbano do porto transcende a importância da sua localização, não sendo entendido como barreira entre cidade e rio ou mar. Aparecem novos tipos de edifício como armazéns, reservatórios e silos, para responder à necessidade de armazenagem de matérias. O porto, como fonte potencial de trabalho, atrai a população pobre vinda do meio rural que se instala e se amontoa nas suas extremidades, vivendo em tugúrios e *conventillos*[86]. Estas casas cumpriam também a função de hotel, faziam parte da primeira experiência dos imigrantes europeus recém-chegados à terra prometida.

O caminho-de-ferro irá gerar novas cidades com características urbanas próprias, embora a arquitectura das estações ignore as características do contexto da sua implantação. O traçado do caminho-de-ferro criou vias de comunicação internas em função das necessidades de exportação, desconhecendo a estrutura interna dos países e destruindo as ligações entre regiões interiores, afectando as economias regionais e chegando, muitas vezes, a destruí-las. O porto e o caminho-de-ferro alteraram significativamente a paisagem, o tecido e o traçado urbano constituindo elementos de ruptura permanente com a cidade colonial.

84 Waisman & Naselli, 1989: 16

85 *Idem*: *Ibidem*

86 São as casas de vecindad do México, América central e Venezuela; os solares de Cuba, os conventillos do Chile, Argentina e Uruguai, os cortiços dos Brasil, etc. "[…] Este tipo de vivendas pobres consiste numa série de apartamentos de uma ou duas divisões que rodeiam um pátio comprido e estreito onde está a bica de água dos lavadouros e as retretes. No mesmo pátio vivem umas sessenta famílias, e o pátio em si fica às vezes reduzido a uma mera passagem. O fornecimento de água e o saneamento são inadequados, não existe uma zona limpa e espaçosa onde as crianças brinquem sem perigo, os edifícios estão em ruínas e a vida familiar privada é completamente impossível." Secretaria das Nações Unidas, Documento ST/SCA/9 Abril 1952 *cit*. Chueca Goitía, 2006: 173

A comunicação fácil e fluida criada entre os países latino-americanos e os centros europeus constituiu uma das maiores forças de dissociação interna. O desequilibrado circuito de comércio, produtos e serviços, criou, juntamente com outras causas, vastas regiões subdesenvolvidas e outras hipertrofiadas no continente e nos países[87] individualmente. Surgem as crises económico-sociais e culturais nos países que ainda não tinham desenvolvidas as indústrias produtivas das suas regiões. A grande desigualdade de oportunidades entre cidade e campo agravada por uma geografia rural sem trabalho causou a desertificação de regiões e a emigração massiva para as metrópoles.

[...] embora a independência tenha alterado o processo político e redefinido as relações estrangeiras, as condições económicas geradas pela colonização permaneceram essencialmente inalteradas. A América Latina tem continuado a ser muito dependente do capital estrangeiro para o desenvolvimento da sua economia. Nos anos após a independência, as potências concorrentes de Espanha: França, Alemanha e Inglaterra, iniciaram imediatamente a segunda era de colonização. Do mesmo modo, após a mudança da agricultura para comodidades globais (como o salitre, cobre, petróleo) começado na década de 1920, os Estados Unidos tornaram-se no maior patrocinador e consumidor dos recém-descobertos recursos da América Latina[88].

1.4.3 Transformações urbanas

A partir do último terço do século XIX a estabilidade política permite o desenvolvimento económico, o crescimento demográfico e, por conseguinte, o crescimento físico da cidade. A cidade aumenta de tamanho e a nova extensão segue a malha da cidade fundação, a velha quadrícula continua a responder com flexibilidade às crescentes necessidades.

O aumento demográfico, a imigração sem controlo, a agilização do comércio e da actividade mineira, o aparecimento de uma aparente industrialização, o crescente interesse pela ciência e cultura, e em geral, o impulso ideológico do «progresso» e a «razão», repercutem directamente nas alterações das cidades.[89]

A paisagem urbana transforma-se, surgem numerosos novos edifícios como grandes palácios, casas de correios, quarteis, bibliotecas, teatros, museus, clubes, círculos literários, *que permitiram expressar cabalmente que a civilização e o progresso reinavam entre nós*[90]; criam-se novos regulamentos para a edificação, abrem-se ruas, e elaboram-se planos de ampliações urbanas sectoriais. O espaço público sofre modificações do traçado, *ensanches*, reorganizam-se ruas e praças, definem-se limites, criam-se passeios e parques, alamedas e jardins botânicos, realizam-se empedramentos de ruas e sistemas de iluminação pública, seguindo as ideias ilustradas vindas da Europa. Galerias comerciais perfuram quarteirões hispânicos e diagonal, havendo um aproveitamento intensivo do solo para uso comercial e a necessidade de fortalecer áreas pedonais e não obstruídas pelo trânsito. As infra-estruturas e a higiene pública também são melhoradas, melhora-se o abastecimento de água e cria-se de redes de evacuação de águas pois a cidade colonial apenas solucionava o abastecimento, e ampliam-se estas através de acéquias e esgotos.

87 O caso de Buenos Aires relativamente à Argentina e o sertão baiano em relação a Salvador.

88 Berrizbeitia & Hecht, 2011: 11

89 Terán, 1997: 164

90 Gutiérrez, 1997: 264

Cenografia, ornamentação e mudança de estética

A paisagem é um outro ponto de vista através do qual se pode entender a evolução da cidade latino-americana. A Natureza no Novo Mundo tinha sido objecto de espanto e assombro para os europeus desde o início. Contudo, a cidade latino-americana permaneceu o espaço vazio, metafórica e literalmente, da colonização. Sem arborização e austera, em marcado contraste com a exuberante natureza premida contra os seus limites. A Paisagem, enquanto natureza cultivada, não foi integrada no ambiente físico da cidade até à segunda metade do século XIX, quando o discurso da ciência moderna, do Iluminismo e do Romantismo entraram na América Latina. Estas imagens de natureza "objectiva", despida de todos os traços hispanos ou religiosos, foram significantes porque, na sua apreciação da natureza nativa, elas reafirmaram as aspirações políticas das novas repúblicas. Deste modo, na América Latina dos finais do século XIX, os valores do iluminismo, a ideologia liberal pós-independência e comércio Europeu estavam perfeitamente alinhados.[91]

Ampliações

Em finais do século XIX iniciaram-se os programas de embelezamento urbano que deram às partes centrais das cidades as características que ainda conservam. A abertura de avenidas, alamedas, *boulevards*, marginais e a construção de taludes para o passeio e recreação indicavam uma nova forma de uso do espaço público. O tecido da cidade é marcado por hipódromos e praças de touros, jardins-zoológicos, arranjo de jardins, as antigas praças secas enfeitam-se de fontes, bancos, jardins, árvores e canteiros. Estes lugares de encontro social, cultural e desportivo constituíram empresas urbanas de grande qualidade no último terço do século XIX e aproximaram as principais cidades americanas à imagem europeia almejada. As cidades enchem-se de imagens historicistas, de forte cenografia, evocadora da arquitectura europeia mais prestigiosa, chegando por vezes a incorrer na *apropriação fictícia da história alheia*[92].

A apropriação do Estado de bens urbanos da Igreja, após a expulsão dos Jesuítas em 1767, reflecte a sua perda - e das ordens religiosas - sobre o controlo urbano, controlo exercido durante o período colonial. Esta conjuntura possibilita obras de grande envergadura nos núcleos centrais das cidades por parte do Estado. Grandes construções como ministérios, quartéis, arsenais, penitenciárias tiveram grande impacto na imagem física da cidade e alteraram a sua forma de uso e o seu tecido, gerando zonas reservadas, autónomas, isoladas, cada vez maiores.

Casas, escolas e templos prefabricados compravam-se por catálogo na Europa e nos Estados Unidos, e desembarcavam e aposentavam em Caracas, San José de Costa Rica ou Arica (Chile) reiterando a autonomia da arquitectura a respeito do meio.[93]

91 Berrizbeitia & Hecht, 2011: 13

92 Gutiérrez, 1997: 261. Como o caso da importação de ruínas bizantinas para o Jardim Botânico de Buenos Aires.

93 *Idem*: 264

As transformações das cidades – obras de saneamento, entubagem de ribeiras, aberturas de diagonais na quadrícula, edifícios isolados num só quarteirão – dificultavam, pela sua escala e velocidade, a consolidação de imagens e de referentes de identidade aos seus habitantes. Pese embora as transformações mencionadas e os factores de ordem conjuntural como terramotos, incêndios e epidemias que punham à prova a continuidade do modelo urbano hispânico, a centralidade da cidade americana conseguiu garantir a constância da praça central como ponto de encontro social dos habitantes da cidade.

A Plaza Mayor, a Catedral, a Casa do Governo (substituiu o antigo Cabildo), a «city» bancária e financeira, as avenidas para o passeio e as ruas comerciais convocavam simultaneamente a todos os habitantes conformando o símbolo de identidade física da cidade.[94]

Salvo a praça maior, os espaços de sociabilização da população divergiam: as classes mais abastadas frequentavam festas, feiras, mercados e jardins; enquanto os sectores populares conformavam-se com os bailes e a música, onde se integravam a amálgama de culturas e idiomas de diversas procedências.

Nos casos de cidades de grande mobilização populacional fruto das imigrações, produz-se uma densificação dramática das áreas centrais com condições urbanas de habitação (conventillos, casas de vecindad, etc.) que exigem medidas de higiene e respostas sociais as quais serão adiadas para o século seguinte.[95]

No centro da cidade o crescimento demográfico acelerado traduziu-se numa densificação através do crescimento em altura e da subdivisão dos quarteirões, permitindo aumentar a ocupação interior e passando do grande lote do solar à *casa chorizo*, do quadrado ao rectângulo de pequena frente de rua, e, por conseguinte, à saturação dos espaços livres. O piso térreo dos edifícios do centro histórico e distritos centrais, em geral, acolheu usos comerciais porque mantinha relação com a rua e com o quarteirão. Estes processos resultaram, em pouco tempo, no deterioro do nível residencial, na intensificação do tráfego que gerará congestões e dificuldade de acessos.

Arrabaldes

Fora da cidade, tal como os antigos caminhos reais, os caminhos-de-ferro actuaram como linhas de penetração no território orientando a expansão da cidade. As ampliações foram, por um lado, incorporando paulatinamente as povoações próximas e, por outro, foram feitas mediante operações de urbanização rápida. As últimas, embora de execução autónoma, causaram o aparecimento de múltiplos bairros fruto destes loteamentos que, por conseguinte, condicionaram o preenchimento do tecido urbano intersticial. A classe alta movimentava-se para novos bairros de prestígio na periferia, abandonando o centro.

94 *Idem*: *Ibidem*

95 *Idem*: 256

Subúrbios

Por sua vez, o campo deixou de ser o sustento predominante da actividade económica urbana[96], ao passo que as terras de labor agrícola nas áreas maginais urbanas eram distribuídas pelas oligarquias locais[97]. O excedente de população vindo do campo, fruto da estagnação das forças produtivas agrícolas, impedido de aceder a estas terras, instalou-se na área urbana gerando mão-de-obra disponível para o comércio, serviços e outras actividades terciárias, visto que as cidades tinham começado a incorporar a terciarização sem terem ainda desenvolvido condições de produção industrial significativas. As indústrias, por sua vez, foram-se instalando nos subúrbios, sobre a costa ou margens de ribeiras, evoluindo de curtumes, cerâmicas e moinhos para as manufacturas de transformação e de serviços que a actividade exportadora exigia (escritórios, frigoríficos, oficinas, silos de armazenamento...). Resta salientar que *o desnível do padrão de vida entre cidade campo resulta, basicamente, do aprofundamento da divisão do trabalho entre ambas áreas, que consiste, essencialmente, na transferência para a cidade, das actividades que antes eram realizadas com técnicas artesanais no meio rural.* [98]

Definia-se assim um perfil próprio do subúrbio como tinha acontecido com o caminho-de-ferro e com o porto. Ao lado das fábricas estabeleciam-se, organizados espontaneamente e geralmente por autoconstrução, os bairros operários ou marginais que definiriam não uma continuidade mas um corte abrupto, uma forma de urbanização claramente distinta da do meio rural.[99]

Mobilidade

O carro eléctrico suburbano possibilitou a criação e desenvolvimento dos bairros periféricos que servia, compensando a ligação cidade-campo *e integrando urbanizações distantes com características de casas-quinta, onde as elites locais e a burguesia implementavam novas formas de vida, até que o crescimento da cidade as englobou e o aparecimento da cidade balnear alterou as pautas do verão*[100].

O subúrbio foi assim definindo características próprias, diferentes dos espaços residenciais ou limítrofes, foi moldando a transição de cidade a campo sem continuidade e assistindo ao desequilíbrio regional entre cidade e território[101].

---

96 "O problema que verdadeiramente se expõe é que a penetração do capitalismo na economia rural, na maioria dos países latino-americanos, não provocou a revolução agrícola que era de esperar. Apesar de excepções locais, a regra é que a agricultura destes países continuará tecnologicamente atrasada, com baixos níveis de produtividade do trabalho e de rentabilidade do solo." Singer, 1972: 300

97 "É inegável que a formação das oligarquias rurais, que está na base de tantos estados nacionais da América Latina, resultou de um longo processo de lutas de classes, onde as pretensões de outras classes sociais (conforme o caso: à liberdade, à posse de terras, ou ao poder político) foram esmagadas, algumas vezes, com o auxílio do imperialismo, e outras sem ele." *Idem*: 302

98 *Idem*: 289

99 *Idem*: 303

100 Gutiérrez, 1997: 258

101 "À medida que aumenta o número dos habitantes, muda a sua distribuição no território como efeito das transformações económicas. As primeiras transformações dizem sobretudo respeito à organização do trabalho, criando as premissas para uma mudança completa na técnica produtiva, que se reflecte à sua volta sobre a organização acelerando o desenvolvimento e a concentração do novo sistema económico. Por este motivo, a mudança da distribuição da população provocada pelas primeiras transformações organizativas e acentuada pelas inovações técnicas, assume o carácter de uma verdadeira crise, alterando bruscamente o antigo equilíbrio entre cidade e campo e criando novas tensões que só a longo prazo se poderão reequilibrar." Benevolo, [1963]: 14









fig. 11 Conventillos: antigas casas coloniais sobrelotadas.

1.4.4 Realidade Social

Contudo, estas luzes da cidade liberal escondiam uma vasta realidade de sombras onde se amontoavam milhares de imigrantes europeus ou campesinos americanos chegados à cidade para procurar um novo destino nas suas potenciais fontes de trabalho.[102]

As populações imigrantes sobrelotaram as casas coloniais, vivendo uma família por quarto, originando os *conventillos*. O Estado ou os privados, obrigados a actuar por motivos de higiene pública, criaram as *casas de vecindad*, *inquilinatos*, os *cités* chilenos ou *os projectos especulativos como o falanstério de Montevideu*[103].

Também apareceram as primeiras propostas de bairros operários nos finais do século XIX em versões onde o conceito do problema se reduzia – na visão positivista da época – a uma fria contabilidade de índices de lotação, volume de oxigénio necessário ou sistemas de evacuação de águas. O problema social reduzido a categorias estatísticas assinalava a dualidade de sociedades opulentas sobre o trabalho semi-escravo de uma massa de mão-de-obra barata.[104]

Abaixo da classe imigrante europeia estava o crioulo, o indígena, o antigo escravo libertado e o chinês que conformavam o último sector da estratificação social e estavam confinados à servidão das oligarquias e burguesias urbanas. A realidade das principais cidades latino-americanas que se tem vindo a descrever tem ainda, nesta altura, pouco impacto a nível continental pois as cidades retratadas são, na sua maioria, as capitais nacionais. Estas acompanham o desenvolvimento urbano das cidades europeias europeus e norte-americanos, mas é de sublinhar o desfasamento económico e produtivo entre as capitais e o resto do território latino-americano cujo sistema de produção se mantinha desde a época colonial.

Contudo, na realidade continental, os indígenas e camponeses eram donos de vastas porções de territórios nas serras e planaltos andinos, vales na orla da selva, em casarios seculares, que mantinham sobrepostas as formas de vida nativas e hispânicas, em pequenas e médias cidades cujo sistema de produção não se tinha alterado significativamente.[105]

---

102 Gutiérrez, 1997: 261

103 Idem: Ibidem
"A rígida estrutura ortogonal dos traçados urbanos dá lugar a poucos edifícios de qualidade (salvo nas cidades principais, como Lima, Cidade do México ou Quito), por vezes projectados por religiosos italianos ou centro-europeus com uma formação não propriamente específica. Sobre esta base prolifera um tecido homogéneo de casas térreas sobre a matriz da *domus* romana e hispano andaluza (de influência árabe), organizadas por três pátios rectangulares sucessivos. A dicotomia entre a arquitectura monumento e o tecido urbano é muito relevante e só se modifica no fim do século XIX, com a multiplicação de tipologias de habitação popular colectiva relativamente inovadora, como a cités chilenas, blocos habitação colectiva, embora de carácter claramente especulativo." Fernández, 1992: 133-134

104 Gutiérrez, 1997: 261

105 *Idem*: 263

1.5 Século XX

É uma característica comum do subcontinente durante o século XIX e a primeira metade do século XX: sem Revolução Francesa, sem Revolução Industrial, sem Guerras Mundiais, quis reproduzir as suas consequências e obter os seus frutos, numa ânsia, sem paralelo, de ser "modernos".[106]

A Revolução Industrial (Inglaterra, 1730) e a Revolução Francesa (1789) implicaram reformas políticas de modo a acompanhar as transformações económicas e sociais nos países de origem. Estas transformações foram fruto, inicialmente, do acelerado crescimento demográfico e das alterações feitas à organização do trabalho, exigidas pelas modificações da técnica produtiva e das redes de transporte; e que, posteriormente, levaram à mudança da distribuição da população pelo território bem como ao *desenvolvimento e concentração do novo sistema económico*[107]. E, por sua vez, estenderam-se a outros países europeus e Estados Unidos da América. Ao mesmo tempo, os novos bairros onde se fixava a população, resultado da nova distribuição espacial dos habitantes, manifestavam enormes carências de habitabilidade à medida que se sobrelotavam e se expandiam.

As famílias que abandonavam o campo e afluíam aos aglomerados industriais ficavam alojadas nos espaços vazios disponíveis dentro dos bairros antigos, ou nas novas construções erigidas na periferia, que depressa se multiplicaram formando bairros novos e extensíssimos em redor dos núcleos primitivos.[108]

Entre as reformas políticas, são de destacar as que visaram a distribuição do poder à nova composição da sociedade, ou seja, a representação política de acordo com a realidade económica e social do país, tendo assim as novas classes um poder proporcional ao seu próprio peso económico. A cultura política e económica da época reivindicava a queda das estruturas tradicionais e dos vínculos e instituições que impediam a livre expansão das novas iniciativas usando a *crítica racional para demolir os privilégios do absolutismo, da hierarquia social, do dirigismo económico.*[109] O ambiente de contestação estendia-se ao resto da população descontente com os males da cidade industrial, porém confiante no progresso e num futuro melhor: [...] *ainda não se encontrou um sistema razoável para controlar os seus processos, mas parece natural que a inventiva do homem e a força das máquinas, tal como originaram esta realidade, possam também mudar-lhe o curso*.[110]

106 Waisman & Naselli 1989: 18

107 Benevolo, [1963]: 14. Capitalismo liberal.

108 *Idem*: 34

109 *Idem*: 22

110 *Idem*: 43

No caso latino-americano, o fenómeno de transculturação, que ocorre em diversos momentos da sua história após a sua descoberta e colonização, volta uma vez mais a acontecer neste período, com uma nova vaga de imigrantes europeus que impulsiona a industrialização no subcontinente. Contudo, as transformações ao nível político, económico e social, esperadas não chegaram a desencadear uma revolução. A aparente industrialização produziu transformações sociais: emergiu uma nova classe económica, novos partidos políticos, sindicatos, organizações profissionais que lutavam para a abolição de hierarquias sociais e políticas e por uma prática liberal baseada na fé pelo progresso; porém persistiam as antigas estruturas e instituições do poder dominadas pelas oligarquias.

Através da entrada no comércio internacional, as elites ficaram cosmopolitas e actualizadas sobre cultura europeia e norte-americana e continuaram a introduzir novas ideias e práticas culturais nos seus países. Contudo, enquanto adoptaram ideologias capitalistas liberais para o comércio internacional, permaneceram retrogradas no seu recém-adquirido poder político e económico, mantendo domesticamente as relações sociais e laborais conservadoras. Como resultado, na América Latina a modernização, tanto a condição económica e cultural, foi assincrónica e desequilibradas, não chegando a todas as camadas sociais com a mesma consistência ou intensidade.[111]

O crescimento demográfico e as migrações campo-cidade produzem transformações no ambiente urbano. Os assentamentos precários aumentam, reflectindo a *incapacidade do sistema para responder positivamente ao desafio representado pelo crescimento da população.*[112] Urge a necessidade de elaboração de planos para as principais cidades da América Latina, embora, em algumas delas já existissem planos nos finais do século XIX, que de igual modo reproduziam aqueles elaborados para as capitais europeias.

Os planos de transformação urbana preparados para Buenos Aires, Montevideu, Santiago do Chile, Cidade do México e outras cidades durante as primeiras décadas do século XX tinham enfoques parecidos que incorporavam de maneira fragmentada as ideias de Haussmann, dos engenheiros urbanistas alemães, de Sitte e Otto Wagner e de Buls, entre outros. Em maior ou menor grau, durante essas décadas críticas vieram ampliar-se rapidamente as superfícies urbanizadas, os autores dos planos de transformação urbana enfatizaram projectos viários e áreas verdes, zonificação das densidades residenciais impondo restrições à altura dos edifícios; restrições à localização de indústria e a regulamentação das subdivisões dos novos loteamentos numa tentativa de melhorar o seu uso. [113]

Os serviços de água potável, de drenagem, de esgotos, de transporte público, de electricidade e de telefones foram modernizados e ampliados, não conseguindo, porém, servir a crescente população.

111 Berrizbeitia & Hetch, 2011: 11

112 Singer, 1972: 294

113 Hardoy, 1997: 268

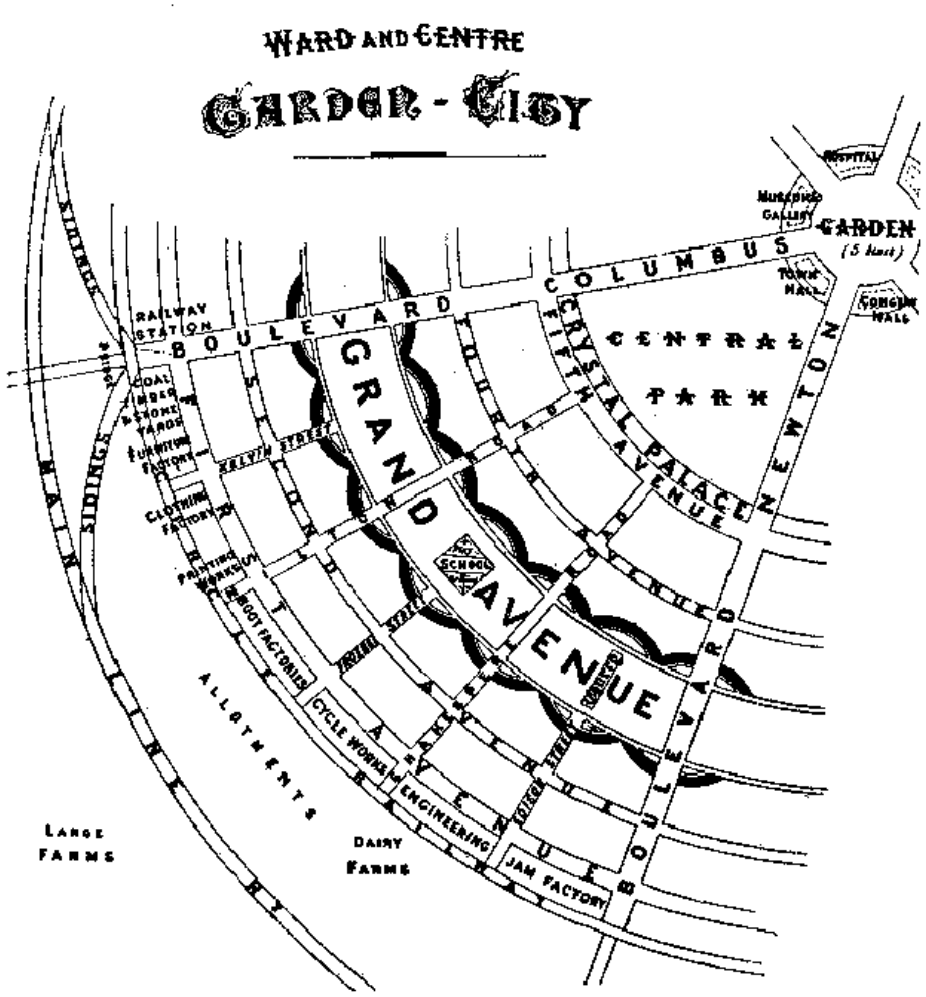


fig. 12 Esquema teórico da Cidade Jardim de Ebenezer Howard em *Tomorrow, a Peaceful Path to Real Reform* (1898). O plano de cada cidade-jardim deveria adaptar-se a sítio.

A América viu-se com as cidades que acabavam de ser implantadas e que ainda tinham as características quase provisórias de estabelecimentos coloniais. [...] Eram corpos frágeis, incapazes de resistir quer ao ataque furioso da indústria quer ao crescimento brutal da população, que chegava em vagas de emigrantes. As cidades sucumbiram, afogadas por esta maré, e as classes poderosas, como recurso, emigraram para a periferia, onde a natureza favorável as brindava com locais não contaminados, onde podiam refazer a vida bucólica a que estavam habituadas.[114]

A par das urbanizações particulares *que projectariam uma imagem de cidade-jardim*[115] *para grupos de rendimentos médios e altos* aparecem as *construções precárias construídas por empresários privados e particulares motivados pela sua alta rentabilidade* [116] e as *villas miseria*[117], surgidas nos finais do século XIX à volta das zonas industriais e dos principais portos, nas principais cidades, que iriam crescer desmesuradamente nas décadas seguintes. Esta forma de assentamento levou as autoridades, que desde finais do século anterior tinham instituições públicas de crédito, a subsidiar a construção de bairros operários para responder às necessidades crescentes e *a partir de 1920 os bancos entram na construção de bairros operários.*[118]

Na década de 1910, a crise que precede a Primeira Guerra Mundial impulsionou o crescimento industrial de alguns países latino-americanos. A queda das exportações para a Europa reduziu o capital estrangeiro e, por conseguinte, a capacidade de importação das nações latino-americanas obrigando-as a investir na indústria para consumo próprio. Mais tarde, após a Crise Mundial de 1929, seguiu-se um período de bonança para a produção agro-pecuária que terminou aquando do fim da Segunda Guerra Mundial. O período de queda das exportações agro-pecuárias e mineiras que lhe sucedeu produziu uma situação laboral crítica nas áreas rurais e impulsionou, uma vez mais, a migração do campo para a cidade, particularmente para as zonas industriais onde pela primeira vez se formavam grandes *vilas miséria*.

114 Chueca Goitía [1968]: 198

115 Origens da cidade jardim de Ebenezer Howard.

116 Hardoy, 1997: 268

117 As *vilas miséria* constituíam a solução aos trabalhadores com rendimentos insuficientes, porém a sua localização na periferia das cidades implicava longas viagens para o trabalho, chegando a haver zonas que não eram servidas pelos transportes públicos.

118 Hardoy, 1992: 269

1.5.1 Período Modernista

No período entre as Guerras Mundiais, perante a necessidade de reconstrução e o problema do défice de habitação, os Estados dos países europeus criaram subsídios e facilidades para as associações privadas quando não actuavam directamente na construção de habitação através de entidades públicas.

Nesta situação irrompem as propostas do Movimento Moderno, amadurecidas durante a década de paz entre 1919 e a crise de 1929. Para nós, actualmente, é evidente que o objectivo do Movimento Moderno é a indicação de uma alternativa à cidade burguesa pós-liberal, e não uma correcção dos seus conflitos; é portanto inevitável uma solução de continuidade entre a busca moderna e a prática corrente, embora enriquecida pelas contribuições das vanguardas que actuavam antes do ano de 1914.[119]

Foi desenvolvida uma metodologia, que servia a economia de meios, através decomposição dos elementos urbanos e separação dos trabalhos no processo do projecto[120]. O elemento fundamental era a célula residencial e da sua combinação e composição – juntando ruas e edifícios públicos – se chegava à escala do bairro e do bairro – agrupando e hierarquizando bairros – à cidade, ou seja, da tipologia do edifício ao bairro e do bairro à cidade.

Nos anos cruciais do pós-guerra, os mestres do Movimento Moderno tardam assim em desenvolver as implicações urbanísticas contidas na doutrina e menosprezam, à excepção de Dudok, as investigações iniciadas nesse sentido pela geração anterior (Garnier, Wagner, Berlage).[121]

Por volta da década de 1930, o compromisso com os problemas urbanísticos vai aumentando e investiga-se a habitação mínima para se estabelecer os mínimos – de serviços colectivos para maior economia de custos, maior densidade, redução de distâncias entre residência e trabalho – e definir *standards.* Estas investigações são mais práticas do que teóricas e, portanto, começam a *observar as dificuldades experimentadas nas formas de vida que são próprias de um lugar e de um tempo determinado.*[122]

É de salientar a investigação de Le Corbusier, pela influência futura do seu modelo teórico: *La Ville Radieuse*, desenhado entre 1929 e 1930 após a sua viagem à América Latina[123]. As imagens deste modelo, imagens arquitectónicas elevadas à escala urbana ou

119 Benevolo, [1974]: 554

120 "O urbanismo corbusiano (isto é, simbolizado por Corbusier e pelos CIAM) contribuiu para a produção da cidade fordista. Do mesmo modo que Taylor, ele decompôs a complexidade da urbe em funções elementares e procurou a eficiência na monofuncionalidade: um só gesto, uma só função; da mesma forma que Ford, atribui o primado ao movimento e à velocidade, funcionando a estrada como um "transportador", tentando sistematizar as economias de escala ao tipificar o alojamento e industrializar a construção. Da mesma forma que preconizou a intervenção do poder público sem pôr em causa as realizações privadas, exigiu uma planificação para pôr fim à anarquia urbana e regula o mercado fundiário, e propôs toda a espécie de equipamentos sociais de 'bem-estar'." Ascher, [1995]: 57

121 Benevolo, [1974]: 556

122 *Idem*: 567

123 "A viagem realizada em 1929 na América Latina teve para Le Corbusier os significados mais intensos e transcendentes. E, com a de 1936, mais transcendentes que as visitas posteriores (de 1947, 1949, 1950, 1951, 1962). Esta viagem permitiu ao mestre pelo menos duas descobertas cruciais: a arquitectura como paisagem e a organização linear do plano urbanístico. Impressionado pelo grande impacto do seu primeiro voo sobre a pampa e a selva, da sua posição quase "divina" sobre a totalidade do território, Le Corbusier explorou, especialmente na sua

paisagista, expressam unidade, a cidade pensada como um todo e uma clara ideia da cidade moderna, a realidade urbana futura como alternativa à antiga.

No entanto, os princípios urbanísticos que viriam a ser seguidos em vários países por todo o mundo são os descritos na *Carta de Atenas*[124], elaborada no Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM)[125] de 1933. Perante a constatação da desordem das cidades, enunciou-se as características de ordem e funcionalidade que deveriam ser próprias da cidade moderna e indicaram-se os meios necessários para consegui-las. Propôs-se, então, um código dos princípios gerais, abstractos, formulando um programa executável tecnicamente e independente do contexto político. E talvez por isso, este documento de *natureza teórica adquire precisa significação e grande valor político*[126].

Civilização ou barbárie: a urbanização foi trazida como remédio para uma doença fictícia, o estado selvagem. Numa experiência antropológico-biológica, a região foi usada como campo de investigação para o emprego de sistemas de cura, para o desenvolvimento de mecanismos de reparação, e para a criação de raças pós-humanas. Se na Europa, modernidade foi primeiro um adjectivo e depois tornou-se um nome, aqui foi para começar um verbo, um que envolveu uma ética de educação territorial, uma estética de semelhança antropológica, uma dinâmica de deslocamento biológico-ecológico, uma ideologia de ressonância cultural, e uma política de realização corajosa e brutal. O território ainda por urbanizar é uma manta de formas arcaicas do estado selvagem e de formas novas que se sobrepõem por camadas. Civilizado é o modelo que guia a sua transformação. Civilizadora é a força que alimenta a sua inteligência e contém hermeticamente a tensão do processo.[127]

No estalar da Segunda Guerra Mundial, os efeitos do Movimento Moderno tinham já passado as fronteiras da Europa e Estados Unidos da América, contudo estes referiam-se mais à forma adaptada aos costumes locais do que ao conteúdo social.

Há, pois, uma forma de "modernidade" corrente nestas terras, que não se apresenta como algo que se torna naturalmente, um processo, e que é actual em cada etapa do mesmo, mas como algo que se adquire ou que se compra ou que se recebe como doação subitamente, algo que é futuro, sempre se escapando. A modernidade assim entendida por uma alarmante e extensa porção do panorama cultural latino-americano parece prover de um status de prestígio, ao mesmo tempo que constitui uma patética declaração de desconfiança nos próprios valores, uma

proposta do Rio de Janeiro, a possibilidade desse confronto 'homem-natureza'. Por outro lado, no seu esquiço de Buenos Aires formula pela primeira vez o esquema de organização linear que revisitava a proposta radiocêntrica da Ville Contemporaine e iniciava a série (Buenos Aires – Moscovo/ Ville Verte – Barcelona) que culminará na formulação teórica da Ville Radieuse." Liernur, 1992: 94

124 "Em 1933, o IV CIAM teve lugar a bordo de um paquete que partiu de Marselha com destino a Atenas. Debruçou-se sobre o problema da cidade examinando trinta e três casos. Contudo não se publica nenhum relatório oficial. Só em 1943 se edita em Paris um documento anónimo (redigido por Le Corbusier), com prefácio de Jean Giraudox e recebe o nome de Carta de Atenas." Benevolo, [1974]: 584

125 Nos anos anteriores já haviam abordado o problema da habitação para as populações que não conseguiam pagar uma casa habitável, o tema da tipologia de edificação e o problema do bairro.

126 Benevolo, [1963]: 584

127 Najle, 2011: 61

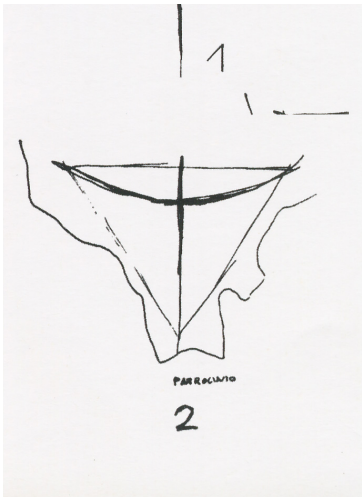


fig.13 Esquema da estrutura da cidade desenhado à mão-levantada de Lúcio Costa

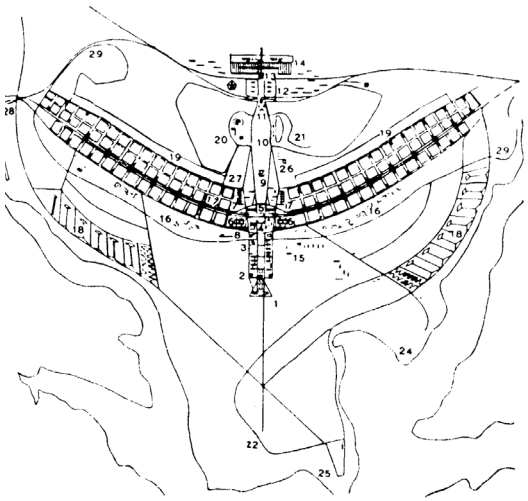


fig.14 Plano piloto de Brasília

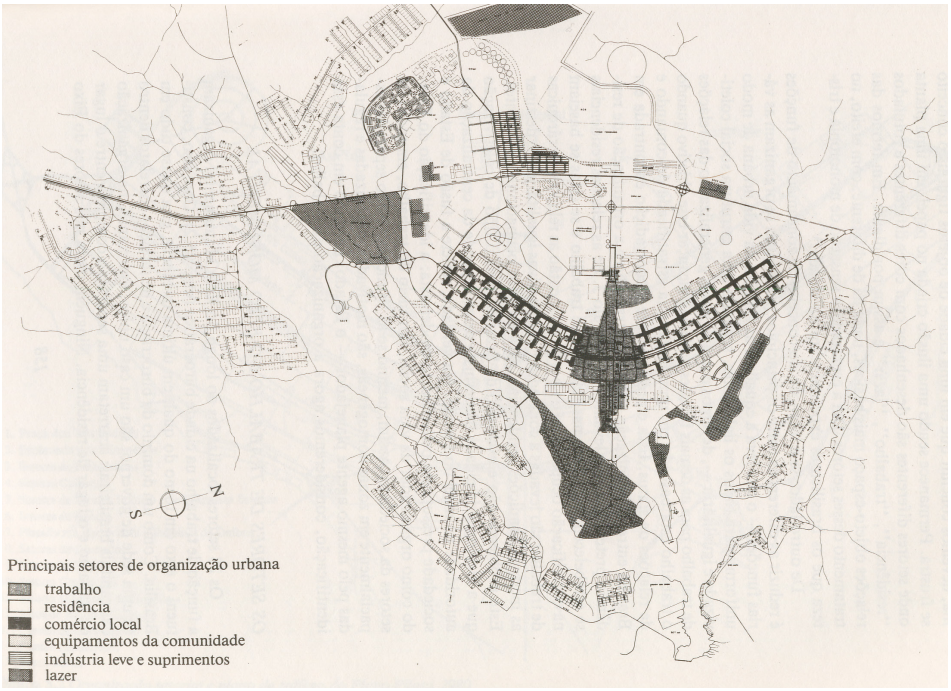


fig.15 Marcação de zonas para respectivas actividades: habitação, trabalho e lazer.

revelação da crise de identidade, do desesperado intento, de ser alguém simulando sê-lo.[128]

O urbanismo das principais cidades sul-americanas destas décadas debruçou-se sobre os problemas de congestionamento viário, "impondo" auto-estradas às cidades antigas, sobre a expansão da cidade, tentando orientá-la através de grandes equipamentos como estádios, hospitais e universidades, e sobre a habitação social, planeando grandes conjuntos habitacionais. Ao mesmo tempo, o centro económico e administrativo vai-se deslocando do centro histórico, produzindo a sua degradação ambiental e social e tornando urgente a criação de políticas e tratamentos específicos de reabilitação.

O caso de Brasília

Já no período após-guerra, no Brasil, inicia-se um movimento de revisão do qual [...] se obtêm resultados de valor internacional, desligado dos movimentos europeus ou norte americanos e capazes, porém, de estimular as experiências em curso tanto no Velho como no Novo Mundo.[129]

Em 1955, após a eleição para a presidência do Brasil de Juscelino Kubitschek, apoiante dos ideais modernos, o planeamento urbano brasileiro toma um novo rumo. A sua mais notável empresa urbanística é a criação da nova capital do país. A nova cidade serve o intuito de, por um lado, transferir a população e o poder económico da costa para o interior que se encontrava "deserto" e, por outro, de representar fisicamente a sede do poder político. Assim nasce Brasília.

Elege-se o lugar – o planalto central no estado de Goiás – e nomeia-se Óscar Niemeyer como director do departamento de arquitectura e urbanismo. Em 1956, Niemeyer promove um concurso de ideias para o Plano Piloto de Brasília onde é pedido apenas um plano à escala 1:25000 e uma memória descritiva do plano. O concurso termina no ano seguinte e o vencedor é Lúcio Costa que apresenta apenas esquemas e desenhos à mão levantada e uma memória. Nela descreve a instalação do novo organismo urbano do seguinte modo:

Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz. Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo equilátero que define a área urbanizada.[130]

Mais uma vez na história do urbanismo recorre-se a dois eixos ortogonais no acto fundador e colonizador. Porém, ao contrário do que acontecera quatro séculos antes, desta vez não se prevê a possibilidade de expansão, de cidade aberta[131]. Inevitavelmente, a referida "área urbanizada" (em vez da totalidade do organismo urbano) tornar-se-á um núcleo com uma periferia caracterizada por diferentes iniciativas de construção (entre elas barracas e tugúrios) *como sucede nos centros antigos definidos por uma forma fechada*[132].

128 Waisman & Naselli, 1989: 18-20

129 Benevolo, [1974]: 881

130 Costa, 1956

131 "Nos 'dameros' hispânicos, como nos norte-americanos que se lhes seguem, é quase constante, desde as primeiras apresentações ingénuas, a intenção da cidade aberta, se possível, nos quatro sentidos." Portas, 2000b: 34

132 Benevolo, [1974]: 890



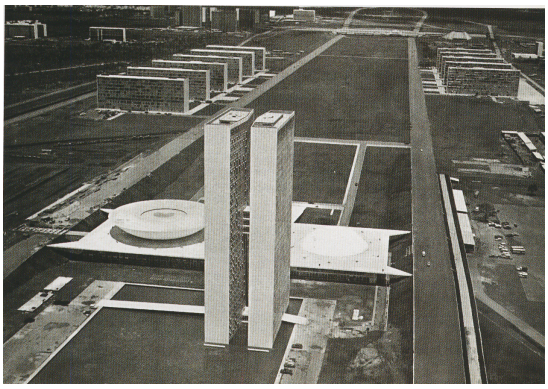


fig.16 e 17 Vista da praça dos três poderes





fig.18 Vista desde a praça dos três poderes para o eixo central

fig.19 Super quadra, destinada á habitação e a equipamentos colectivos como escolase centros comunitários

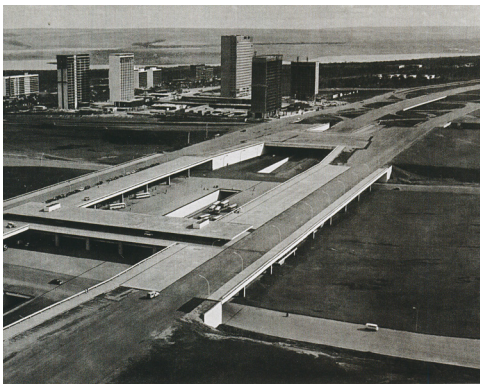




fig. 20 Vista da rodoviária

fig.21 Divisão de vias de acordo com a sua função e eliminação de cruzamentos através de desníveis



fig.22 Teotihuacán

A cidade de Brasília expressa os princípios da Carta de Atenas[133] que outras cidades latino-americanas aplicaram apenas em sectores urbanos. Para além da manifestação dos princípios do urbanismo modernista desde a preocupação com a circulação e com o lazer, à superquadra[134], a sua escala parece remeter à grande escala das cidades das civilizações pré-colombianas do México, como por exemplo *Teotihuacán*[135] com o seu grande eixo monumental.

O golpe de Estado em 1964 afunda o Brasil num regime militar que impede a continuidade dos projectos, iniciados durante a democracia. Os clientes e arquitectos modernos envolvidos são afastados, alterando o desenvolvimento da cidade de Brasília e interrompendo também a experiência brasileira, vanguardista no mundo latino-americano.

No entanto, o crescimento demográfico nas grandes cidades não cessa e em todas elas começam a crescer sectores de urbanização ilegal. Apesar dos esforços dos poderes públicos para erradicar estes sectores, seja deslocando a sua população para grandes conjuntos habitacionais que seguiam os princípios urbanísticos modernistas ou simplesmente empurrando-os para a periferia para minimizar a sua presença, torná-los *invisíveis*[136]. Nem mesmo Brasília, cidade planeada de raiz conseguiu ficar "imune" a estas urbanizações. A sua construção necessitou de muita mão-de-obra, gerando a deslocação de população, principalmente vinda de zonas do país com fraco desenvolvimento como o nordeste, na esperança de melhorar a sua situação económica. Contudo, quando o ritmo de construção diminuiu, esta população ficou sem emprego, permanecendo nos sectores da cidade destinada para a habitação temporária dos operários da construção ou construíram a sua própria habitação em terrenos periféricos ao plano piloto.

1.5.2 A Informalidade

Os fenómenos de expansão demográfica e de crescimento industrial urbano, já experienciados desde o século XIX nos países desenvolvidos, produz-se nos países latino-americanos essencialmente nas décadas de 1940 e 1950.[137]

133 Divisão da cidade pelas suas funções de habitação, de trabalho e de lazer e importância da circulação que permitia o acesso às diferentes zonas, sendo esta também dividida pela suas funções viárias e pedonais.

134 As zonas residenciais articulam-se em superquadras ou quarteirões muito amplos, que se projectam de forma unitária e cujo terreno não se pode subdividir. Estas estão emolduradas por uma banda larga densamente arborizada e relvado, garantindo a ordenação urbanística mesmo quando varie a densidade, categoria, padrão ou qualidade arquitetónica dos edifícios como também oferece aos moradores a sombra para o passeio e o lazer, independentemente das áreas livres previstas no interior das próprias quadras.

135 "Nos anos cinquenta - uma década de grandes conquistas para a América Latina, graças à sua participação no desenvolvimento da América do Norte - erguem-se conjuntos arquitectónicos de escala sem precedentes no mundo: a Universidade Nacional Autónoma do Méxi-co, a Universidade Central da Venezuela, os complexos residenciais "Cerro Piloto" e "23 de Enero" do Banco Obrero a Caracas, a nova capital brasileira. Estas expressões são proporcio-nais à imensidão do território, que encontra certamente uma explicação na febril megalo-mania dos governos e nas ligações financeiras da banca internacional. Mas estas razões não dão conta exacta de uma forma e de uma dimensão específica, que vão buscar entre as pregas da cultura sul-americana: as grandes artérias de Brasília têm as dimensões territoriais do Brasil, mas o mesmo se pode dizer da Calle de los Muertos em Teotihuacan." Sato & Posani, 1992: 76

136 "Por visibilidades refiro-me à sua presença sentida nas narrativas do progresso nacional que dominou as agendas políticas na altura." Hernández, 2011: 68

137 Montaner, 1982: 917

Origem

O rápido e forte crescimento demográfico deveu-se, por um lado, à descida da taxa de mortalidade, fruto das medidas sanitárias aplicadas no fim do século anterior, e, por outro, à migração de grandes massas de população vinda do campo para a cidade como resultado da falta de emprego nas estruturas agrárias antiquadas. A ausência ou debilidade de recursos económicos e de mecanismos administrativos para organizar e controlar este fenómeno permitiu o crescimento de uma desordem, tanto estrutural e funcional como formal.

Caracterização

Grande parte da população migrante, sem possibilidade económica de acesso à habitação institucionalizada (de promoção pública ou privada), viu-se obrigada a organizar-se ocupando ilegalmente terrenos, construindo a sua habitação e formando bairros marginais precários na periferia das cidades.

As habitações autoconstruídas são inicialmente [...] *a repetição das cabanas rurais de onde procediam a maior parte dos habitantes, mas adquirem um novo carácter pela sua contiguidade e pela falta de espaços livres, como nas primeiras aglomerações industriais europeias*[138] [...] pois as barracas e tugúrios já existiam, embora em menor número, nas margens das cidades industriais e dos portos. A falta de urbanização prévia dos terrenos e a situação ilegal dos ocupantes impossibilitou-lhes o acesso a serviços básicos como abastecimento de água, electricidade, saneamento, recolha municipal de lixo e também a serviços colectivos como o transporte público e equipamentos de ensino, saúde e cultura. Noutros casos, os bairros mais antigos abandonados e deixados em ruína pelos habitantes originários são também ocupados por novos imigrados, formando ocupações ilegais entre monumentos precários.

Problemas

A principal produção de habitação nos países em vias de desenvolvimento não a faz o mercado, nem a administração, fá-la a gente, construção social.[139]

Definição

Estas urbanizações espontâneas e ilegais foram ocorrendo um pouco por todo o mundo tendo diversas nomenclaturas como *slums* no mundo anglo-saxónico, *ranchos* na Venezuela, *barriadas* no Peru, *favelas* no Brasil, *bidonvilles* nos países francófonos e *ishish* no Medio Oriente. Elas formam uma paisagem compacta, complementar e omnipresente, contrastando com a cidade *legal*, *regular* ou *formal*.

A célula organizadora da favela é a unidade unifamiliar autoconstruída que tem a capacidade de formar tanto comunidades muito pequenas como muito grandes e de se repetir até ao infinito.[140]

Nas principais cidades latino-americanas, o número de bairros informais numa cidade alcança as centenas[141], variando de tamanho e de carácter. Uns partilham a mesma história e estrutura, outros desenvolvem-se independente e rapidamente e outros formam-se lentamente e subjacentes à estrutura urbana. Os assentamentos informais crescem muito mais rápido que os formais, constituindo uma realidade que está fora das normas legais, adquirindo um peso preponderante. Os processos que os formaram continuam a alimentá-los, logo os planos mais ambiciosos que inicialmente pretendiam eliminá-los já não se propõem a reduzi-los mas a desacelerar ou estabilizar o seu precipitado crescimento. Estes

138 Benevolo, [1974]: 1004

139 Castells & Borja, 1997: 208

140 Fabricius, 2008: 8

141 *Idem*: 11

processos não derivam da persistência da miséria passada mas do desenvolvimento económico recente[142], ou seja, a estrutura das urbanizações aparece como uma consequência das relações de trabalho, como uma condição que sustenta a hierarquia social vigente nas cidades[143].

A cidade informal na cidade formal

A divisão entre as duas cidades produz-se por uma política construtiva que define os standards admissíveis referindo-se a modelos convencionais europeus ou norte-americanos, que não correspondem às realidades locais. Assim, as casas construídas pelos mesmos habitantes com o seu trabalho são declaradas «abusivas» e os habitantes não recebem nenhuma ajuda para construir melhor; pelo contrário, solicita-se às grandes empresas especializadas que construam alojamentos «modernos» demasiado dispendiosos para a maioria da população e em quantidade muito insuficiente às necessidades, mas apropriáveis aos dos ricos e adaptáveis na cidade realizada por eles, e que serão ocupados pelos empregados ou trabalhadores das mesmas empresas ou de empresas parecidas, já integrados na classe dominante no seu grau inferior. A política é a marginação de uma maioria importante, seja como trabalhadores ou como usuários, a fim de conservar a modalidade de produção e de consumo – os sistemas industriais excludentes, os produtos confeccionados e estandardizados – que garantem o domínio da minoria vinculada ao círculo económico internacional.[144]

Abordagem ao Problema

A tolerância inicial, o "fechar os olhos" por parte das administrações às construções ilegais precárias permitiu que à cidade legal se juntasse uma ilegal ou *alegal*. Para esta situação também contribuiu a falta de uma sólida e experimentada tradição de intervenção do Estado no problema da habitação, com a excepção do Chile, México, Brasil ou Uruguai que tinham abordado o tema em diferentes momentos[145]. Só após o crescimento da cidade ilegal é que os poderes públicos procederam à sua repressão. O esvaziamento autoritário de áreas centrais de antigos tecidos autoconstruídos apenas deslocou a o problema para

Políticas urbanas

142 "Desde o fim dos anos 60 que, com o desemprego de longa duração de milhões de assalariados e grupos sociais diversos e com o declínio de regiões industriais e urbanas inteiras, tem tido um amplo desenvolvimento a nova temática da 'sociedade dual'. Esta noção postula que uma fractura estaria a dividir cada vez mais claramente a sociedade em dois grupos principais: um integrado na economia globalizada, localizado principalmente nas metrópoles, dispondo de rendimentos importantes e consumindo os produtos da dessa sociedade globalizada; outro mais marginalizado em relação a esta economia, presente sobretudo nas antigas cidades industriais, nos grandes conjuntos de habitação social, nas pequenas cidades e nas zonas rurais em decadência, que desenvolve, para sobreviver tanto quanto possível, redes e circuitos de substituição (economia local, circuitos de proximidade, pequenos empregos, mercado negro, etc.). Com a presença dos dois grupos nas grandes aglomerações, vemos surgir a expressão dual city que evidentemente adquire uma dimensão muito concreta quando os habitantes da cidade marginalizada se revoltam, devastam os centros comerciais dos bairros e fazem uma incursão nos sectores 'globalizados' das cidades." Ascher, [1995]: 82

143 "A transformação do proletariado em marginais torna inoperante a estratégia contrária elaborada pelo proletariado europeu e norte-americano nos sítios de trabalho, quando o desenvolvimento industrial exigia o aumento da mão-de-obra empregada e não, como agora, a sua diminuição; pelo contrário, basta estabilizar os novos proletariados num assentamento afastado e controlável para utilizá-los como consumidores nas margens do mercado urbano e para fazer nascer uma série de conflitos internos (entre os construtores das casas, os inquilinos e os sub-inquilino; entre os comerciantes e os clientes; entre os que ocupam as melhores e as piores posições), a fim de impedir o descobrimento e a organização dos interesses comuns." Benevolo, [1974]: 1008-1009

144 *Idem*: 1007-1008

145 O Chile criou as primeiras leis sobre a habitação operária em 1905; o México aquando da Revolução Mexicana em 1910, apresentada como a primeira grande agitação social do século XX, pôs de imediato arquitectos e intelectuais perante a necessidade de dar resposta rápida e generalizadas à grande procura popular de habitação, educação e saúde.





fig.23 Bairro 23 de Enero, Caracas, Venezuela terminada a sua construção.

fig.24 Bairro 23 de Enero, posição na cidade e relaçõ com a cidade colonial.



fig.25 Bairro 23 de Enero actualmente.

mais longe, em vez de a solucionar. Programas públicos de habitação social, não logrando responder às necessidades das populações dos bairros autoconstruídos produziam muitas vezes o mesmo fenómeno mas na vertical em blocos ou em torres. Estes inexperientes programas adoptaram os métodos do planeamento modernista e importaram projectos realizados por agências europeias ou norte-americanas. Apenas mais tarde e perante resultados insatisfatórios se realizaram estudos e projectos das realidades locais, porém feitos por peritos e por grupos formados em universidades dos países desenvolvidos.

Exclusão vs Inclusão

À dualidade de formas de crescimento – a legal e a marginal – corresponder-lhe-á uma dualidade de opções políticas de ordenamento: erradicar os bairros marginais, oferecendo como saída os monótonos blocos e torres convencionais, tipo CIAM, ou melhorar e controlar as condições de vida dos aglomerados autoconstruídos.[146]

Importação de experiências CIAM

Na década de 1950, desenvolveram-se ambiciosos programas públicos de habitação destinada aos sectores populares, mas os resultados não supriram o problema da escassez nem da integração urbana. Os que não têm acesso à habitação institucionalizada constroem a sua casa em terrenos periféricos e aqueles que têm acesso, são relegados para conjuntos também construídos na periferia. As novas transformações urbanas expressavam assim a exclusão social pela separação territorial[147]. A cidade fragmenta-se socialmente, tornando-se excludente; o crescimento desregulado torna-a disfuncional, e os seus espaços públicos – socializadores – debilitam-se quando não desaparecem. Estes resultados revelam erros de concepção como a monofuncionalidade dos bairros e a homogeneidade social advindos da concentração de camadas sociais baixas em sectores definidos e periféricos; como o difícil acesso destes sectores às dinâmicas económicas (emprego) e infra-estruturais (mobilidade) que poderiam contribuir para a sua inserção; e como a centralização do poder de decisão no processo do projecto e da construção em vez de decisões participadas, isto é, os agentes administrativos públicos construíam a habitação social com pouca ou sem participação dos colectivos que iriam habitá-las. Contudo, os mesmos princípios modernistas adoptados para a irradicação da cidade informal[148], alojando os seus habitantes em blocos ou torres modernas, revelam na cidade formal um desenvolvimento positivo e criando a imagem modernização e progresso almejada pelas elites locais[149]. Embora os

146 Montaner, 1982: 917-918

147 "A explosão social dos bairros populares e pobres manifestam em toda a sua crueldade a exclusão social, económica, cultural e política de importantes colectivos de população." Castells & Borja, 1997:207

148 "Desta maneira, os pobres eram sujeitos a valores e desejos das elites: se os pobres tivessem de viver nas cidades, eles teriam conformar-se a modos de vida das classes média e alta e em edifícios semelhantes às delas. [...] Desde que os migrantes rurais não conseguiam replicar completamente os seus modos de vida na cidade, e não estavam inteiramente de acordo com a ordem social dominante- ou a ordem social dominante foi incapaz de forçar os migrantes rurais a adaptarem-se favoravelmente às normas urbanas – diferenças arquitectónicas, culturais e sociais proliferaram escapando ao controlo das elites. Entre 1930 e 1950, a pobreza tornou-se claramente visível nas cidades. Foi a inesperada emergência da diferença, gerada pelos migrantes rurais-para-urbanos que causou as recções que expliquei acima: o desejo de esconder a pobreza, e os seus efeitos na cidade, invisível outra vez. Contudo, removendo os efeitos da pobreza da paisagem urbana mostrou ser difícil, se não impossível."Hernández, 2011: 69

149" Porém os resultados finais desmentem clamorosamente os fins declarados pela cultura arquitectónica moderna; os edifícios projectados pelos arquitectos e conforme as regulamentações, as cidades ordenadas por planos urbanísticos e dotadas de serviços públicos, as ruas, os parques, etc., apenas beneficiam uma parte da população; o resto não participa de tudo aquilo e estabelece-se por sua conta noutras casa, bairros e cidades irregulares, ligadas às

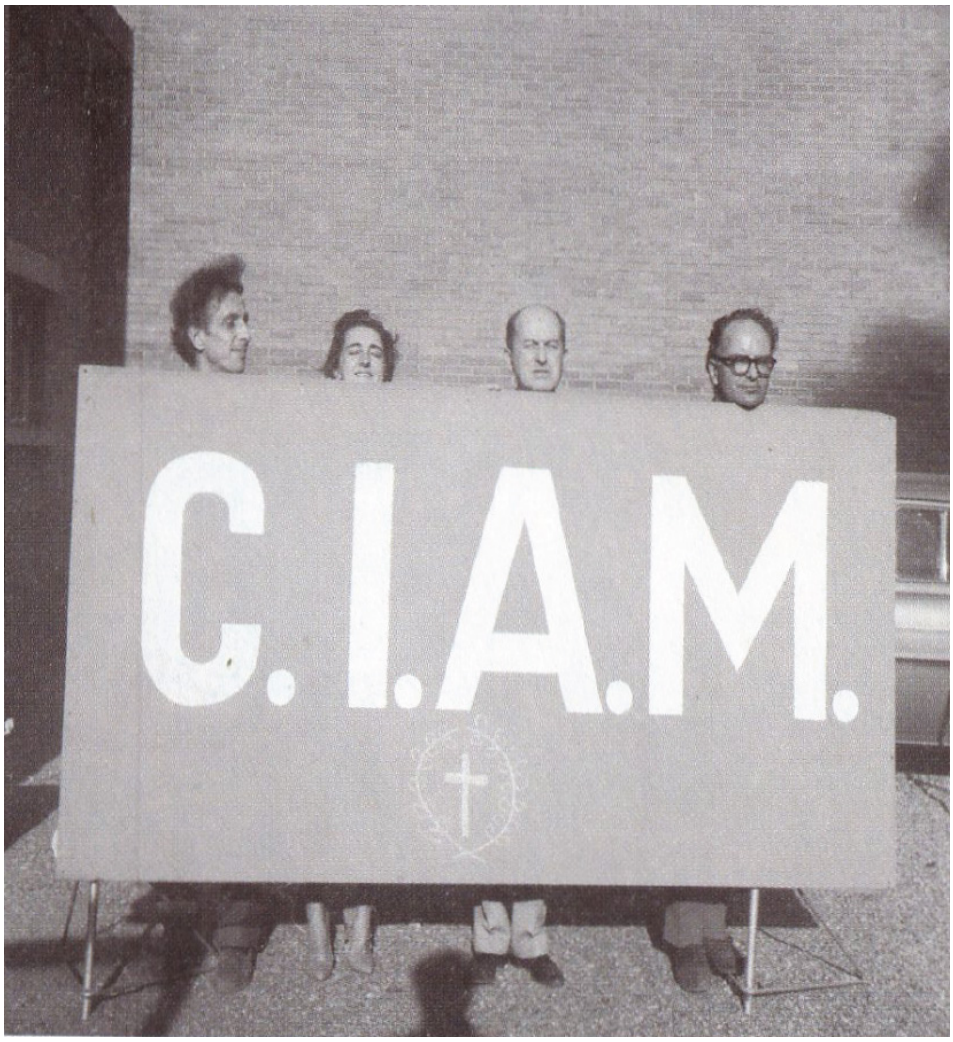


fig.26 Aldo Van Eyck, Alison Smithson, Peter Smithson e Jaap Bakema anunciando a morte dos CIAM, em Otterlo (1959)

serviços colectivos da cidade modernista, como as vias automóveis ou a rede de escolas e hospitais, estivessem reservados à cidade regular, chega-se a introduzir na cidade irregular os serviços indispensáveis como a electricidade, a água através de fontes públicas, escolas, postos de polícia e alguns troços de estradas para a passagem de ambulâncias e de camiões militares.

Em suma, a separação de populações de distintos níveis sociais, de actividades e de serviços tanto locais como centrais, e a produção em massa de habitação para as classes de baixos rendimentos, resultando na marginalização da população, criaram a outra cidade, não integrada, mas que paulatinamente é providenciada com os *standards* em vigor na cidade formal.

No fim dos anos cinquenta, o que para alguns era uma sociedade satisfeita, começou a ser vista como um problema. Participando num debate no inverno de 1958, Aldo van Eyck queixava-se das consequências negativas vindas da massiva reconstrução da Europa segundo os parâmetros dos CIAM: "Não há espaço para o imponderável, nenhum lugar onde se possa aninhar". Esta intolerância, esta sensação de perda de identidade levou alguns arquitectos associados ao Team X a olhar novamente o primitivo. Mas, no momento no qual o olhar dos arquitectos europeus se voltava para a periferia como fonte de identidade, estavam chegando ao seu auge os processos de descolonização em África (Argélia, Congo especialmente), na América Latina dava-se a Revolução Cubana. Identificado como luta dos povos para manter a sua identidade, estes processos relacionavam-se perfeitamente com o debate arquitectónico internacional em torno da questão da falta de "qualidade" e de "identidade" na produção moderna. [...] Embora este registo "positivo" e ingénuo pudesse intervir no debate europeu naquele momento: a saga do maior processo de crescimento demográfico e urbano do planeta, as novas "estrelas" eram agora as bidonvilles, as favelas, as villas miseria.[150]

Da formalização da informalidade

Os esforços por erradicar a população marginal resultaram inviáveis quer pela sua rápida proliferação quer pela resistência desta ao "remédio" do planeamento modernista. Pode então interpretar-se estes factos como indicações para uma alternativa[151] de pensar o futuro e também como fundamentos para uma crítica daquele presente. A aceitação da dinâmica activa dos bairros autoconstruídos por parte das instituições, através de políticas de autoconstrução, significou a contribuição do suporte técnico legal e financeiro para reabilitá-los e enquadrá-los dentro de uma política urbana global.

precedentes mas nitidamente diversas." Benevolo, [1974]: 1010

150 Sato & Posani, 1992: 108
"Nos finais da década de 1950, o grupo que mais tarde seria o Team X - Alison e Peter Smithson, Aldo van Eyck, e outros — propuseram um modelo de organização baseado nas relações de vivência e de comunidade. A cidade, em vez de ser divida por função, seria organizada por escalas de identidade social criadas pela casa, a rua, o bairro e a cidade." Fabricius, 2008: 15

151 "Pelo contrário, os assentamentos informais continuaram a crescer tornando-se parte inerente da imagem de muitas cidades sul-americanas. Por conseguinte, os arquitectos e as autoridades tiveram de pensar em respostas alternativas às realidades múltiplas de megacidades sobrepovoadas e heterogéneas, que se tornaram não só inconcebíveis como também insustentáveis." Hernández, 2011: 69

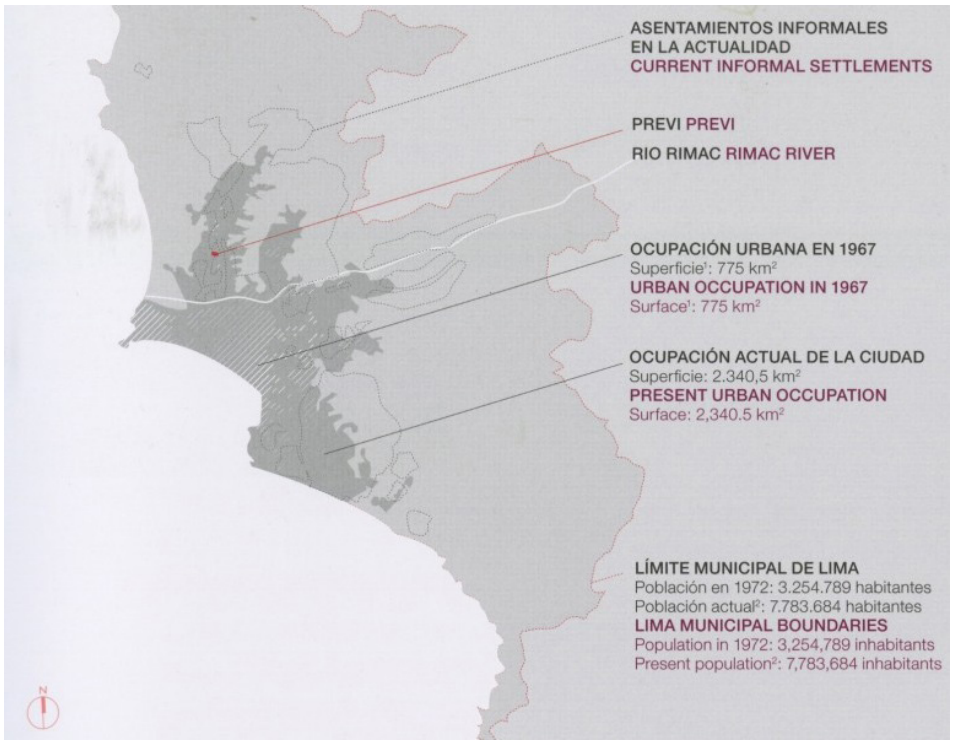


fig.27 Localização da intervenção na cidade. Marcação dos limites da cidade na altura e actualmente

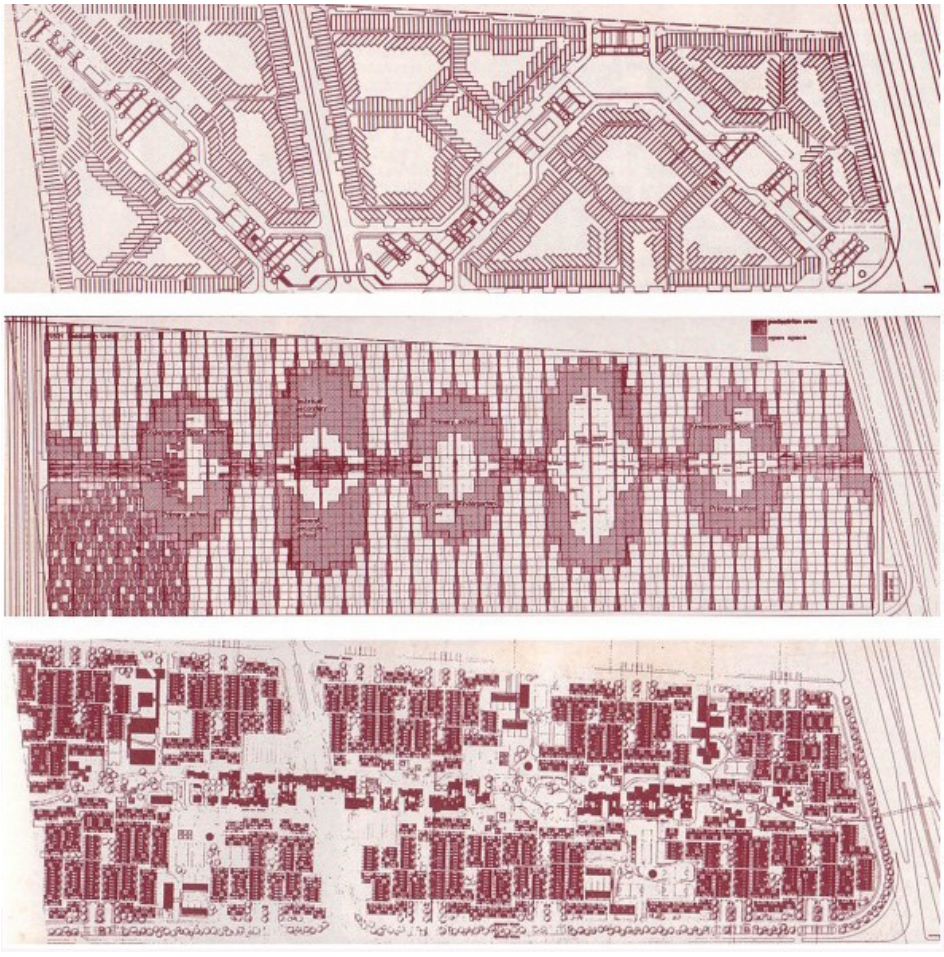


fig.28 As três propostas vencedoras: Maki-Kurokawa-Kikutake, Herbert Ohl e Atelier 5

Experiências Locais

Estas propostas técnicas intervirão estrategicamente em diversos momentos do processo de assentamento de um bairro autoconstruído seja regulando o domínio do solo (Guayana, Venezuela), parcelando o solo com uma estrutura elemental de serviços (Valdivieso y Condevila Señor) ou oferecendo a proposta de uma habitação evolutiva (como o concurso PREVI de Lima, Peru, 1966-1969).[152]

Até à criação destas políticas na década de 1970 já se tinham estudado bairros informais para a criação de projectos urbanos a pequena escala que contemplavam a autoconstrução e a introdução de serviços básicos.

[...] numerosas iniciativas mais ou menos ligadas a programas de renovação urbana dos tecidos populares, tais como os trabalhos da cooperativa de habitação no Uruguai, a obra da Brigada Revueltas e de Carlos Gonzalez Lobo no México, as grandes intervenções na habitação popular em Lima, como o distrito Malvinas ou a organização popular da vila El Salvador, o trabalho de promoção de "comunidade" do chileno Fernando Castillo e as diversas intervenções no campo da habitação popular do argentino Horacio Berreta e Victor Pelli.[153]

PREVI

A realização mais conhecida dentro das políticas urbanas foi o concurso internacional convocado pela ONU em 1966 para 1500 habitações em Lima, Peru.

Este Projecto Experimental de Vivienda (PREVI)[154] abordava o tema da casa evolutiva. Juntamente com os arquitectos peruanos, participaram figuras ilustres do debate internacional com teorias e activismos participativos ou estruturalistas como os japoneses Kiyonori Kikutake, Noriaki Kurokawa, Fumihiko Maki, o Atelier 5 da Suíça, os franceses Candilis, Alexis Josie e Woods, o holandês Aldo van Eyck e o inglês James Stirling. Tratou-se de formular uma alternativa à alta densidade por via de habitações unifamiliares associadas em banda. O júri[155] escolheu três vencedores peruanos e três internacionais; estes últimos foram o Atelier 5 que propuseram casas em banda, os metabolistas japoneses Kikutake-Kurokawa-Maki e Herbert Ohl da Alemanha que propuseram um suporte tecnológico para o processo construtivo com módulos de serviços básicos prefabricados. As suas propostas introduziam novos tipos de habitação e o recurso a novas tecnologias; já as propostas de James Stirling, de Christopher Alexander e de Aldo van Eyck[156], por partirem

152 Montaner, 1982: 918

153 Fernández, 1992: 133

154 Projecto e concurso que decorreu entre 1965 e 1973, proposto e dirigido por Peter Land, arquitecto e professor britânico da Architectural Association School, de Londres, que estudou e trabalhou sobre habitação social da América Latina motivado pela importância teórica e mediática que a autoconstrução de Lima começava a evidenciar. O PREVI contou com o apoio do PNUD (Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo) e do Banco de Vivienda Peruano, como representante do governo. O governo proporcionou os fundos para a construção, o solo e o pessoal local, enquanto o PNUD cobriu os gastos do apoio técnico, o pessoal internacional e os custos do concurso. Em 1971, o PREVI progredia positivamente e a ONU decidiu passar o projecto para as mãos do governo Peruano, mantendo Peter Land como consultor chefe até 1973.

155 José Antonio Coderch (Espanha), Halldor Gunnlogsson (Dinamarca), Peter Land (ONU), Ernest Weissmann (ONU.), Carl Koch (EUA), Manuel Valega (Perú), Ricardo Malachowski (Perú), Eduardo Barclay (Perú) e os assessores Darío González (Perú) y Álvaro Ortega (ONU).

156 Stirling, previa o crescimento da casa à volta de um pátio através de painéis prefabricados. Alexander propunha habitação em banda ventilada através de vários pátios interiores e construída mediante uma subtecnologia própria para os autoconstrutores, baseada nas matérias-primas locais. Mais tarde desenvolveu a ideia dos *patterns*, baseada no respeito pela cultura autóctone do uso do espaço e pensada para dar aos usuários a possibilidade de escolha na construção da casa. Aldo van Eyck considerou o pátio ou o terraço, uma característica quase uniforme a todas as urbes e tipologias de casas peruanas, como elementos fundamentais na sua proposta. Tal levou-o à forma hexagonal do projecto, que previa a não construção nos pátios irregulares à frente da casa, garantido zonas livres, salubridade e luz, características essenciais



fig.29 Foto aérea do local com o plano em execução

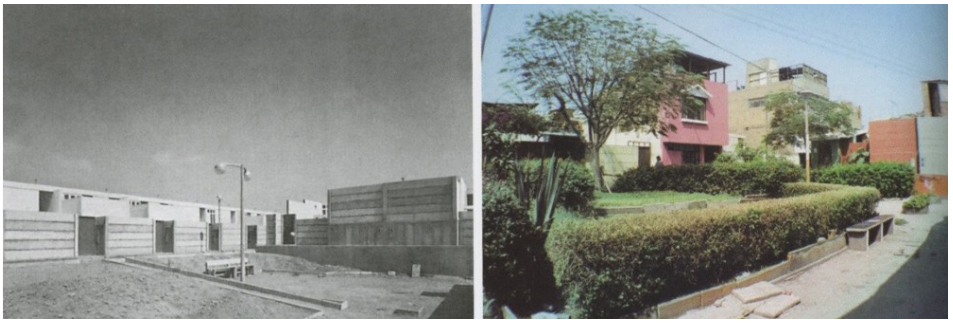


fig.30 As construções do projecto de Maki-Kurokawa-Kikutake terminadas e actualmente

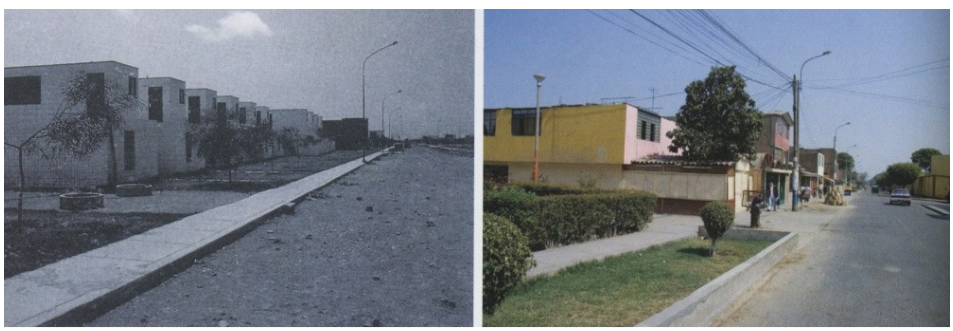


fig.31 As construções do projecto do Atelier 5 terminadas e actualmente

dos sistemas tradicionais de autoconstrução das barriadas não foram apreciadas na altura.

Inicialmente o concurso dividia-se em três projectos-pilotos: o PP1 consistia num novo bairro construído segundo os métodos e os desenhos do concurso internacional, o PP2 era um estudo para a recuperação de umas comunidades deterioradas e o PP3, um bairro de autoconstrução em terrenos periféricos para classes mais pobres.

No entanto, o concurso seria alterado devido à instabilidade política latino-americana causada pelo golpe de estado de 1968, que implantou um regime militar e elegeu um novo presidente para o Banco de Vivienda, – o arquitecto Manuel Valega – que continuou os trabalhos até 1973, mas com algumas alterações. Exemplo disso foi a criação de um PP4, que na sequência do terramoto de 1970 se focou em construções anti-sísmicas. Caracterizava-se pela baixa altura, alta densidade e escala humana e identitária, presente na hierarquia de vias pedonais e de trânsito, nas praças e no tamanho das casas. As habitações aliavam resistência aos frequentes sismos, uma flexibilidade evolutiva, um controlo de recursos e de custos e as tendências contextualistas da tipologia da casa pátio peruana.

Também a arquitectura paisagista se adaptou às condições do deserto onde Lima se encontra, ajudando a definir e a hierarquizar os espaços públicos onde se inseriam equipamentos como a escola, o centro cívico ou o parque multiusos. Contudo, a evolução do bairro correspondente ao PP3 não ocorreu como pretendido, atribuindo-se a culpa à falta de acompanhamento após a construção: ampliações desrespeitavam as formas urbanas projectadas e colocavam em perigo a segurança, a salubridade e a atractividade do conjunto e até a especulação imobiliária se fez sentir com a venda de algumas casas oferecidas, transformando o bairro num conjunto de classe média.

Apesar dos resultados, difíceis de prever devido à natureza do projecto, é de sublinhar o processo. O projecto partiu do lugar e num gabinete no local, foi feito pela cooperação entre arquitectos, engenheiros e construtores, residentes ou não, e no sítio onde ia nascer o bairro. Rentabilizou-se assim o trabalho manual, os recursos e as técnicas já conhecidas por construtores e habitantes.

No final conseguiu-se um bairro consolidado, denso e activo onde antes era deserto. O projecto não foi apenas desenho do arquitecto pois foi-se desenvolvendo da forma que os habitantes pretendiam. A perda das qualidades formais ou plásticas após a construção serve para uma reflexão sobre futuras intervenções do mesmo género. Validaram-se as teorias sobre a importância da assessoria técnica para o bom desenvolvimento da autoconstrução e para o controlo da expansão urbana, bem como sobre a teoria sobre a construção participada habitação, diminuindo um dos principais gastos sociais dos estados e funcionando como impulsionador social. Desta experiência resultaram lições como a clareza dos limites da propriedade, uma estrutura rígida, difícil de modificar e com capacidade para maior carga, as implantações simples e bem definidas ou o pensar na hipotética evolução de um agregado familiar.

As experiências feitas sobre as urbanizações informais, e que visavam a participação dos seus habitantes foram interrompidas com a ascensão de regimes autoritários[157] nas décadas de 1960 e 1970. Entretanto estes ensaios serviram para evidenciar a crise do Estilo Internacional nos países latino-americanos, crise que já se dera antes na Europa e Estados Unidos[158].

para enfrentar uma humidade de 80%.

157 Argentina 1966, Brasil 1964, Chile 1973, Peru 1969, Uruguai 1973.

158 "A valorização (nos termos da época) da cidade figurativa (lugar da história, do encontro, de coexistência, de pluralidade), em contraste com a cidade abstracta (funcional, zonificada,

A tomada de consciência para a necessidade de alternativas corresponde ao declínio da credibilidade e prestígio do Modernismo no ocidente e globalmente durante as décadas de 1960 e 1970. Arquitectos e autoridades urbanas começaram a suspeitar da capacidade do planeamento e da arquitectura Modernista para solucionar os problemas inerentes ao crescimento das cidades sul-americanas.[159]

1.5.3 Décadas de 1970 e 1980

Mímese

A aspiração da cultura latino-americana à Modernidade[160], nunca tendo chegado a realizar-se mas ficado apenas na acção de alcançar, a modernização[161], produziu a capacidade [...] *de manipular o moderno como linguagem - não como programa ético-político – o equivalente de Borges [162] na literatura[163].* Na literatura latino-americana, este processo adquiriu reconhecimento internacional com Gabriel García Márquez que [...] *nunca poderia escrever a partir de uma ideia mas de uma imagem, um sentimento e todo o livro desenvolve essa tese. Sobre uma ideia pode-se escrever ensaios e tratados.*[164]

Contudo, na arquitectura e no urbanismo, a aplicação do abstracto modelo do Movimento Moderno às realidades locais, mesmo que assumindo alterações de linguagem para responder ao contexto, não teve o mesmo reconhecimento que na literatura.

Após as décadas de imitação da "intangível" Modernidade, o declínio da Arquitectura Moderna e a difusão do Pós-Modernismo[165] revelam uma profunda crise nos centros de

controlada). Assumia-se a crítica anglo-saxónica (de Gordon Cullen, Kevin Lynch e Jane Jacobs) e a ideia kahniana da cidade como um conjunto estruturado e significativo onde cada parte contribuía para o carácter do resto das partes que inspiravam a táctica de intervenções concretas mediante o incremento de praças, monumentos, percursos, nós, bairros e a sua articulação como busca de uma referência psicológica e cultural." Segawa, 2005: 79
E também pelos escritos de Christopher Alexander que criticava a tradição modernista pelo hábito mental da hierarquia em árvore, argumentando que se deveria pensar em relações mais complexas, como uma rede deformada (a matemática Semilattice).
"Na altura em que Brasília foi inaugurada em 1960, as instituições académicas da Europa e dos Estados Unidos tinham começado a tornar-se cépticas em relação à retórica que susten-tava muitos dos projetos construídos na América do Sul, incluindo Brasília; a produção arquitectónica Modernista não voltou a ser recebida com o mesmo entusiasmo." Hernández, 2010: 66

159 *Idem*: 69

160 "A cultura moderna é a da sociedade nascida com as revoluções políticas, industriais, sociais, dos séculos XVIII-XIX. A ideologia do progresso técnico-científico, o ideal de racionalidade como fundamento da organização produtiva e da organização social, a crença na validade universal de tais ideias, à medida que a convicção de que o mundo ocidental, criador dos instrumentos de produção e pensamento da nova sociedade é guia indiscutível do resto do mundo, são alguns dos traços que definem esta cultura." Waisman, 1989: 23

161 "Parece que emerge uma ideia de modernidade intimamente ligada à ilusão de um progresso indefinido e ecuménico. O moderno, assim, como um "esperanto", um idioma universal, um sistema simbólico que parece aludir à mudança e à modernização." Fernández, 1992: 149

162 Jorge Luis Borges (Buenos Aires, 1899 – Genebra, 1986). Poeta, ensaísta e escritor de contos.

163 "Na América, a linguagem moderna teve sempre de ser manipulada, com justa assepsia profissional, com justa neutralização dos componentes ideológicos da estética." Fernández, 1992: 149

164 Waisman & Naselli, 1989: 15
"Nós romancistas estripamos os romances dos outros só para descobrir a sua estrutura. Tenho de fazer essas releituras e essas investigações antes de começar a escrever porque não posso fazê-lo enquanto não tiver a estrutura definida e o livro sabido como se já o tivesse lido. É uma injustiça que não se ponha a bibliografia nos romances, como o fazem os ensaístas." Gabriel García Márquez [s.d.] in El Periodista de Buenos Aires #67, Dezembro de 1987 cit. Waisman & Naselli, 1989: 105

165 "No pós-moderno arquitectónico, expressão drástica e irreverente de negação e rejeição do que durante mais de meio século tinha sido considerado moderno, foca-se ataques e defesas de inúmeras polémicas. Isto simbolizou, em termos compreensíveis por todos, o colapso da

produção cultural de onde a América Latina bebia. Esta foi forçada a procurar alternativas ao modelo urbano e arquitectónico modernista no seu território e nas suas cidades, pois [...] no meio da crise, deixa de haver modelos e portanto o que imitar, pela primeira vez permite total liberdade aos imitadores de serem eles próprios.[166]

E graças ao romper dos laços produzido pelo estilo de vida pós-moderno, a diferença e a alteridade[167] instalaram-se no centro da criação do subcontinente.

Espelho

A metáfora do espelho, usada para caracterizar a estratégia cultural dos países subdesenvolvidos, considera a imagem reflectida do referente desenvolvido e revela assim a nossa dependência: a América Latina é, portanto, uma área na qual se reproduzem os acontecimentos de outros países e a acção de outros arquitectos. Mas quando assistimos à dissolução dos mitos da modernidade, à descentralização, à fragmentação das imagens de um espelho quebrado, essas imagens são reflectidas, paradoxalmente, num espelho intacto: quebra-se a linearidade da leitura. No entanto, o drama não se converteu numa farsa, mas tornou-se em algo mais. É mais fácil de reconhecer na descoberta de Velázquez: estamos todos aqui, inclusivamente o pintor que retratou a família de Filipe IV. O pessimismo convive com o optimismo, a velhice com a infância, o poder com a submissão. Esta totalidade contemporânea sugere a mesma inclusão, aqui como noutras partes do mundo; e insistir em caracterizar a cultura latino-americana como espelho do centro não serve para encarar a complexidade do nosso tempo.[168]

Há nesta altura uma tendência para ver a América Latina como o reflexo[169] de qualquer coisa a acontecer noutro lado, num centro, apoiada na teoria da dependência cultural e reduzindo o contexto cultural a um binómio periferia-centro[170].

Condição periférica

O sentimento de ser simplesmente uma "uma província da Europa", e uma província marginal, prevaleceu durante muito tempo na consciência latino-americana e até mesmo hoje, incentivado, pelos demais, pelo olhar dos intelectuais europeus, que assim viam a América Latina. Como é sabido, a noção da própria personalidade está formada em grande parte pela noção que os demais têm dela: daí esta confusão da identidade americana com um resíduo marginal do mundo europeu não seja fácil de eliminar da própria consciência americana.[171]

---

racionalidade instrumental e o desaparecimento do dogma funcionalista, da utopia totalitária. Estes eram os pilares portantes da modernidade ocidental, a fé na ciência e no projecto e a adoração da técnica, sucumbiram às duras críticas, armadas de instrumentos eficazes como o regresso ao uso do repertório histórico, a ironia, os códigos semióticos da memória, o transbordar da fantasia e da livre irracionalidade, o recurso ao arsenal do kitsch." Sato & Posani, 1992: 80

166 *Idem*: *Ibidem*

167 "[...] o 'eu' de cada um se define pelo exercício da alteridade, pela interacção com e pelo reconhecimento do outro." [s.a., s.d.] *in Infopédia*

168 Sato & Posani, 1992: 49

169 "E é precisamente a história do nascimento desta relação, e do modo como se pretendia resolvê-la num sincretismo ávido de novidade, o que permite uma melhor identificação eficaz do que tem sido e ainda é a América Latina. Um reflexo e ao mesmo tempo, uma negação da Europa e Estados Unidos." *Idem*: 54

170 "Trataram temas candentes nas décadas de 1960 e 1970 como "centro", "periferia", "dependência" e "marginalização" num gesto de desapego do vocabulário de esquerda dominante anteriormente, conceitos que ganharam mais consistência e reprodutibilidade." Segawa, 2005: 51

171 Waisman, 1989: 17

Movimentos revisionistas

A partir da década de 60[172]*, o rastro da descolonização e os novos movimentos sociais em busca de histórias alternativas e revisionistas, na procura da tradição dos "outros", acompanhada de "múltiplas" declarações do fim: o fim da história, a morte do sujeito, o fim da obra de arte, o fim das metanarrativas.*[173]

Identidade Cultural

A tomada de consciência da marginalização à escala continental permitiu à cultura latino-americana a procura de respostas para cada situação específica e num determinado tempo, encontrando a autonomia na fragmentação do modo de actuação universal do Moderno. A década de 1960 foi vista como a década libertadora e desses anos nasce [...] *uma atitude de olhar para dentro das costas continentais e procurar aí as pautas para gerar arquitectura que responda a perguntas formuladas desde esse mesmo desde este mesmo território, atitude que amadurecerá até chegar à situação actual.*[174] E dessa mesma atitude nasce também uma produção teórica que foi [...] *um acto sem precedentes*[175].

A realidade da América Latina, aparentemente unitária na superfície mas ambígua e contraditória em profundidade, teve de encarar durante toda a sua história o problema de se pôr de acordo consigo mesma. Mas o problema da inadequadamente chamada "identidade" tem sido e continua a ser o do confronto com os dois continentes, Europa e Estados Unidos, que constituíram os pontos de referência para a América Latina e modelaram, para melhor ou pior, o seu desenvolvimento.[176]

Aceitação do caos e entropia

O tema da identidade aparece uma e outra vez como preocupação e como ideologia que, por um lado, corre o risco de cair em nacionalismos ou folclorismos, mas por outro, o reconhecimento, a análise, a aceitação e validação da própria circunstância histórica serve para formar a substância de um projecto cultural. Neste contexto surge o movimento regionalista na arquitectura, no qual as propostas reclamam um significado enquadrado por esse projecto cultural.

A nível urbano, a omnipresente especulação imobiliária fez desaparecer [...] *uma quantidade significativa de testemunhos históricos urbanos, deformando irreversivelmente a identidade das cidades e dando lugar à sua trivial e caótica expressão de apinhadas torres. O caos urbano é real para alguns arquitectos e sinónimo de progresso ou profissão rentável para outros.*[177]

172 "Dentro das nações desenvolvidas, durante os movimentos contestatários da década de 60, numerosos grupos marginados – ou auto-marginados – reivindicaram a sua própria identidade tomando consciência da sua marginalização. E no contexto mundial a tomada de consciência alcançou a nações do chamado Terceiro Mundo, em pleno processo de descolonização, levando-as a reconhecer os seus valores culturais tradicionais, historicamente desprezados pelos próprios e alheios na sua confrontação com o modelo europeu." Idem:

173 Segawa, 2005: 30

174 Waisman, 1989: 31

175 Sato & Posani, 1992: 54

176 *Idem*: 56

177 Waisman, 1989: 30

Regionalismo

O conceito de uma "modernidade apropriada"[178], específica deste continente, sem chauvinismos nem xenofobias, uma modernidade que aceite as contradições destes espaços neste tempo, e que inclua aparentemente o irreversível facto de pertencer a um sistema planetário de nações interdependentes, é uma corrente de energia que recorre a cultura latino-americana actual nos seus campos todos.[179]

Pretendia-se com esta ideia de *modernidade apropriada* continuar a linha histórica que relaciona o património com as necessidades do presente e com as expectativas do futuro, e para tal havia que estabelecer um conceito de património. Defendia-se tudo o que contribuísse para a definição de uma identidade: como o sentido de pertença a um lugar, a um tempo e a uma comunidade. O debate arquitectónico[180] centrava-se nas questões da identidade, da alienação e do *regionalismo crítico*[181] . Defendia-se também a contradição, o sincretismo e o *espírito do lugar*[182] por uma ressurreição do contexto[183]. Deste último, um telurismo especial, surge um [...] *novo movimento de arquitectura latino-americana*[184].

178 "'Modernidade apropriada' é uma ideia do arquitecto chileno Cristián Fernández Cox mediante a qual se propõe um pensamento crítico da actividade culturalmente paralisante antes descrita, e propõe, junto a outros estudiosos latino-americanos, como o argentino Ramón Gutierrez uma reacção no campo da arquitectura, reacção que superou já o estado puramente combativo para dar lugar a produtos profundamente originais, signos esperançados do deslumbramento de uma nova e real arquitectura latino-americana." Idem: 20
"Com o passar da década de 1980 a 1990 sintetiza-se a ideia elaborada pelo chileno Cristián Fernández Cox (1935), propagada com a expressão 'modernidade apropriada'. Ao propor uma atitude 'endocêntrica' preocupada com a criação de uma identidade 'forte e original com a sua realidade', Fernández Cox especulava o triplo sentido do termo 'apropriada' para albergar a riqueza e a diversidade da sua concepção 1) 'apropriada' enquanto a 'adequada' à realidade latino-americana; 2) 'apropriada' enquanto a 'feita própria', assimilando as ideias, ciências, técnicas e modelos de maneira selectiva e conveniente à situação latino-americana; 3) 'apropriada' enquanto a 'própria', respondendo a situações exclusivamente peculiares fruto de uma autêntica criatividade latino americana. O dístico 'modernidade apropriada' esteve presente num sem número de títulos e ensaios, de discursos repetidos e repetitivos até à extenuação – bem como uma categoria interpretativa, bem como palavras de ordem, operativas -, desgastando-se pelo uso e redundância. Contudo, representou o discurso base de uma suposta 'nova arquitectura latino-americana', que teve vigência até meados da década de 1990." Segawa, 2005: 51

179 Waisman, 1989: 20

180 Como por exemplo os Seminários de Arquitectura Latino-americana (SAL) com periocidade bianual iniciados em 1985.

181 "Com a rejeição unânime do 'regionalismo crítico' de Frampton-Tzonis-Lefaivre)." Segawa, 2005: 53
"Sem dúvida com boas intenções, alguns teóricos como Kenneth Frampton defenderam a diferença regional latino-americana como uma forma de resistência, alternativa ao processo central de homogeneização." Liernur, 1992: 116

182 A importância do contexto, complementando o termo "espírito da época".

183 "Um dicionário de ideias inglês define a palavra contextualismo como 'um termo arquitectónico algo pomposo aparecido na década de 1980 para descrever a crença amplamente divulgada e reconhecida de que os edifícios e a sua urbanização deveriam estar no mesmo contexto que os seus complementos'. Mas a preocupação pelo meio é bastante anterior. Pode derivar da noção académica de bienséance e, mais remotamente, do sentido de adequação pedido por Alberti e Vitruvio." Segawa, 2005: 90

184 "Enrique Browne defendia em 1989 a existência de 'um novo movimento de arquitectura latino-americana' reconhecendo avanços no desenvolvimento teórico, histórico e críticos. A este 'novo movimento', o arquitecto sugeria com cautela o epíteto de 'outra arquitectura', enquanto propunha 'multifacetada e em formação' distinta das realizações protagonizadas por eminências como Óscar Niemeyer, Carlos Raúl Villanueva, Clorindo Testa, Emilio Duhart ou Félix Candela, que não se confundia com as arquitecturas 'postmodern', 'neoracionalista', high tech, etc., e que assimilava a 'alteridade cultural da América Latina dentro da civilização ocidental', numa paráfrase a Octavio Paz. Expôs a sensibilidade latino-americana derivada da dialética entre 'o espírito da época e o espírito do lugar', fundamento da sua teorização sobre a 'outra arquitectura'. Browne, ao contrário de outros teóricos latino-americanos como Marina Waisman, Ramón Gutiérrez ou Roberto Segre, é um notável arquitecto projectista que também ganhou notoriedade como teórico ao publicar o livro Outra Arquitectura en América Latina (1988) e que

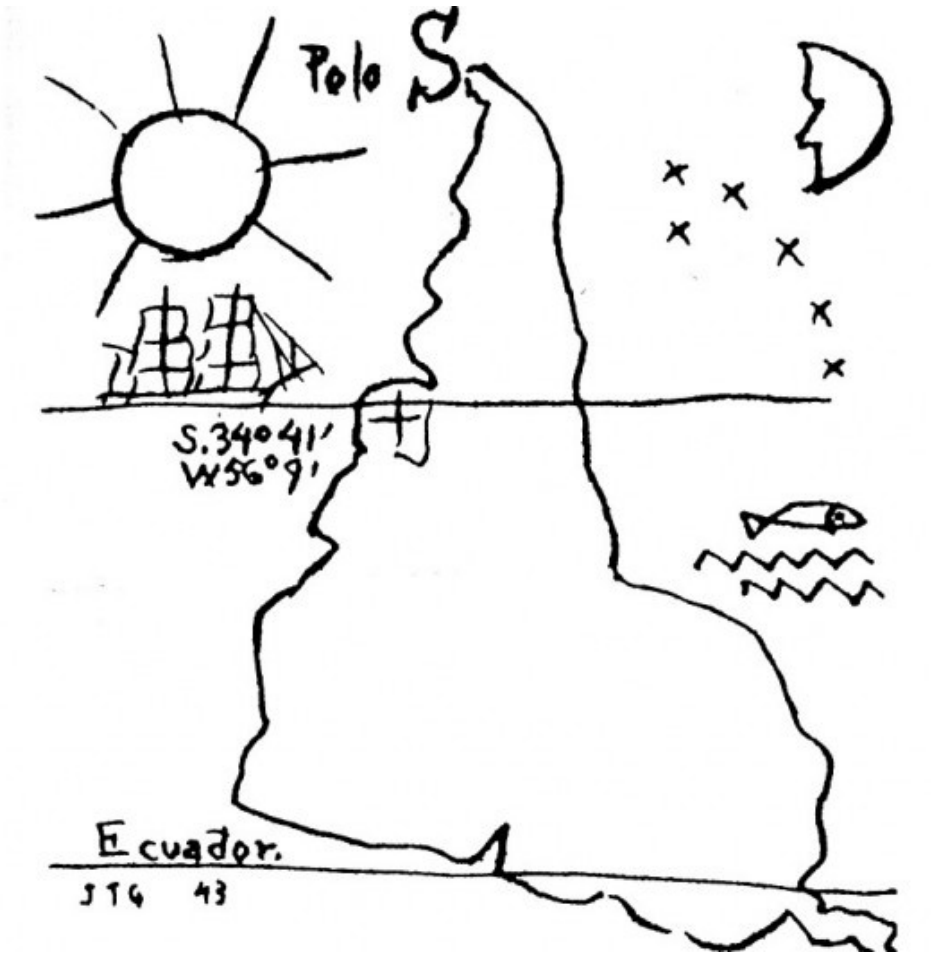


fig.32 “América invertida” (1943) de Joaquín Torres García.
“Tenho dito Escola do Sul porque, na realidade, nosso norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. Por isso agora colocamos o mapa ao contrário, e então já temos uma justa ideia da nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, desde já, prolongando-se, aponta insistentemente para o Sul, o nosso norte.”
Joaquín Torres García. Universalismo Construtivo, Buenos Aires: Poseidón, 1941.

Na década de 1980 consolida-se uma nova etapa no pensamento ocidental: a preocupação sobre a memória, a experiência e a sensibilidade do tempo. A recuperação de edifícios e bairros para a conservação dos lugares e das cidades são as novas prioridades.

Portanto nos anos 80 a América Latina ocupou na cultura arquitectónica "pós-moderna" apenas os lugares atribuídos pela reivindicação heideggeriana do seu locus, a sua condição "débil" e marginal a respeito da "dura" centralidade moderna, e a não menos anti-moderna apoteose da "trama" a respeito do "objectualismo" e, por conseguinte, a "redescoberta" da retícula urbana colonial.[185]

A "década perdida"

Esta década ficou também conhecida como a "década perdida" devido à difícil situação económica, com grandes dívidas externas a comprometerem a subsistência das nações, confinando-as ao subdesenvolvimento. As recessões económicas diminuíram inevitavelmente a produção e a experimentação arquitectónica[186].

Os arquitectos produziram apenas um desvio de interesses: da teoria da dependência passou-se para a teoria centrada em si mesma. Com efeito, a pobreza crónica na América Latina não abordava os problemas específicos da arquitectura e os debates disciplinares careciam, inclusivamente, de sujeito: o realismo mágico tinha sido capaz de se livrar dos indivíduos e das suas condições objectivas, cuja ausência impossibilitou todo o debate arquitectónico. Neste universo entrópico, a arquitectura permaneceu nua, sem possibilidade de se esconder: não há referências ou paradigmas, ou há-os demasiado.[187]

Paralelamente, o debate arquitectónico carecia de operatividade[188]. A crítica "babélica" tornou-se um obstáculo à formulação de projectos e o pluralismo desorientado impossibilitou a indicação de novos caminhos a seguir. Por sua vez, a nostalgia do passado não preencheu a perda da ideologia do progresso. Estes factores contribuíram para a década perdida. Porém, as décadas posteriores serviram para amadurecer e sintetizar algumas das ideias que apareceram neste período: a crítica centrou-se no ensino superior e a arquitectura, perante [...] *os problemas de habitabilidade, marginalidade, desastres ecológicos, saúde psicofísica, cultura, ética, espiritualidade*[189], retomou o seu compromisso social.

Invisibilidade da produção arquitectónica latino-americana

É um pouco exagerado afirmar que no campo visual pós-industrial, pelo menos de momento, a cultura arquitectónica do subcontinente está próxima do inexistente. Desfeitos os últimos vestígios utópicos dos anos 60, em pleno clima hedonista e com um enorme, diversificado e portanto indiferenciado universo de "bárbaros" no outro lado da barreira, a produção do subcontinente não conta.[190]

---

as circunstâncias apontavam para um profissional que podia materializar a sua teoria." Idem: 109

185 Liernur, 1992: 116

186 "Como consequência da primeira reduziu-se ao mínimo o investimento público e privado nas construções não-luxuosas, o que significou uma contracção dos programas de grande amplitude para as obras de interesse colectivo." *Idem: Ibidem*

187 Sato & Posani, 1992: 76

188 "Carece-se de manifestos concretos globais, o qual é lógico num continente heterogéneo e difícil de encerrar em generalizações. Conta-se principalmente com o apoio de personagens e obras individuais, mais que com tendências ou movimentos colectivos. Nem o SAL se configurou como um 'CIAM latino-americano', nem se constituiu uma proposta operativa (como definiria Manfredo Tafuri) da arquitectura latino-americana. As idealizações em torno do sistema construtivo morreram com a chamada globalização, com arquitectos do *jet-set* internacional trabalhando e combinando materiais com um refinamento extremo. Na América Latina, houve uma retórica comprometida com os materiais do passado, como o discurso corrente no Brasil durante a década de 1960 protagonizado pelo betão armado." Segawa, 2005: 53

189 Waisman, 1989: 31

190 Liernur, 1992: 116

1.5.4 Globalização

Os fundamentos científicos de tal revolução [tecnológica] são antigos e alguns dos seus elementos industriais existiram desde os anos quarenta, a sua constituição em sistema tecnológico, difundido e aplicado, data na realidade da década de 1970.[191]

O fenómeno económico da globalização reflectiu e orientou as transformações das cidades, desde que se começou a manifestar, passando a utilizar-se o termo cidade global[192] para definir um modelo urbano que encontrava as suas razões nos fluxos de investimento a na expansão do mercado internacional de serviços. A cidade global é, assim, uma cidade geradora de redes e apoiada no desenvolvimento das tecnologias de informação. As grandes cidades e aquelas de maior crescimento[193] basearam-se neste esquema para se converterem em nós dessa cidade global, dotada de um determinante peso na economia mundial através de alianças estratégicas internacionais.

A nova hierarquia urbana e a rede de cidades globais

No entanto, a cidade global ou cidade informacional é também a cidade dual.

Cidade dual

O que caracteriza a nova economia global é o seu carácter extraordinariamente inclusivo e simultaneamente excludente. Sistema dinâmico, expansivo, e um sistema segregante e excludente de sectores sociais, territórios e países.[194]

No espaço destas cidades existem, sem se articularem, as funções mais valorizadas, dos grupos sociais produtores de informação e detentores de riqueza com as funções mais degradadas, dos grupos sociais excluídos da produção e em condição de marginalização. A estes efeitos soma-se a complexificação das relações sociais, e a crescente individualização, revelando défices de cidadania, de solidariedade, de interdependência e da consciência de pertença a uma colectividade, atributos necessários para uma mobilização política ou para uma participação nas decisões administrativas. Essa participação é importante para o reequilíbrio das forças dualizadoras da condição global uma vez que [...] *a globalização da economia integra cada vez mais intima e directamente todos os sistemas de produção e de troca, mesmo os mais particulares, em redes mundiais, fazendo simultaneamente depender o desenvolvimento local das qualidades intrínsecas da sua economia-território e da sua articulação com os fluxos internacionais de bens, de informação, de pessoas*[195].

191 Castells & Borja, 1997: 23

192 "A cidade global é uma rede de nós urbanos de distintos níveis e com distintas funções que se estende por todos o planeta e que funciona como centro nervoso da nova economia, num sistema interactivo de geometria variável, ao qual devem constantemente adaptar-se de forma flexível empresas e cidades. O sistema urbano global é uma rede, não uma pirâmide." Castells & Borja, 1997: 43

193 "As megacidades são mais que gigantescas aglomerações territoriais de seres humanos. São na realidade, os nós da economia global e das nações mais poderosas. No seu território concentram as funções superiores de direcção, produção e gestão do planeta, os centros de poder político, o controlo dos meios de comunicação; a capacidade simbólica de criação e difusão das mensagens dominantes são definidas em termos do seu poder gravitacional na relação com amplas regiões do mundo. Elas articulam a economia global, conectam as redes informacionais e concentram o poder mundial." *Idem*: 51

194 *Idem*: 24

195 Ascher, [1995]: 179

A América Latina no seu conjunto, pode ser vista um continente em vias de desenvolvimento (nele se localizam neste momento, países com altas taxas de crescimento económico) no qual os aspectos sócio-ambientais estão no centro das considerações. No aspecto urbano, a transformação acelerada das grandes metrópoles (Cidade do México, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Caracas, Lima, etc.) apresenta profundos contrastes entre as características formais e "informais".[196]

Planeamento

As cidades mostram cruamente o crescimento descontrolado[197] que escapa ao planeamento urbano[198] e às ferramentas do controlo territorial, bem como as desigualdades que fragmentam e segregam os espaços[199] de actividade e de grupos sociais. Apesar destes fenómenos serem mais visíveis nas ocupações informais, encontram-se de igual modo nas urbanizações legais, em iniciativas privadas de diversas escalas e impacto. Estas últimas caracterizam-se por ocorrerem através de ocupações concentradas, descontínuas com a cidade existente, e com uma autonomia que inclui a segurança privada entre outros elementos chave para uma crescente fragmentação do território. Este crescimento urbano é também [...] *caracterizado pela extensão, a baixa densidade e a consequente dependência do automóvel, que rege o crescimento das grandes cidades*[200]. O desenvolvimento autónomo destas urbanizações leva a que o Estado actue posteriormente fornecendo as infra-estruturas que faltam aos investimentos privados e corrigindo as carências ao realizar melhorias nas habitações e nas infra-estruturas comunitárias. Podemos então afirmar que o planeamento e o investimento do Estado não actuam antes, como guia e organizador para um melhor funcionamento da cidade, mas depois, remediando e corrigindo o que provavelmente poderia ter sido evitado.

É a partir da década de 60 que se desenvolvem a maioria das mega favelas no mundo e na década de 80 pode ser considerada como o momento em que a era pós-industrial intersecta com a precaridade, estimulando o hiperconsumo, produzindo um enorme excedente de desempregados que contribui para o aumento descontrolado das gigantescas manchas que configuram as periferias dos grandes centros urbanos.[201]

---

196 Jáuregui, 2011: 24. Arquitecto e urbanista, coordenador dos projectos do programa "Favela-Bairro" Rio de Janeiro. Deste modo, podemos caracterizar os processos de globalização como os da pobreza excluída (excluída da atenção do Estado) e os da riqueza exclusiva (com a sua manifestação separatista dos guetos de riqueza na "mancha" de pobreza), sendo o seu corolário a cidade dividida.

197 "Eles incluem a desindustrialização - uma profunda crise económica que deu à década de 1980 o nome de 'década perdida' – e alta taxa de desemprego. Como resultado, a distribuição da riqueza – já má – piorou, e as perspectivas de mobilidade social encolherem consideravelmente. Nas periferias, aspectos importantes de inclusão alcançados pelos movimentos sociais desgastaram-se." Holston & Caldeira, 2008: 18

198 "A escala e a velocidade de tamanha proliferação de formas culturais, arquitecturais e urbanas superam a capacidade de aproximação holística Modernista para manter o sentido de ordem desejado. Foi precisamente esta proliferação de diferença que perturbou a imagem de cidades cujo tecido era até aqui relativamente homogéneo, dominado pela arquitectura colonial e pelos princípios de uma elite social claramente definida." Hernández, 2010: 69

199 "Os grandes planos urbanísticos aplicados actualmente em cidades Sul-Americanas têm como resultado a segregação da cidade em guetos e condomínios fechados. Estas assimetrias espaciais, económicas e físicas são um derradeiro desafio para os projectistas do Global South." Brillembourg & Klumpner, 2011: 39. Arquitectos Urban-Think Tank, coordenadores do projecto MetroCable Caracas.

200 Diez, 2011: 31

201 Jáuregui, 2011: 24



fig.33 Biblioteca Manguinhos, projecto do programa Favela Bairro vno Rio de Janeiro, Brasil

Após as crises económicas e políticas[202] que vinham sucedendo desde da segunda metade do século XX, as nações alcançam finalmente alguma estabilidade na última década final do mesmo século, saindo de regimes autoritários para democracias. Tal permitiu voltar a actuar nas urbanizações informais de modo mais reflexivo, promovendo a inclusão e a mobilidade social ao articular reciprocamente a cidade a informal com a formal.

Visibilidade

Em vez de ocluirem a existência da informalidade, estas intervenções trazem à tona a sua presença. Assentamentos informais são integrados física e simbolicamente no tecido urbano – fisicamente por meios de infra-estrutura urbana e simbolicamente porque a imagem da informalidade é alterada para incluir progresso e aperfeiçoamento social.[203]

Intervenções de articulação
Visibilidade

Estes projectos apontam para novas formas de articular a cidade através do espaço público e para a sustentabilidade social[204] ao integrarem as populações através da educação, da mobilidade, do acesso ao emprego e à habitação, do controlo do crescimento demográfico e da saúde.

Da habitação para a mobilidade

Um dos programas com resultados mais positivos tem sido o programa Favela-Bairro, no Rio de Janeiro, que consiste na criação de acessos e ligações entre as favelas e o resto da cidade – processos a que Jorge Mário Jáuregui, arquitecto e coordenador do programa, chama *articuladores urbanos*[205]. Os articuladores urbanos encontram-se sob três formas: acessos que facilitam a mobilidade entre a cota baixa e a cota alta das favelas, infra-estruturas de transporte onde a paragem do autocarro ou do teleférico serve para o encontro de grupos diversos e para fins comerciais[206], e espaços com programas de recreação (campos de futebol e de basquetebol, mesas de xadrez, miradouros, etc.) e espaços comunitários (lavadouros), inexistentes até então. Apesar da modesta escala esta intervenção conseguiu ser eficaz[207]. Outro programa parecido com o Favela-Bairro encontra-se em Medellín, Colômbia, uma cidade assombrada pelos cartéis de droga nas

202 "[…] apesar da desordem visual e funcional, resultado de crises económicas sucessivas, corrupção governamental, e falta de políticas públicas para enquadrar os acontecimentos." *Idem*: 25
"Para começar a abordar a informalidade, os arquitectos deveriam investigar mesmo a fundo as histórias recentes da sua própria profissão. Que dinâmicas estão na raiz da produção informal? […] Como é que os arquitectos contribuíram para o planeamento de modelos que dão prioridade a interesses privados (e encomendas) sobre o bem público, empurrando, desta forma, as pessoas com poucos recursos a ter de se arranjar no que diz respeito a gerar a sua realidade espacial? De que forma é que os arquitectos realmente participaram ou alimentaram dinâmicas 'informais' de esquemas empresariais e corrupção urbana?" Ballesteros, 2011: 34

203 Hernández, 2011: 69-70

204 "[…] Mudança de mentalidade e de hábitos da população, inclui acções sobre a educação da população, participação e implicação do cidadão na defesa da sua envolvente. A sustentabilidade também é integração social." Castells & Borja, 1997: 201-202

205 "Estes projectos, capazes de galvanizar o imaginário colectivo, apontam para novas formas de articular cidade, urbanidade e espaço público de qualidade, sob o conceito de sustentabilidade, na perspectiva de uma ecologia existencial, isto é, de uma visão tendente a promover uma reorientação geral dos comportamentos individuais e colectivos." Jáuregui, 2011: 24
"Articular duas lógicas: da cidade formal com regras e procedimentos mais estáveis e cidade 'informal' com códigos e regras flexíveis e adaptáveis." *Idem*: 25

206 "Em vez de tentar eliminar as economias informais, estes mercados estimulam o desenvolvimento de tais economias ao ligá-las à mais próspera economia formal." Hernández, 2011: 71

207 "Em áreas onde o programa foi implementado tem havido melhorias nas condições físicas e a beneficiação da conectividade, um notório aumento no valor de solo e de propriedade com pouco deslocamento e expulsão de gente, e um alto nível de aprovação pelos residentes." Jorge Filori & Zeca Brandão [s.d.] cit. Hernández, 2010: 71



fig.34 Biblioteca Parque Espanha e Teleférico,Medellín, Colômbia

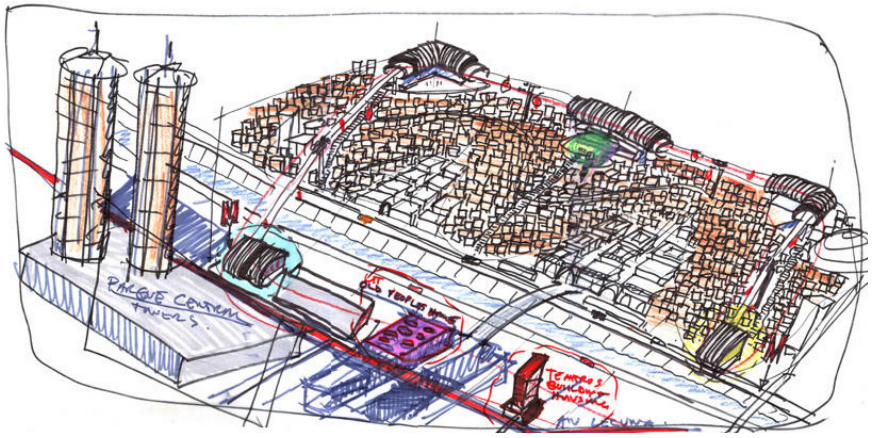


fig.35 Rede de teleférico em Caracas, Venezuela. Metrocable

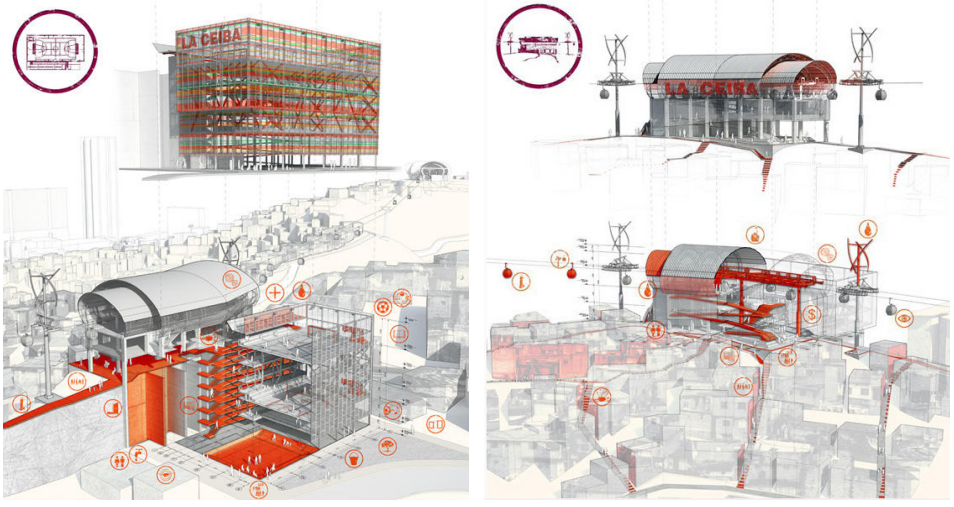


fig.36 O projecto Metrocable propõe programas colectivos: desporto e música nas imediações das estações de teleférico.

décadas de 1980 e 1990 e pela consequente violência. Tal como no Rio de Janeiro, a prioridade foi suprir as carências de mobilidade na difícil topografia e denso tecido urbano dos bairros ilegais, criando linhas de teleférico – o Metrocable, – com ligação ao metro da cidade. Perto das estações do teleférico, como também noutros bairros ilegais por toda a cidade, integraram-se programas de parques-biblioteca, (sendo a biblioteca Parque Espanha do arquitecto Giancarlo Mazzanti o projecto mais conhecido), de escolas, de habitação e de campos desportivos.

Penso que não tinha sido ainda realçado o quanto o Efeito Bilbau (realmente a combinação de uma nova infra-estrutura pública de transporte projectada por Foster and Partners e o trabalho de Gehry na orla da ria, juntamente com desenvolvimento local), tem um correlato adaptado a um outro contexto económico e social em Medellin, que foi agora replicado em Caracas e no Rio de Janeiro, e que é mais interessante do que tantas tentativas inconsistentes levadas a cabo noutras latitudes.[208]

O sucesso do sistema de teleférico e metro integrados de Medellín fez com que o mesmo fosse introduzido em Caracas, Venezuela. Os arquitectos venezuelanos do Urban-Think Tank envolvidos no projecto do *metrocable* propuseram também, nos terrenos utlizados para a construção das estações, programas adjacentes a cada uma (um ginásio, uma biblioteca, uma fábrica de música, um centro comunitário e habitação) bem como melhorias dos acessos aos *ranchos*.

Torna-se evidente nestes programas a ênfase dada ao transporte como acesso ao trabalho e ao lazer, assim como à educação e aos serviços colectivos. A habitação ainda é contemplada nos programas mas deixou de ser o centro das preocupações. Tudo isto não seria possível sem a [...] *coordenação das diferentes instâncias do poder público (nacional, regional e municipal), razão pela qual só podem ser elaboradas num processo que exige a participação da sabedoria local (o saber das gentes que habitam os lugares) em diálogo com os conhecimentos disciplinares, coordenados por profissionais experientes.*[209]

Do temporário para o permanente

Na informalidade há uma essência criativa como fonte permanente de intercâmbio entre as pessoas e que, nessa perspectiva, pode funcionar como uma referência para uma "terapêutica política" para toda a sociedade, no sentido em que Jaques Derrida usava este conceito. Isto é, como referência para uma convivência de diferenças, mesmo em situações de falta, de carência e de ambientes físicos sem nenhuma qualidade.[210]

Os articuladores, zonas de contacto ou pontos de encontro [...] *para além de lugares de convivência de diferenças são também lugares onde se expressam essas diferenças, onde se tornam visíveis e onde se negoceiam, apoiando a prática dos sujeitos e dos colectivos para um reposicionamento da periferia na cidade.*[211]

208 Ábalos, 2010: 23

209 Jáuregui, 2011: 27

210 "A geografia da informalidade – os seus enclaves e redes ou ilhas e correntes – apresentam barreiras à representação política e à inclusão social. Mas nos vários modos em que a favela e o informal excedem os limites e fronteiras que parecem contê-los, também apresentam o potencial para formas de solidariedade comunitária e a reivindicação do 'direito à cidade'." *Idem*: *Ibidem*

211 Hernández, 2011: 71

Destaca a insolúvel ligação entre a cidade e a sua periferia de modos visual e simbólico, visual porque cada parte consegue ver a outra, e simbólico porque cada uma se torna a "outra" contra cada qual emerge como constituinte de uma metrópole expandida.[212]

As aproximações ao problema da informalidade mudaram em relação às regenerações urbanas Modernistas. Actualmente a escala é menor em relação aos planos dos bairros e conjuntos de habitação social, permitindo aos urbanistas e arquitectos olhar para as condições de vida de determinados grupos em áreas específicas. A construção torna-se assim, mais rápida e o seu custo menor. Empregam e sintetizam o desenho urbano, arquitectónico e infra-estrutural, devolvendo aos habitantes, a experiência colectiva, o papel de participantes activos que a fraude a e corrupção lhes havia negado.

No entanto, a questão subjacente à informalidade, – o desequilíbrio na distribuição de riqueza e de poder – mantém-se. Apesar do entusiasmo sentido neste tipo de programas pelos seus intervenientes resta saber se estas acções irão mudar as geografias da riqueza e do poder. E como tal, prevê-se que a informalidade continue a existir[213], mas talvez com contornos menos definidos, menos encerrada em binómios legal/ilegal ou formal/informal.

Há quem considere estes factores como sinal de subdesenvolvimento ou imaturidade económica, mas como provou a avassaladora crise social e económica na Europa e nos EUA, estes aspectos indiferenciados da realidade urbana (desigualdade, violência, exploração, degradação social e ambiental, etc.) são, na realidade, as formas basilares de operar na nossa economia global.[214]

Habituados a lidar com a crise

Ainda há muito conhecimento[215] a retirar destes espaços e destas experiências no que diz respeito a lidar com a degradação, a densidade, a falta de infra-estruturas e de recursos. Um conhecimento adquirido dos contrastes, do difuso, do conflito, das transformações, das revisões, da vitalidade e da criatividade, para aplicar em novas formas de planeamento nestes casos urbanos em crise. E uma vez mais se verifica a qualidade de laboratório do território latino-americano, para onde se voltam novamente os olhares europeus e norte-americanos, dedicando-lhes espaço nas suas publicações e estudos.

Para além disso, depois de estar auto-exilado na Europa nos últimos anos, apercebi-me que estamos muito mais preparados para interpretar, navegar e subsistir num contexto económico de crise urbana.[216]

212 *Idem*: *Ibidem*

213 "As favelas são frequentemente mal-interpretadas como um urbanismo transitório, uma fase da forma urbana que evolui de uma civilização pré-moderna para uma moderna. Os bairros operários que apareceram nas cidades europeias no século XIX e deram lugar às metrópoles modernas de hoje e são frequentemente usadas como exemplo para discutir este ponto. Mas não há prova ou razão para acreditar que os assentamentos informais no Terceiro Mundo se irão ou deverão desenvolver como os bairros operários europeus. As favelas brasileiras têm mais de cem anos e não se tornam necessariamente mais urbanizadas com tempo; [...] Seria absurdo e impossível aplicar tamanho modelo histórico especificamente europeu no que é agora uma condição global diversa" Fabricius, 2008: 18

214 Ballesteros, 2011: 34

215 *Idem*: *Ibidem*

216 *Idem*: *Ibidem*

2 Chile, Santiago

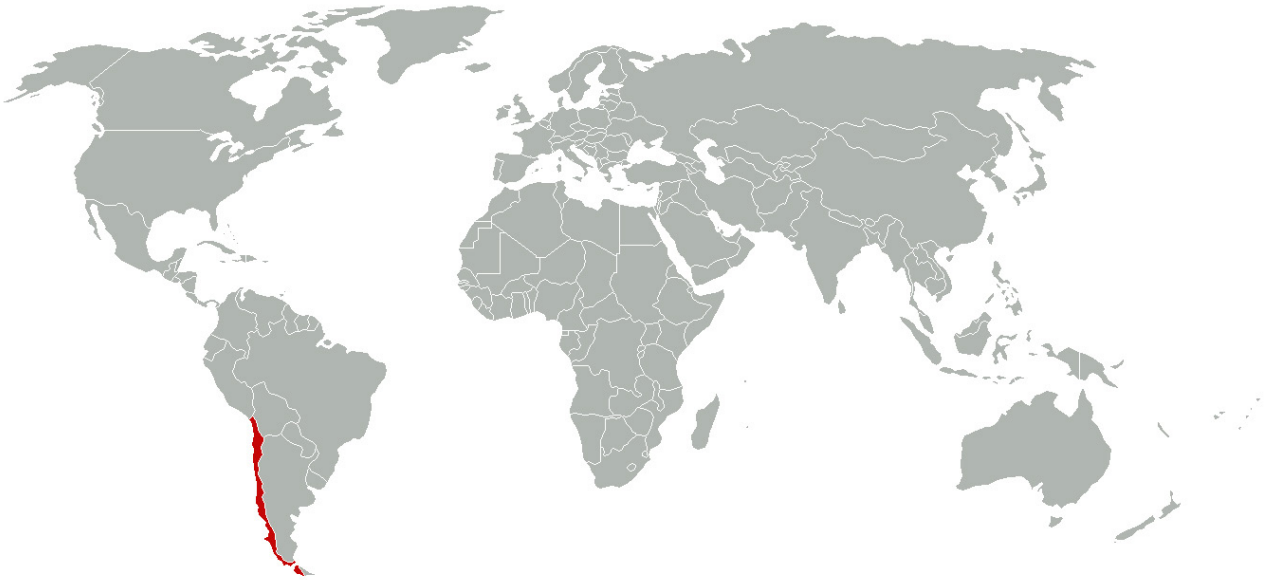


fig.37 Chile, condição de isolamento pela posição geográfica

2.1 A condição geográfica

O Chile é um país estreito situado na costa do Pacífico a sul da América do Sul, com 4329 quilómetros de comprimento de norte a sul e com uma média de 175 quilómetros de este a oeste. As grandes variações de clima e de elevação (desde os 0 aos 6960 metros de altitude) diversificam o território: do deserto mais seco do mundo (deserto do Atacama), a norte, ao ponto mais a sul de qualquer continente (Patagónia), onde se encontram glaciares, passando por regiões férteis de vinho, regiões de floresta e lagos e regiões de vulcões.

Condição de isolamento

Finis terrae[1], *remoto*, *oximoro geográfico*[2] ou *loca geografia*[3] são termos usados frequentemente para referir o território do Chile[4]. Um lugar remoto, no fim do mundo, quase insular devido às barreiras geográficas. *Tudo está ali: calvície geológica, selva dura, longos pomares, neves e glaciares últimos*.[5]

A ideia de natureza no seu estado puro desperta o imaginário dos que nunca a conheceram e inspira[6] os espíritos sensíveis locais, como intelectuais[7], escritores, poetas e artistas[8]. De facto, o primeiro prémio Nobel de literatura dado às letras latino-americanas (1945) foi para a autora chilena Gabriela Mistral, e em 1971 foi a vez de Pablo Neruda receber a mesma homenagem. São dois poetas chilenos entre os apenas cinco galardões concedidos aos literatos do subcontinente.

Os contrastes das geografias extremas do país reflectem-se na arquitectura chilena contemporânea, mesmo antes da situação política e económica. O que inicialmente inspirou a literatura parece agora enriquecer a produção arquitectónica. O desafio de construir na paisagem chilena remete para o acto fundador, sendo nestes lugares remotos, e não nos centrais, que a arquitectura renova o seu pacto com o território.

---

1 Fim do mundo em latim. "O Chile não possui um passado como o Império Inca, nem foi atractivo para os conquistadores espanhóis, e é por isso que nunca foi classificado como vice-reinado como o México ou o Perú. Então, *Finis Terrae* indica não só o fim do mundo como também a falta de interesse dos 'centros' por este lugar até às últimas décadas do século XIX quando começou a exploração do salitre na região do Atacama a o porto de Antofagasta. Quando a indústria do salitre entra em declínio no final da década de 1920, os depósitos de cobre começaram a ganhar relevância. Isso foi e é a base económica mineira que permitiu a incorporação do Chile nos mercados internacionais." Sato, 2006: 74

2 Fernández-Galiano, 2009: 3

3 Vem de: *Chile o una loca geografía*, obra que Benjamín Subercaseaux escreveu em 1940 para expor a estranheza e originalidade deste território, numa viagem de norte a sul.

4 Pocos saben que en la lengua aymará 'Chilli' significa "donde se acaba la tierra". Torrent, 2002: 14

5 Gabriela Mistral, [s.d.] "Contadores de pátrias" *in* [prólogo do livro] Benjamín Subercaseaux, [1940] *Chile o una loca geografia*, Santiago do Chile: Editorial Universitaria, 1998.

6 "'Não é o fardo da história que os chilenos carregam, é o peso da geografia.' Disse o Arquitecto Fernando Pérez Oyarzún. Terra de poetas, as paisagens poderosas chilenas criaram dois Nobel laureados na literatura. Nenhum deles escreve ficção – o coração da arquitectura chilena é a poesia." Durán Calista, 2011: 106

7 "La herencia intelectual y sentimental del país de Lagos y Lavín reúne el vanguardismo surreal de Vicente Huidobro y el academicismo emotivo de Gabriela Mistral, la cosa creada y la cosa cantada, y acaso sólo en el matrimonio metafórico de Altazor y Lucila Godoy pueda engendrarse hoy el espíritu paradójico de una nación oximorónica en el territorio, pero también en la historia y la cultura, que desde el último Occidente exporta alimentos terrestres y odas elementales a una Europa de sibilas polvorientas y amnésicas." Galiano, 2002: 3

8 "O Chile é um país único na América, com uma cultura e uma geografia – a 'loca geografía' de Neruda – suficientemente caracterizada para encorajar uma intensa produção poética, magnificamente reflectida na obra do citado Pablo Neruda, disse Vicente Huidobro – o grande moderno surrealista de Altazor – o do célebre artista plástico Matta, que teve grande influência na viagem 'transnacionalista' de Le Corbusier." Fernández, 1992: 144

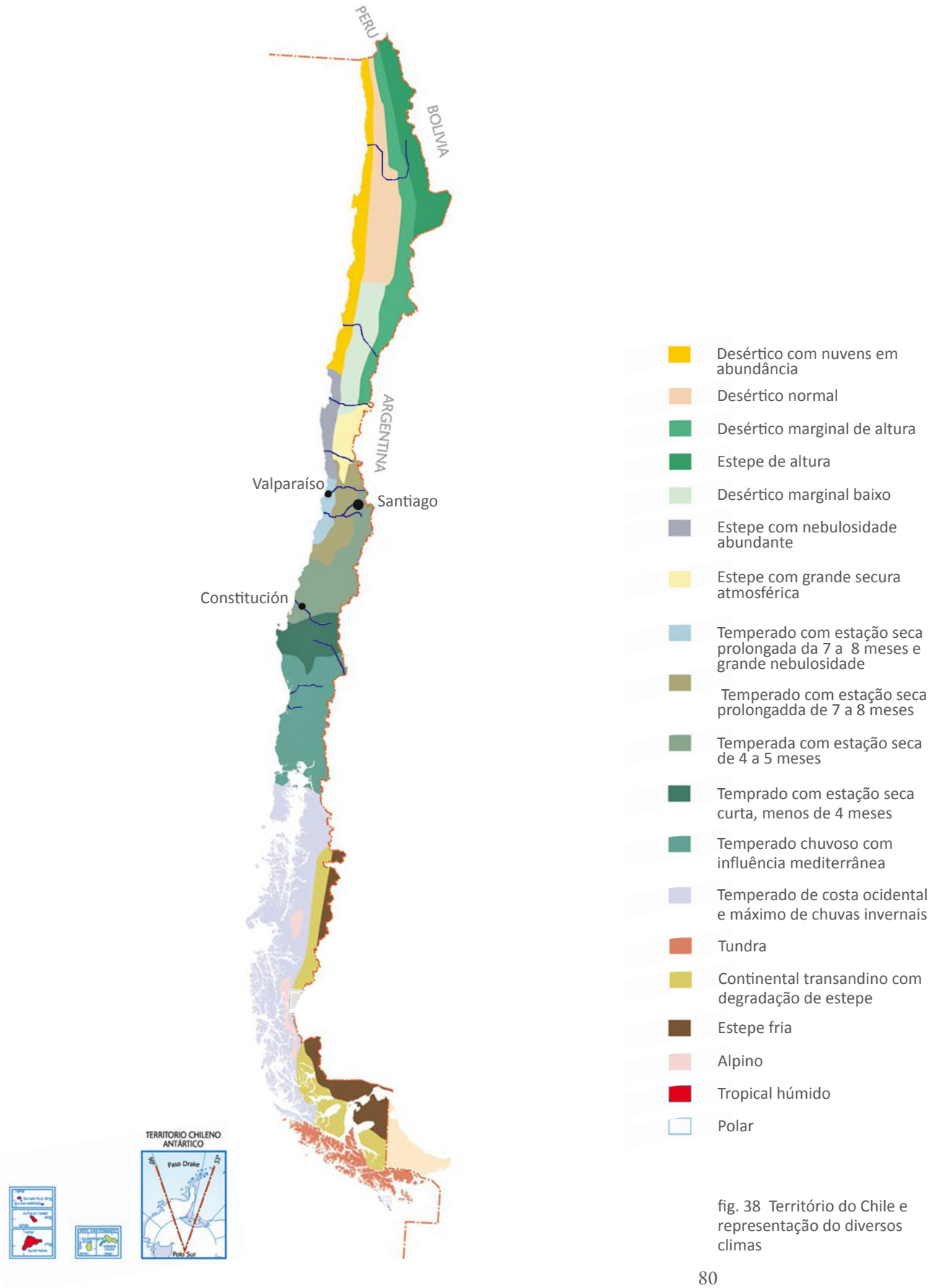


fig. 38 Território do Chile e representação do diversos climas

Construir no território chileno é como construir pela primeira vez.

Contrariamente ao mundo parcelado e trinchado que conhecemos, onde os traços da história galgam uns sobre os outros e onde projectar com a natureza parece reduzir-se frequentemente a um tema de "exteriorismo", ali onde as grandes extensões desabitadas nos recordam que instalar-se significa fundar antes. Construir e insistir em existir, vem depois. Diante desta geografia viva e desmesurada, o habitante procura um abrigo à sua medida, um lugar de onde continue a observar o livre curso das coisas; ante o absurdo de dominá-la ou domesticá-la cria-se um pacto inicial, efémero e precário, no qual a natureza adquire novos significados e o habitante ganha presença iniciando uma experiência primária e remota.[9]

O exercício de intervir no vasto território faz como que os objectos introduzidos provoquem deliberadamente uma alteração na escala, na linguagem e na percepção do conjunto.

É fácil reconhecer a atenção especial dada à implantação no lugar (inconscientemente reiterando as instruções de Alberti ou Palladio) no primeiro passo do projecto o sol, as vistas, a relação com o terreno e a vegetação são cruciais para a definição do desenho. Ao mesmo tempo, no entanto, a dificuldade, e em muitos casos a impossibilidade, de competir com a paisagem espectacular pode contribuir para o recurso a linguagens arquitectónicas que, em vez de assimilar a natureza, jogam ousadamente contra ela, destacando a diferença em vez de satisfazer algum maneirismo organicista.[10]

9 Pilar Calderón & March Folch. 2002. "Condicions de Llunyania" *in Diari, 9 (Espai contemporani a Xil, Cicle 2/Arquitecturess del món).* Junho 2002. Barcelona: Collegi d'Arquitectes de Catalunya *cit*. Torrent, 2002: 15

10 Gallanti & Insulza, 2006: 14-16

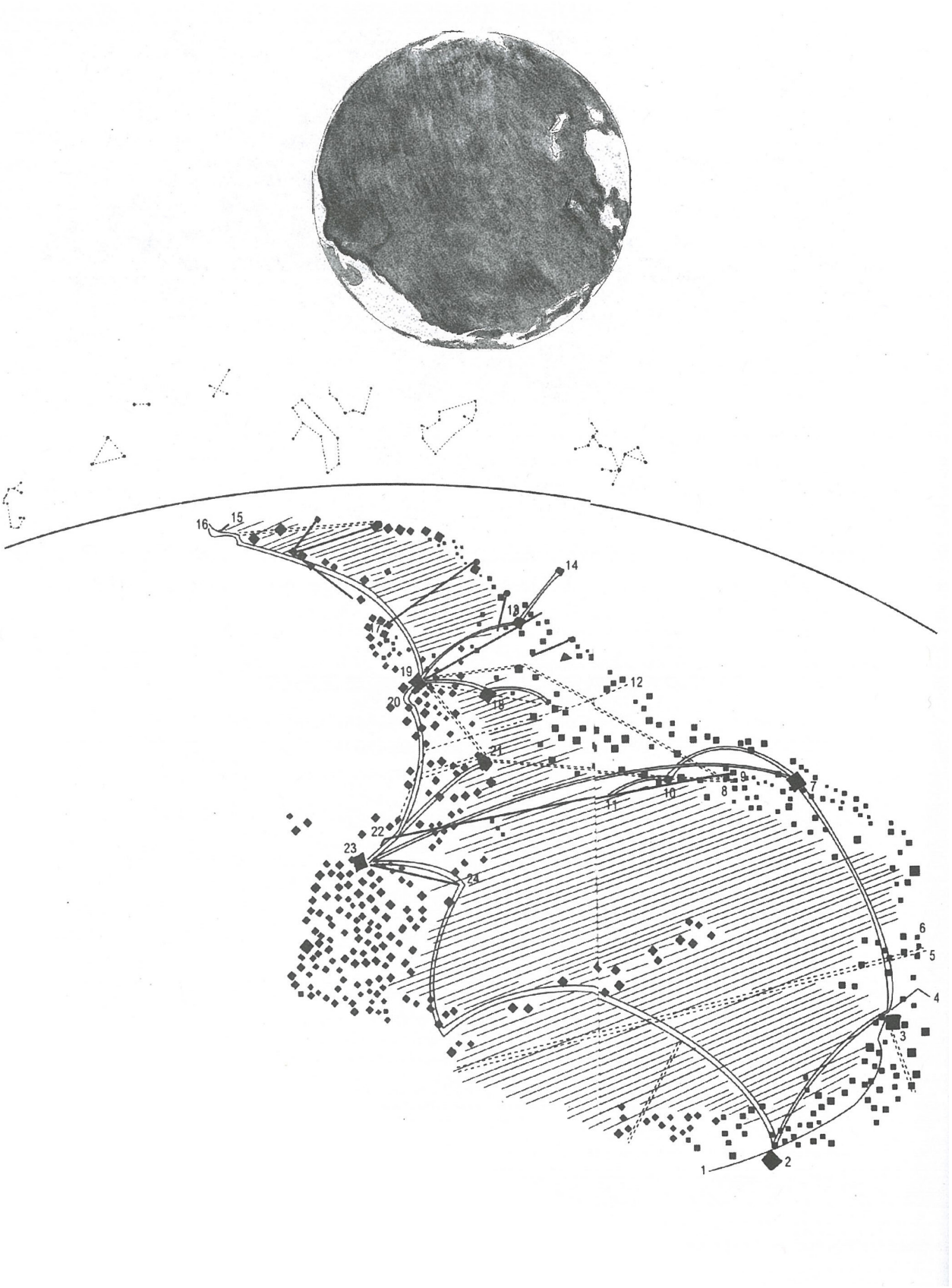


fig.39 O oceano pacífico em contrariando a convenção de respresentação cima e o vazio interior do continente, o "oceano interior"

2.2 A importância da paisagem

Talvez devido a este determinismo geográfico, também naqueles anos se expuseram as alternativas às formas de pensamento e acção da arquitectura moderna: desde a visão poética da arquitectura ou desde uma apreciação dos actos humanos como sentido primeiro da arquitectura. Uma forte vocação fenomenológica atravessa a arquitectura desde então; aqui, no Chile o "homem habita poeticamente". [11]

A visão poética foi desenvolvida particularmente pela Escola de Arquitectura de Valparaíso, que a recebeu e integrou de um movimento colectivo dirigido pelo arquitecto Alberto Cruz Covarrubias em 1952. Este iniciou uma revisão da essência do acto de projectar sob a perspectiva da actividade poética: o acto poético fundador. Paralelamente, o arquitecto Juan Borchers desenvolvia uma concepção de arquitectura a partir dos actos humanos e, juntamente com Isidro Suarez, dedicou-se à construção de um pensamento filosófico e matemático como fundamento da prática arquitectónica.

O termo paisagem não figura proeminentemente no léxico da famosamente vanguardista escola de arquitectura e design em Valparaíso, Chile: Escuela de Arquitectura y Diseño Pontificia Universidad Católica de Valparaíso (refundada em 1952). O actual plano de estudos não traça percursos específicos sobre este tema, e ainda assim a sua contribuição para este campo em expansão é notável. [12]

Em 1971 a escola fundou a Ciudad Abierta[13] (Cidade Aberta), dando-se uma mudança radical nos métodos de ensino e nos pontos de partida da arquitectura. Em ambos combinaram uma visão colectiva do projecto, rigor nos estudos científicos e filosóficos e uma dimensão poética que contaminava as acções. Emergiram arquitecturas efémeras caracterizadas pela procura de novos materiais e que tiravam partido da energia solar, eólica e telúrica. A experimentação tornou-se assim um meio de aproximação à arquitectura.

Neste lugar remoto, o pacto primigénio ganha força por essa particular condição de habitar poeticamente a paisagem; a arquitectura assume o seu pacto com as possibilidades e restrições que o solo e a matéria permitem, reforçando- se por essa condição particular que apresenta a cultura arquitectónica local. Torna-se, então, difícil deixar de assumir alguma posição perante a dita condição, deixar de activar a sensibilidade para assumir o impulso que essa modernidade propôs sobre o terreno.[14]

Este campo aberto à experimentação manteve-se, geralmente, isolado dos acontecimentos urbanos e arquitectónicos à sua volta. O projecto Cidade Aberta situa-se numa

11 Torrent, 2002: 17

12 Pérez de Arce, 2011: 190

13 Compreendendo 270 hectares num local com sete quilómetros de frente costeira no Oceano Pacífico, a Cidade Aberta é ainda um projecto em construção. Desde a sua origem em 1970, este enclave experimental tornou-se uma extensão da Escola de Valparaíso. Os projectos foram inicialmente encomendas profissionais, depois o próprio projecto da Cidade Aberta e, desde 1984, o programa itinerante Travessias, que mobiliza faculdade e estudantes para participarem colectivamente numa viagem de estudo com o compromisso de construir, num novo destino em cada ano. Tanto a Cidade Aberta como as Travessias foram criados pela escola para garantir experiência profissional que envolva cliente, local, programa e arquitectos, evitando os mecanismos tradicionais de produção de arquitectura, livres de interferência externa.

14 Torrent, 2002: 17

paisagem de dunas, a alguma distância das áreas urbanas, fazendo do seu nome uma metáfora. Plataformas, esplanadas e terraços sugerem rituais colectivos, mas a baixa densidade de ocupação espelha a ausência de uso. Ao contrário do que seria de esperar, as vistas do oceano não entram na formulação dos projectos: não se destacam locais privilegiados pelas melhores vistas como acontece convencionalmente. As construções encontram-se dispersas pelo lugar em pequenos grupos, uns mais densos e mais complexos que outros. Os seus interiores são orientados para dentro, eliminando a relação interior exterior, o contacto com a paisagem. A luz natural entra indirectamente por janelas que servem apenas para iluminar e ventilar, e não existem por isso vistas panorâmicas. O controlo da luz cria penumbra no interior, que contrasta com a intensidade do exterior. Esta clara divisão entre espaço interior e exterior e a ausência de um plano urbano definido e funcional rompem com os princípios do Moderno. Contudo criam espaços complexos tanto nos interiores, por sobreposição de elementos e uso de direcções oblíquas, como no exterior, pela falta de hierarquia e pela acção da areia que sob o efeito do vento altera a paisagem e apaga marcas feitas anteriormente.

O processo de construção é feito colectivamente por alunos e professores. A importância dada à experimentação e a disponibilidade para receber novas construções mantém subjacente a hipótese de alteração. A cidade permanece inacabada, aberta.

"Arquitectura em tudo, urbanismo em tudo", proclamava Le Corbusier. Pode-se acrescentar paisagem em tudo na escola de Valparaíso, onde, combatendo a divisão de campos especializados, emerge uma convicção sobre a glória de casar todas as dimensões da arquitectura e seus aliados na criação de novas realidades.[15]

15 Pérez de Arce, 2011: 199



fig.40 Plano Urbano para a cidade Constitución afectada pelo tsunami de 2010





fig.41 Plano de reconstrução de Constitución, parques de mitigação (anti-tsunami)

2.3 Terramotos, situações de urgência e de transformações do tecido urbano

Um país de contrastes e uma terra inquieta onde, por meio da sensação inefável do terramoto, a natureza recorda de vez em quando a sua presença a quem a esquece.[16]

O movimento cíclico das placas tectónicas onde se situa o Chile condiciona as suas cidades e arquitecturas. No período colonial, os habitantes aperceberam-se gradualmente que as formas tradicionais de construir tinham de mudar: como as paredes que engrossaram ou as aberturas e alturas dos edifícios que diminuíram. A resultante nova imagem de cidade teve impacto entre estrangeiros pela deformação das proporções dos elementos, como por exemplo as torres das igrejas, que eram mais largas e mais baixas que as europeias.

Nos últimos 200 anos no Chile, mais de oitenta terramotos acima dos 7.0 ocorreram numa média de cada 2.5 anos, acima dos 7.5 cada 4.3 anos, e acima dos 8.0 cada 12.5 anos. Destes, cerca de quarenta e quatro geraram tsunamis de magnitude perceptível.

Então, aproximadamente a cada vinte e dois anos um tsunami de magnitude 2 ocorre, com ondas acima dos 5 metros; a cada trinta e três anos um de magnitude 3, com ondas de 10 metros ou mais altas; e a cada cinquenta e cinco anos um de magnitude 4, com ondas acima dos 20 metros.[17]

A história do Chile conta regularmente com terramotos destrutivos, tendo sofrido quatro dos doze terramotos mais fortes registados até ao presente. O terramoto de 1960 na cidade de Valdívia bateu recordes, com 9.5 na escala de Richter, de acordo com um sistema de medida que até então não estava preparado para aguentar tamanha intensidade. Na década de 1980, foi criado e aprovado um artigo no código de Construção Geral Urbana Chilena, mas infelizmente não previa o perigo de *tsunamis* na zona costeira. Após o terramoto de 27 de Fevereiro de 2010, os esforços de reconstrução começaram imediatamente, implementando medidas para providenciar habitação temporária e pensando grandes planos urbanos sustentáveis.

Para os casos de reconstrução quase total de cidades criaram-se dois tipos de plano: o Plano de Regeneração Urbana (PRU)[18] e o Plano de Reconstrução Sustentável (PRE)[19]. O Ministério do Urbanismo e Habitação criou concursos para cada tipo de plano e cidade onde iria ser aplicado. Na cidade de Constitución, por exemplo, devastada por um *tsunami*, os projectos-chave são uma nova estação de caminho-de-ferro, habitação para as zonas afectadas e parques de mitigação para futuros *tsunamis*.

16 Torrent, 2002: 14

17 Heitmann, 2011: 93

18 Os PRU são concursos públicos para formular diagnósticos, desenvolver a *imagem urbana* e identificar *projectos-chave* para restaurar e melhorar algumas características urbanas preexistentes. Cada plano envolve um grupo de cidades médias.

19 Os PRE são iniciativas de grupos privados para subsidiar as propostas de reconstrução de cidades inteiras, organizando um processo de consórcio com o Ministério do Urbanismo e Habitação, governos locais e comunidades. No entanto, o sector privado não irá subsidiar a implementação destes planos, tornando improvável a sua eficácia.

Mesmo não havendo certezas se estes planos de regeneração e recuperação irão ser totalmente implementados (o que põe em causa a sua eficácia), procedeu-se a uma enorme operação de análise do litoral chileno para definir linhas de protecção, fixando o afastamento das construções em relação ao oceano. Recolheu-se e produziu-se uma quantidade ingente de dados que poderão ajudar a prevenir a escala dos estragos provocados pelo terramoto de 27 de Fevereiro.

Jorge Luis Borges escreveu uma vez sobre uma civilização de cartógrafos cuja obsessão por meios de representação precisos os levou finalmente a mapas de inútil escala 1:1 que condenaram a civilização ao desaparecimento.[20]

Pese embora a vontade de acumular informação para prever desastres e sentindo uma certa segurança que o controlo comporta, haverá sempre uma dose de imprevisibilidade que não permite esquecer a presença da natureza nesta terra inquieta.

20 Heitmann, 2011: 97

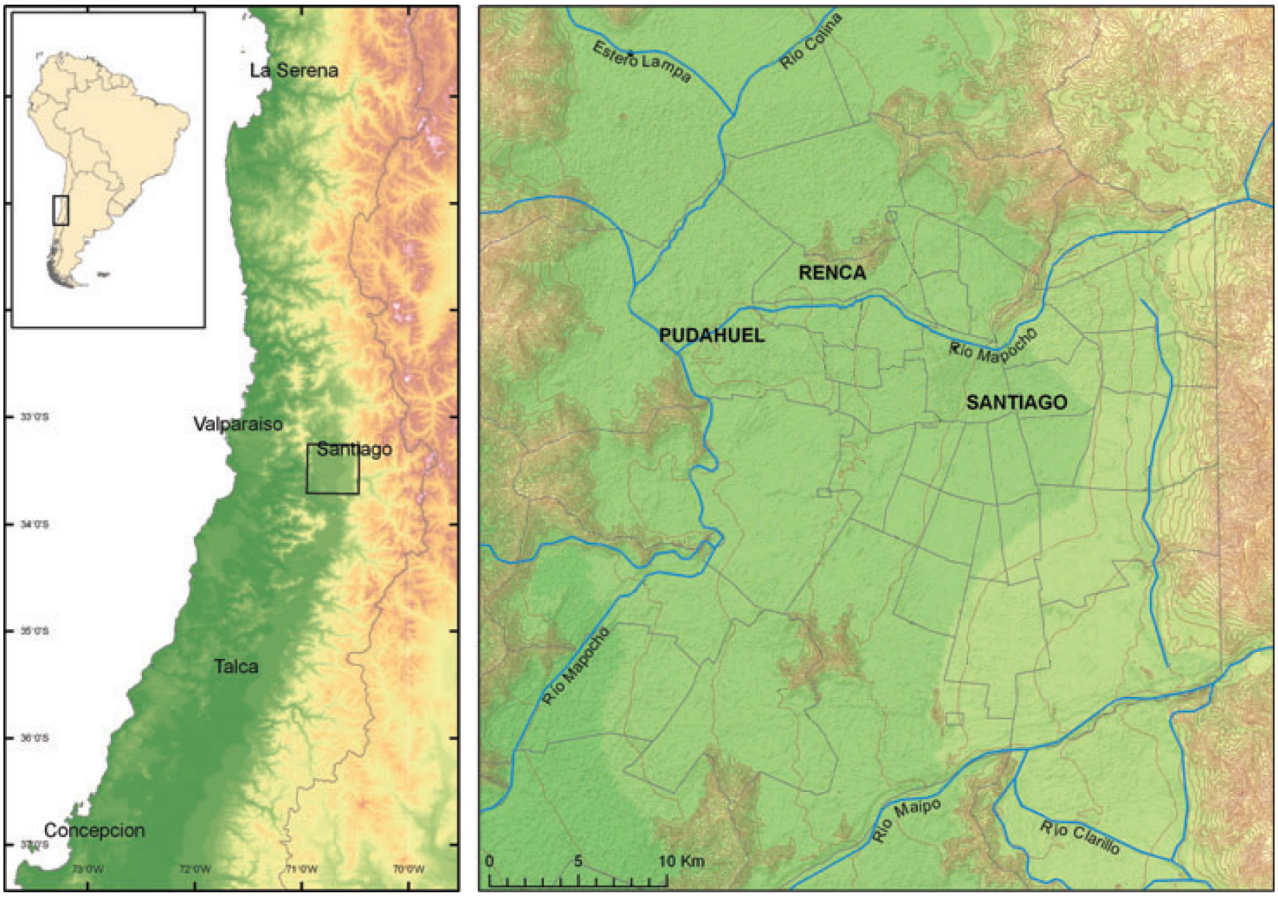


fig.42 Localização geográfica da cidade de Santiago. Principais cursos de água a azul e limites administrativos das comunas a preto

2.4 A cidade de Santiago do Chile

Contexto geográfico

A bacia geográfica onde se encontra Santiago do Chile faz parte de um sistema mais amplo situado na zona central do país. Localiza-se entre três conjuntos de relevo: a Cordilheira dos Andes, a depressão intermédia (zona de vale) e a Cordilheira da Costa. O maciço andino aparece como um conjunto de imponentes montanhas que se assemelha a uma muralha devido à uniformidade de alturas dos seus principais cumes[21]. A depressão inicia-se a norte da capital e estende-se para sul formando o chamado Vale Longitudinal. Esta é pontualmente interrompida por morros[22], marcos solitários no amplo vale de Santiago. E, finalmente, a Cordilheira da Costa que inclui também algumas montanhas altas[23].

O clima é temperado continental. As cadeias montanhosas existentes entre o vale e a costa contribuem para que Santiago possua algumas características do clima continental. As precipitações concentram-se nos quatro ou cinco meses de Inverno (do hemisfério sul), sendo a precipitação média anual 360 milímetros. No resto do ano predomina o anticiclone do Pacífico que determina um período seco de sete ou oito meses.

O vale é composto por várias correntes fluviais que afluem para o Rio Maipo, rio de 250 quilómetros de extensão e de bacia hidrográfica com superfície de 14.911 quilómetros quadrados. Os seus principais afluentes são o Rio Colorado, o Clarillo, o Puangue e especialmente o Rio Mapocho, que atravessa a cidade de Santiago e que recebe depois dela as águas dos rios Colina e Lampa. O Rio Maipo tem um caudal de entre trinta e duzentos metros cúbicos por segundo em *La Obra*. A partir de ali começa o canal do Maipo ou de San Carlos (nome colonial), construído durante o século XVIII pela administração espanhola para aumentar o caudal do Mapocho e também para irrigar a antes árida zona situada a sul de Santiago. As águas dos rios aqui referenciados, bem como as de outros grandes e médios rios do país, provêm dos desgelos estivais da Cordilheira dos Andes. As águas, devido à grande altitude de onde nascem e ao curto caminho que têm de percorrer até chegar ao vale, acabam por ter um curso torrencial que favorece o processo erosivo e permite a formação de grandes e amplos leitos. A região onde hoje se levanta a cidade de Santigo contém três acéquias (ou canais) que extraíam a água do Rio Mapocho. Duas obtinham-na na parte oriente da cidade: a acéquia Ñuñoa, também chamada de Apoquindo ou Tobalaba, que irrigava os campos do sopé dos Andes até alcançar a zona Macul, e a acéquia Vitacura que se prolongava ao longo da base do morro *San Cristóbal*, "dando" um salto na zona noroeste do sopé deste morro para irrigar os terrenos de Conchali, Huechuraba e Quilicura situados a norte da actual cidade. A terceira acéquia obtinha a água a poente de Santiago, no sector de Pudahuel, e era conhecida como Incagorongo e regava as terras que hoje se conhecem por *Cerrillos*, a sudoeste da cidade. Do Rio Maipo os indígenas desviaram outras acéquias para regarem os campos situados a sudoeste de Santiago, dando-lhes os nomes dos seus respectivos caciques. Regando os campos da Ilha de Maipo, Lonquín, Malloco e Tango, Talagante e Peucudace Peñaflor, tornaram esta zona uma das mais ricas a nível agrícola do país, actualmente.

21 Destacando-se os vulcões Tupungato (5.683 metros) e São José (5.856 m), e montanhas como El Plomo (5.430 m), Altar (5.222 m), La Paloma (4.950 m), Tupungato (junto ao vulcão com o mesmo nome, 6.570 m), Marmolejo (6.108 m) e Nevado de los Piuquenes (6.019 m).

22 O morro Huelén (nome autóctone) ou Santa Lucía (nome dado pelos colonizadores), o morro La Guaca ou Navia e os morros Blanco, Renca e Chena.

23 El Roble (2.222 m) e a Serra de Alhué (2.281 m), que no seu interior alberga vales férteis para exploração agrícola, como o de Acuyo ou o Casablanca.



fig.43 Cidade de Santiago do Chile no século XVI

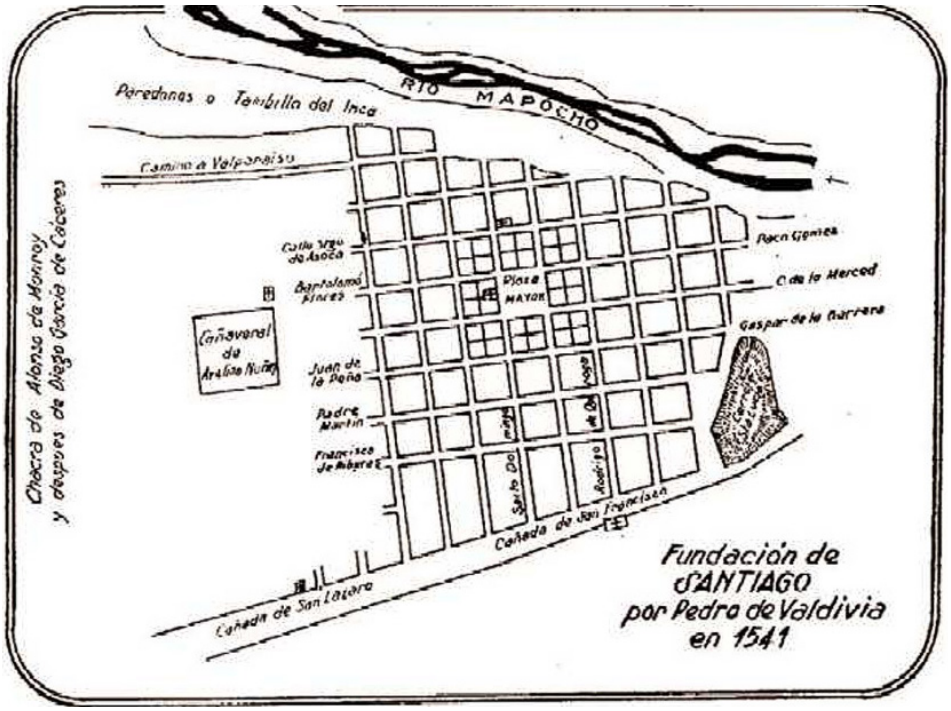


fig.44 Plano esquemático da cidade de Santiago no momento da sua fundação, em 1541. O traçado "urbano" não é mais que o de um acampamento estritamente circunscrito entre a *Cañada* (Av. Alameda libertador Bernardo O'Higgins), o Morro de *Santa Lucía*, o rio Mapocho e as quintas do sector do canavial de A. Núñez ou de Saravia (hoje bairro Brasil)

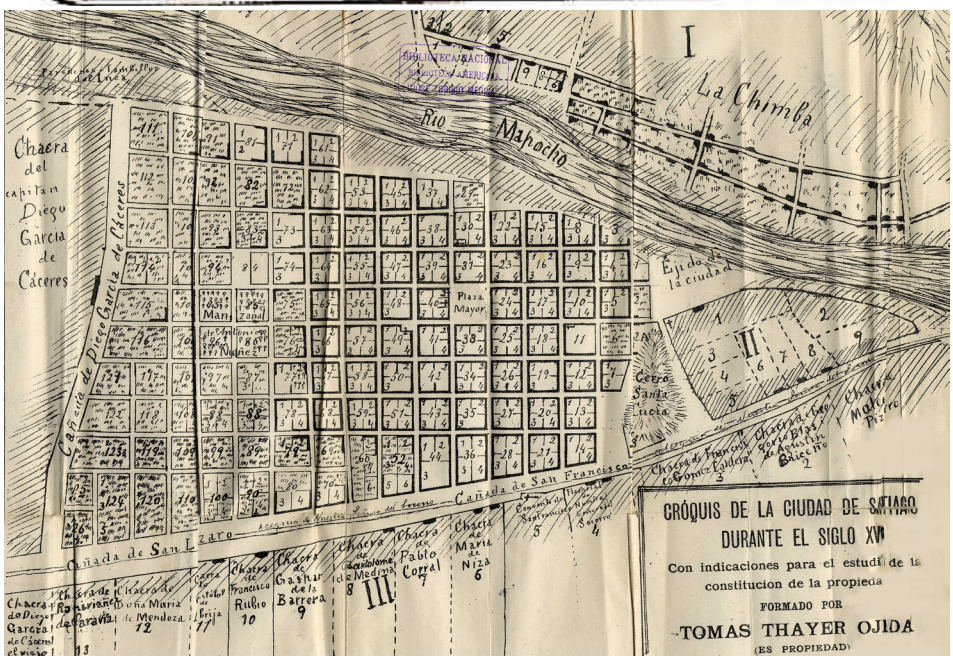


fig.45 Croquis da cidade de Santiago durante o século XVI, com indicações para el estudo da constitução da propiedade

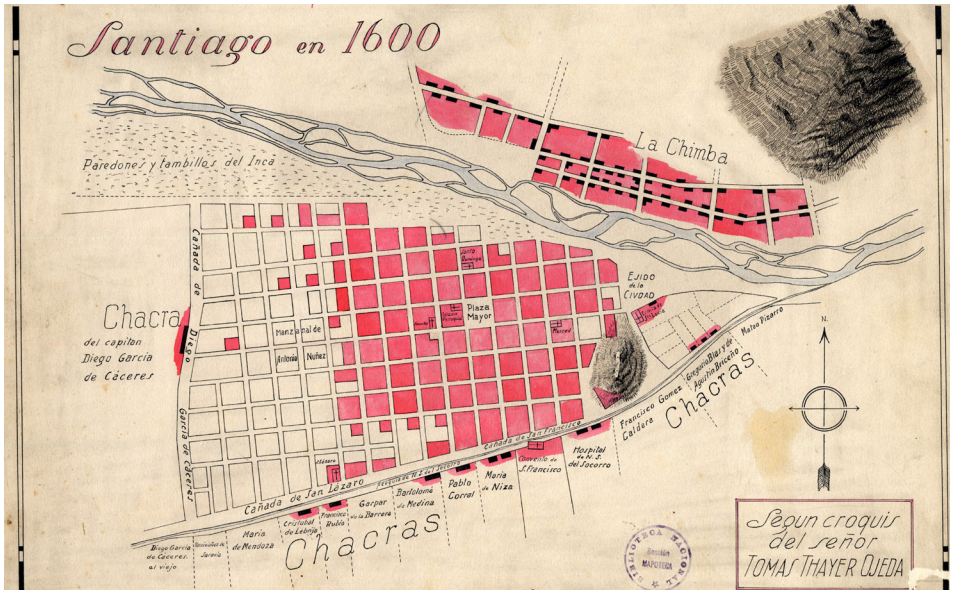


fig.46 Cidade de Santiago do Chile em 1600: segundo o croquis de Tomás Thayer Ojeda

Caracterização geral da sua formação e evolução. Transformação urbana

No Chile a geometria impõe-se sobre o critério topográfico[24], tratando-se de uma espécie de herança, um signo de pertença que se perpetuou até ao presente. O modelo espanhol de cidade, mais conhecido por *damero*[25], permaneceu inalterado até ao final do século XIX. Nessa altura, os transportes públicos, as vias férreas, os parques e os edifícios públicos integraram-se no sistema geral de cidade e o crescimento urbano seguiu o modelo colonial, regular até ao século XX. No entanto, depois da década de 1950, uma muito rápida urbanização de grandes extensões seguiu lógicas de ruptura com a malha de fundação, adoptada durante quatro séculos.

2.4.1 Período colonial

Em Janeiro de 1541 o capitão Pedro de Valdívia atravessa o distrito aurífero do estuário do Rio Marga Marga, desce o Vale Melipilla, passa por Casablanca, sobe a Talagante e Cerrillos pelo sul até chegar ao sopé do morro *San Cristóbal*, um vale dividido pelos dois braços do Rio Mapocho que se estende para sul. A 12 de Fevereiro de 1541 funda *Santiago del Nuevo Extremo,* a capital do que viria a ser a intendência do Chile, e a 24 do mesmo mês toma posse do lugar[26].

Génese e leitura da evolução e transformação (edificação equipamentos/infra-estruturas)

O plano de Santiago estabelece-se por ordem real e Pedro de Valdívia, assessorado pelo seu pedreiro, o mestre-de-obras Gamboa, procede ao traçado da cidade no sopé do morro Huélen, entre os braços do Rio Mapocho. O plano consiste numa malha quadriculada com vias orientadas de norte a sul e de nascente a poente. A largura das ruas é de aproximadamente dez metros e o lado dos quarteirões quadrados de cento e quinze metros. Os quarteirões são divididos em quatro parcelas para edificar, designando-se cada parcela a um solar. A cidade constitui-se inicialmente por nove ruas com a direcção nascente-poente e uma quinzena de ruas orientadas pelo eixo norte-sul, resultando num conjunto total de cento e vinte e seis quarteirões. No centro da cidade está a Plaza Mayor, rodeada pelas principais ruas (*Catedral, Compañía, Estado e Ahumada*) e pelas respectivas sedes das grandes instituições: a catedral[27], o *cabildo*[28], o arcebispado e as galerias comerciais.

A malha densifica-se progressivamente mantendo uma geometria uniforme como resultado das ruas perpendiculares, das fachadas contínuas e dos telhados de argila. Em 1558 há quarenta quarteirões ocupados desde Huechuraba a Flores, para lá de onde começam as terras de El Salto, e a oriente, o morro Santa Lucía[29]. No entanto, o desenvolvimento da

24 A cidade de Santiago foi fundada em 1541 no sopé da Cordilheira do Andes, entre os dois braços do Rio Mapocho e perto do morro Huélen. Os primeiros planos/mapas/plantas mostram o contraste entre uma malha regular em tabuleiro de xadrez: o *damero* e a configuração natural do rio e do morro.

25 O *damero* inicial e as normas utilizadas na fundação da cidade determinam uma morfologia e definem uma lei que permite a todo o cidadão chileno e a todo o hispano-americano compreender a natureza, a estrutura da cidade.

26 Na sua primeira carta ao Rei de Espanha escreve: "[…] al norte del río Mapocho y de su comarc, […] que en sus siete valles no había encontrado más de 8000 aborígenes, y éstos, esparcidos, aislados, viviendo cada parcialidad casi ajena a la existencia de su vecina." Ramón, 2000: 15

27 A construção em pedra da primeira catedral da colónia inicia-se em 1561 e as obras duram 26 anos. A 5 de Julho de 1572 começa a construção em adobe e pedra da Igreja e Convento de San Francisco na Canada, hoje Avenida Alameda Libertador Bernardo O'Higgins. As obras concluem-se 46 anos mais tarde.

28 Edifício de administração municipal das cidades coloniais.

29 Em 1554 começa a aumentar a quantidade de quintas na periferia. Até 1568 formam-se instâncias pecuárias no sector de *Pudahuel*; as quintas, que até então eram distribuídas



fig.47 Palácio do Governo indepente do Chile. La Moneda, Santigo do Chile



fig.48 Alameda Libertador Bernardo o'Higgins, Santiago do Chile



fig.49 Plaza de Armas (praça maior), Santiago do Chile



fig.50 Jardins do morro Santa Luzia, Santiago do Chile



fig.51 Alameda Libertador Bernardo o'Higgins à noite,Santiago do Chile



fig.52 Alameda Libertador Bernardo O'Higgins, Santiago do Chile. Instalação de vias para carros electricos

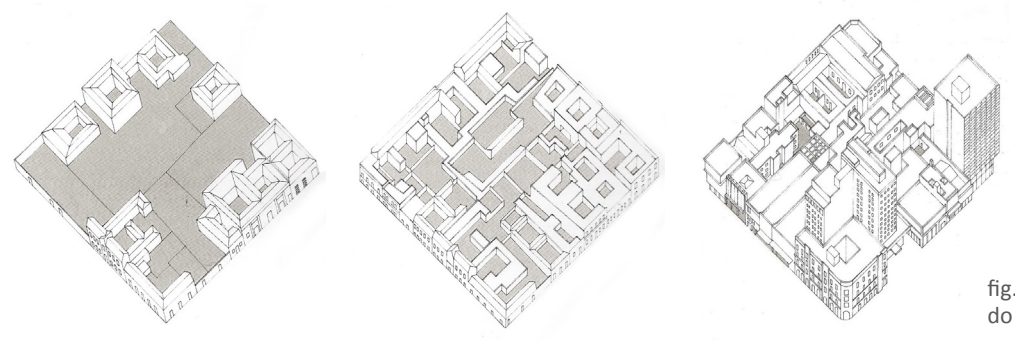


fig.53 Processo de densificação do quarteirão

cidade durante a colónia é precário pois é afectado por diversos desastres como inundações[30], terramotos[31] e guerras[32], que a atingem regularmente e a deixam em ruínas. Durante este período não há modificações significativas na estrutura urbana, implantada de acordo com as Leis das Índias. Ainda assim, desenvolvem-se infra-estruturas como molhes, aterros[33], o canal San Carlos[34], canais menores, sistemas de caixas de água e pontes[35].

Mas mesmo enquanto Santiago se mantém como capital oficial, é o *Fuerte Penco* (frouxo, inútil) a sul da cidade de *Concepción* que desempenha o papel de governo civil e militar do Vice-Reinado do Chile ou Nova Extremadura. Rodrigo de Quiroga, terceiro governador do Chile, consolida o seu papel de capital em 1565. A capital conta em 1609 com apenas duzentas casas, que são pobres e baixas mas que foram melhorando e aumentando de tamanho progressivamente. No século XVIII prevê-se a construção de um mercado na parte norte da cidade, a oriente da Praça Maior, próxima da *Chimba*, e no ano de 1791, constrói-se uma via que comunica Santiago com o porto de Valparaíso, na costa, que será utilizado durante setenta anos.

2.4.2 Período Republicano

Apenas se alcança definitivamente a paz das guerras pela independência em 1818. Sendo em 1910 instaurada a nova República do Chile e nesse mesmo ano a cidade de Santiago reconhecida como capital. Esta fase caracteriza-se pela formação da república independente e pela organização política e administrativa do país, culminando com as grandes obras de Benjamín Vicuña Mackenna, intendente de Santiago a partir de 1872.

Continuação do modelo colonial de crescimento urbano

A cidade republicana vai aumentando mas é novamente atingida por terramotos que a destroem parcialmente a 19 de Novembro de 1822 e a 20 de Fevereiro de 1835. Não obstante, Santiago densifica-se e a população duplica entre 1820 e 1860[36]. A partir de 1840 e

gratuitamente, começam a adquirir valor comercial.

30 Frequentes desde 1542 como consequência das chuvas intensas e degelos da Cordilheira dos Andes. Em 1609 as águas do Rio Mapocho sobem e afundam os campos e a cidade, fazendo desaparecer cento e vinte pessoas e vinte mil de cabeças de gado. Até ao ano 1618, nova subida do nível das águas causa o assolo e a morte nas herdades do sector norte de *Pudahuel* e da *Chimba*. Isto agiliza a construção de açudes em ambas as margens do rio.

31 Em 1552, um terramoto que "[…] *mal no se recuerda otro en América* […] segundo o historiador intendente Benjamín Vicuña Mackenna […] *potró a Santiago todo entero por el suelo en sólo un minuto*." Ramón, 2000: 23
1575, 17 de Março, um sismo destrói as casas de barro situadas no sopé do morro San Cristóbal, causando graves danos nos cultivos e na população. 1647, 13 de Maio, um novo terremoto deixa o trágico saldo de seiscentos mortos e cinco a seis mil lesados e sem abrigo.
Pensa-se então mudar a capital do Chile para o norte, provavelmente para Quillota, mas os que estão a favor da imobilidade ganham e a reconstrução da cidade começa imediatamente depois do desastre. 1730, 8 de Julho, ocorre outro terramoto devastador e quase toda a cidade de Santiago é novamente destruída.

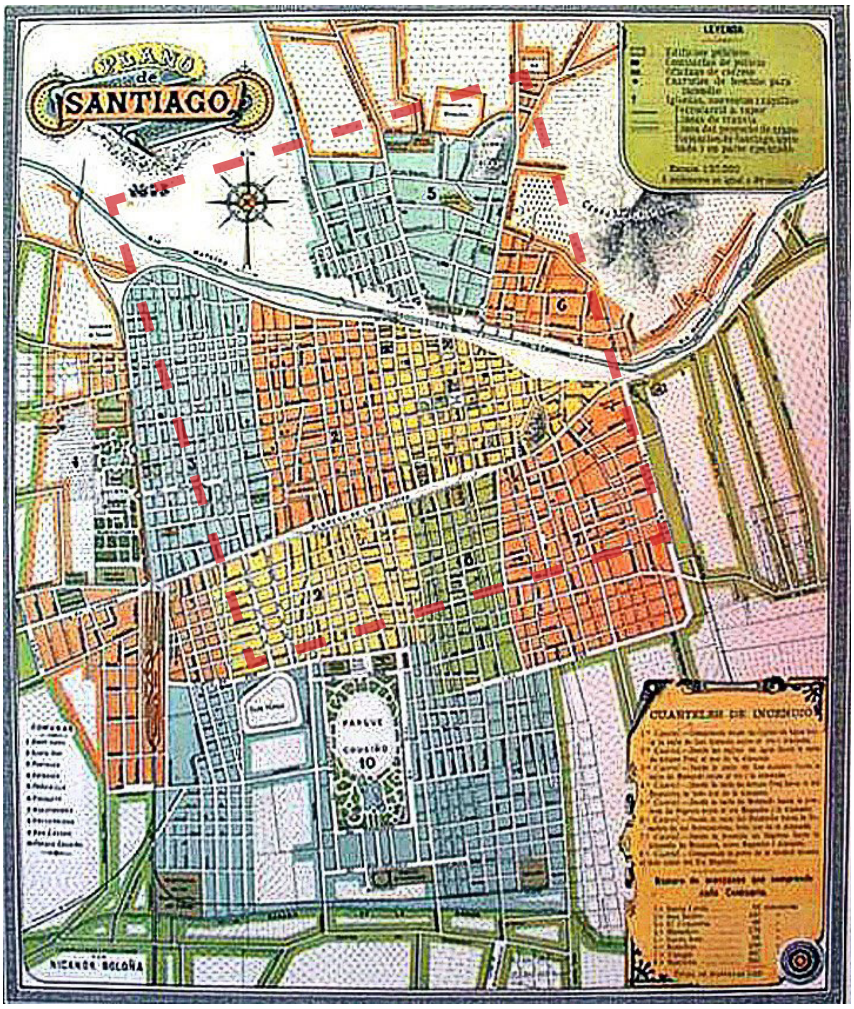
32 A 11 de Setembro de 1541, Michimaloconco, o cacique da região destrói e queima Santiago, iniciando um período de fome e miséria para os primeiros colonos espanhóis e para a sua corte indígena. Em 1590 os ratos invadem a cidade e provocam uma epidemia de varíola que dizima a população.

33 Os trabalhos dos açudes das margens do Rio Mapocho prosseguem entre 1750 e 1778, durante o reinado dos Borbones, a fim de evitar os desastres provocados pelas cheias do rio.

34 Em 1726, decreta-se a abertura de um canal destinado unir as águas do Rio Maipo ao Rio Mapocho (canal *San Carlos*) e a transformar em cultivável a árida planície, recorrendo a um sistema de canais menores que só é realizado em 1812.

35 Até finais do século XVIII só duas pontes atravessam o Mapocho que segue livremente o seu curso.

36 De 46.000 para 90.000 habitantes. A maior densidade regista-se em 1844 (por volta dos 115



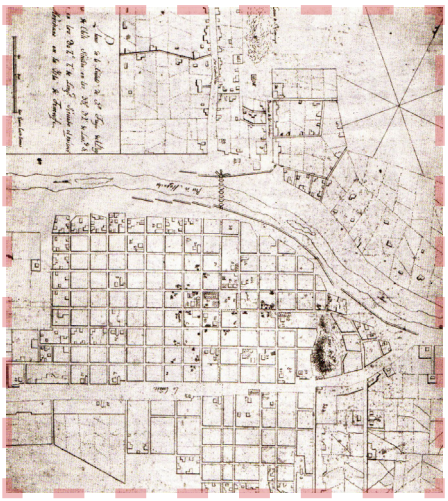


fig.54 Mapa da cidade de Santiago de 1809

fig.55 Mapa da cidade de Santiago de 1895. Pode observar-se a extensão da cidade a a criação de novos espaços públicos arborizados (parque Cousiño a sul e parque Forestal na margem sul do rio Mapocho)



fig.56 Vista panorâmica de Santiago do morro de San Cristóbal (1906). Pode observar-se o morro Santa Lucía e o centro da cidade assim como as zonas industriais a norte da cidade separadas pelo rio Mapacho

criam-se novos bairros periféricos, especialmente a poente e a sul. O crescimento urbano apoia-se numa densificação da estrutura existente a partir de novas subdivisões prediais e por extensões a poente, que utilizam e adaptam o *damero*. Uma urbanização informal estende-se a sul da Avenida *Cañada* (actual Avenida Alameda Libertador Bernardo O'Higgins) e a norte, até *Chimba*, como resultado da subdivisão de prédios agrícolas e do traçado de caminhos; sem adoptar portanto a estrutura em *damero*.

A partir de 1850 realizam-se infra-estruturas nos canais de irrigação e novas defesas nas margens do Mapocho; entre 1835 e 1840 elabora-se um estudo para a canalização do rio por iniciativa privada, o que acaba por acontecer em 1865. Também em 1850, os canais de irrigação que serviam de drenagem e evacuação das águas residuais, executados aquando o período colonial, são cobertos dando lugar a ruas onde se instalam as redes de distribuição de gás, água, iluminação e esgotos. Dez anos depois, o colector principal oriente-poente executado no leito da ribeira *Cañada* é recoberto dando lugar à actual avenida Alameda Libertador Bernardo O'Higgins.

Em 1865 executa-se uma fracção de uma via de cintura da capital, executa-se também a Avenida do Cemitério e entra em funcionamento a primeira linha ferroviária.

A organização institucional do país, o crescimento económico graças às minas de prata e salitre, os inícios da industrialização, e a gestão e planificação da cidade, caracterizam o período republicano pré-industrial. Santiago adquire um papel produtor, além da qualidade de lugar de trocas de bens e de centro político e administrativo. O seu desígnio de cidade principal do sistema urbano consolida-se. A superfície da cidade é então aproximadamente a mesma que a comuna da cidade de Santiago presentemente. O crescimento da cidade é orientado positivamente por um governo central activo que rege a sua planificação e a sua modernização.

1870-1920, a cidade republicana pré industrial

Em 1872, Benjamín Vicuña Mackenna, intendente de Santiago (1872-1875), apresenta um Plano de Transformação de Santiago que expressa a preocupação pelo futuro da cidade e inicia as grandes empresas urbanas da sua história. A organização urbana, a construção de edifícios públicos e a arquitectura privada mostram a riqueza material e intelectual da época. Nos finais do século XIX e inícios do século XX, a cidade Santiago possui altos níveis de urbanidade, de legibilidade, de interacção, de coerência da estrutura urbana. Exemplos são o serviço de transporte público feito por carros de tracção animal, vários parques e um sistema de iluminação pública a gás. A população, segundo o censo de 1895, supera neste momento os 300.000 habitantes, tendo-se duplicado num curto período de vinte anos[37].

O espaço público, espaço de urbanidade

O espaço público como espaço social complementário ao habitat adquire grande importância nos finais do século XIX. Em 1870, Vicuña Mackenna descreve o papel público da rua do seguinte modo:

[...] não há nada que interesse mais ao homem depois da casa, onde passa um terço da sua vida, que a rua onde passa dois terços da vida, rua acima, rua abaixo, arruando.[38]

habitantes por hectare). Em 1870 Santiago conta já com 115.337 habitantes.

37 Em 1875 a população é de 129.807 habitantes e em 1890 alcança os 256.403 habitantes.

38 "[...] no hay nada que interese más al hombre después de la casa donde pasa un tercio de su vida, que la calle donde pasa dos tercios de la vida, calle arriba, calle abajo, callejeando." Ramón,



fig.57 Plano de transformação de Santiago, Ernest Coxhead (1913)

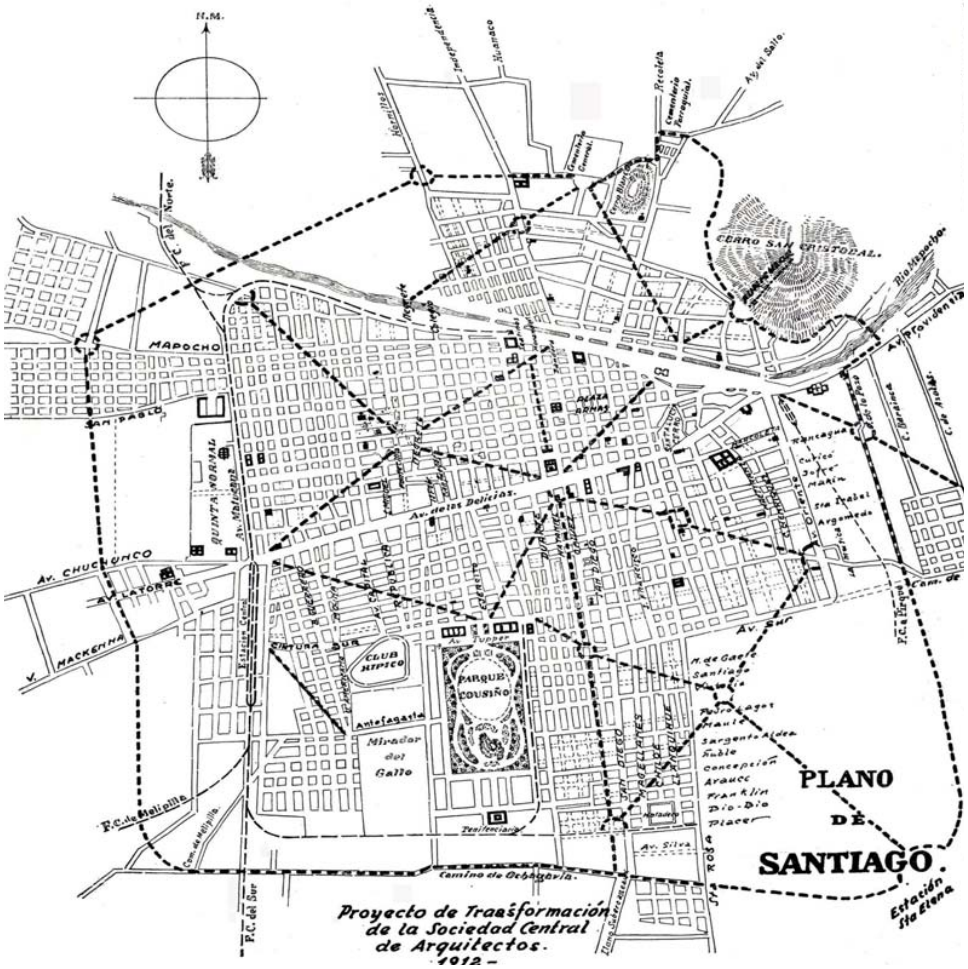


fig.58 Plano de Transformação da Cidade de Santiago, Sociedade Central de Arquitectos (1912)

A ideia da casa e o ritual de estar a trabalhar na rua são, ambas, partes de um mesmo conceito de vida urbana: *a urbanidade da cidade*. Empreende-se à pavimentação sistemática das ruas da cidade. Também grandes parques são criados seguindo os princípios do paisagismo francês ou inglês unindo-se às antigas casas coloniais: o Parque Cousiño com os seus caminhos, lagoas e pavilhões; o morro *Santa Lucía* transformado em jardim com os seus balcões, terraços, varandas e a sua porta monumental; o parque da Quinta Normal de Agricultura com o seu jardim botânico; ou os aterros derivados da canalização do Rio Mapocho, transformados por iniciativa do intendente Enrique Cousiño numa grande área verde denominada Parque Forestal, conforme o projecto do paisagista francês Georges Dubois.

Os novos traçados

O Plano de Transformação de Santiago de 1872 inclui o traçado do cordão de cintura conformado pelas avenidas Matucana, Exposición, Blanco Encalada, Matta, Benjamín Vicuña Mackenna, Mapocho e pela realização de dezoito novas praças. A Avenida Alameda Libertador Bernardo O'Higgins adquire definitivamente o seu estatuto de traçado estruturante da cidade, conservando a sua condição de *boulervard*. Nela desembocam diversas novas avenidas com a direcção norte-sul que permitem o nascimento de novos bairros residenciais ao redor do Clube Hípico e do Parque Cousiño. Mais tarde, em 1892, a municipalidade adopta um novo plano de transformação de Santiago que completa o dispositivo e prevê a abertura de vias de acesso à cidade assim como o alargamento das ruas centrais para os quinze e os vinte metros.

As infra-estruturas de transporte têm como base os carros *de sangue* (cavalos) e a rede ferroviária urbana. O Plano de Ansart, realizado em 1875, põe em evidência esta rede viária e de transportes.

Recorre-se a novas técnicas de construção como betão armado para a edificação de palácios e de grandes equipamentos culturais e administrativos: a Biblioteca Nacional e a Universidade do Chile na Avenida Alameda Libertador Bernardo O'Higgins, o Museu de Belas Artes, o Palácio de Exposições, o Museu de História, o Teatro Municipal, o Palácio do Congresso, os Tribunais da Justiça e a Escola Militar.

2.4.3 Período Modernista

Nos três primeiros séculos de existência da cidade o centro mantém-se como um elemento unitário e de tamanho reduzido, composto pela Praça Maior, pela catedral, pelo arcebispado, pelo *cabildo* e por galerias comerciais. No fim do século XIX aparecem os edifícios que respondem aos novos programas da república situados no novo lugar de atracção – a Alameda Libertador Bernardo O'Higgins. Nos anos vinte, esta avenida orienta a extensão da cidade e está, por isso, a sua organização no centro dos debates.

Os planos de Carvajal, de Coxhead e da Sociedade de Arquitectos do Chile para a Direcção das Obras Municipais ilustram os debates com o objectivo de administrar e controlar o crescimento urbano. Os desenhos propõem grandes avenidas em diagonal (Plano Carvajal 1910), circuitos circunvalação (Plano Coxhead, 1913) ou um plano geométrico perfeito (plano da Sociedade de Arquitectos do Chile, 1912).

2000: 204



fig.59 Plano oficial de Urbanização da Comuna de Santiago, Karl H. Brünner (1934)



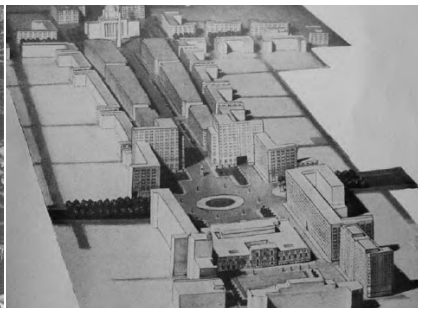


fig.60 Transformações urbanas no Distrito Cívico: a fachada sul do Palácio Presidencial (La Moneda) e a praça em frente (Plaza de la Liberdad) dando para a Alameda. Atrás do palácio, a norte, edifícios altos rodeiam a futura Plaza de la Constitución ainda por construir

fig.61 Vista isométrica do projecto da direcção geral de obras públicas (1950)





fig.62 Fotografia aérea da zona central da cidade mostrando o Bairro Cívico de Santiago do Chile (1972)

fig.63 Detalhe do plano de Brünner focando o Bairro Cívico

No decorrer do século XX, o centro histórico do século XVI consolida-se e densifica-se. Transforma-se em sector de comércio, serviços e negócios. A partir do ano 1900, uma rede de carros eléctricos liga o centro antigo aos bairros residenciais periféricos, perdendo estes gradualmente o seu papel de lugar de residência das camadas sociais elevadas.

A nova extensão da aglomeração de Santiago reflecte a estratificação social: as classes média e alta deixam os bairros do centro para se fixarem a oriente (na zona de Providência e na de Nuñoa), onde as densidades e o estilo de vida seguem os modelos de urbanização anglo-saxónicos da cidade-jardim. Estes novos bairros, afastados do centro de negócios e dos serviços, equipam-se com clubes desportivos e parques, como o Parque Bustamante e o Parque Japonês. A sul, a poente e a norte crescem as indústrias e os bairros operários, coexistindo com as quintas de exploração agrícola. Em 1920, Santiago conta com 1.352.400 habitantes e a superfície urbana é de 15.000 hectares.

A partir de 1935, o grande eixo oriente-poente – a Avenida Alameda Libertador Bernardo O'Higgins – converte-se no traçado principal de circulação rodoviária para os transportes colectivos movidos a benzina. Nesta época, o centro antigo e os seus bairros periféricos cobrem uma superfície de 11.348 hectares e o modelo de crescimento urbano, mais complexo que no passado, deixa de ser uniforme. O centro da cidade densifica-se com a população migrante vinda do campo enquanto a aglomeração se estende de forma heterogénea. A extensão apresenta uma estrutura globalmente radiocêntrica, mas procede-se por justaposição.

O impacto das duas guerras mundiais afecta drasticamente as vendas de salitre, principal produto de exportação nacional entre 1914 e 1945, gerando uma aguda crise social, política e económica que reduz o investimento público na cidade. No final deste período, perante o forte crescimento do aglomerado, a rede sanitária e a rede de energia eléctrica conseguem ainda servir toda a população, mas as infra-estruturas de transportes são insuficientes.

A cidade moderna de Karl Brünner (1932-1960)

O termo *cidade moderna* foi utilizado pelo urbanista vienense Karl Brünner (1887-1960), contratado em 1927 pelo governo do Chile para realizar os estudos do Plano Regulador do centro de Santiago. Cinco anos depois, Brünner apresenta um plano que reforça o papel institucional, administrativo, comercial e bancário do centro, regulando a implantação do construído, a repartição das funções e a densidade de ocupação do terreno. O plano propõe também a extensão do centro administrativo – o Bairro Cívico – que será realizada para sul do Palácio da Presidência *La Moneda*, ao longo de uma avenida monumental e de novas aberturas em diagonal. Não chegará contudo a materializar-se.

Entre 1945 e 1955 a população na comuna de Santiago aumenta como efeito do ordenamento do plano de Brünner. A construção de edifícios de dez ou doze pisos, de cinemas, de salas de espectáculos, de grandes lojas e a criação de numerosas travessas e galerias comerciais no interior dos quarteirões multiplica por dez os coeficientes de construção e as percentagens de ocupação do solo.

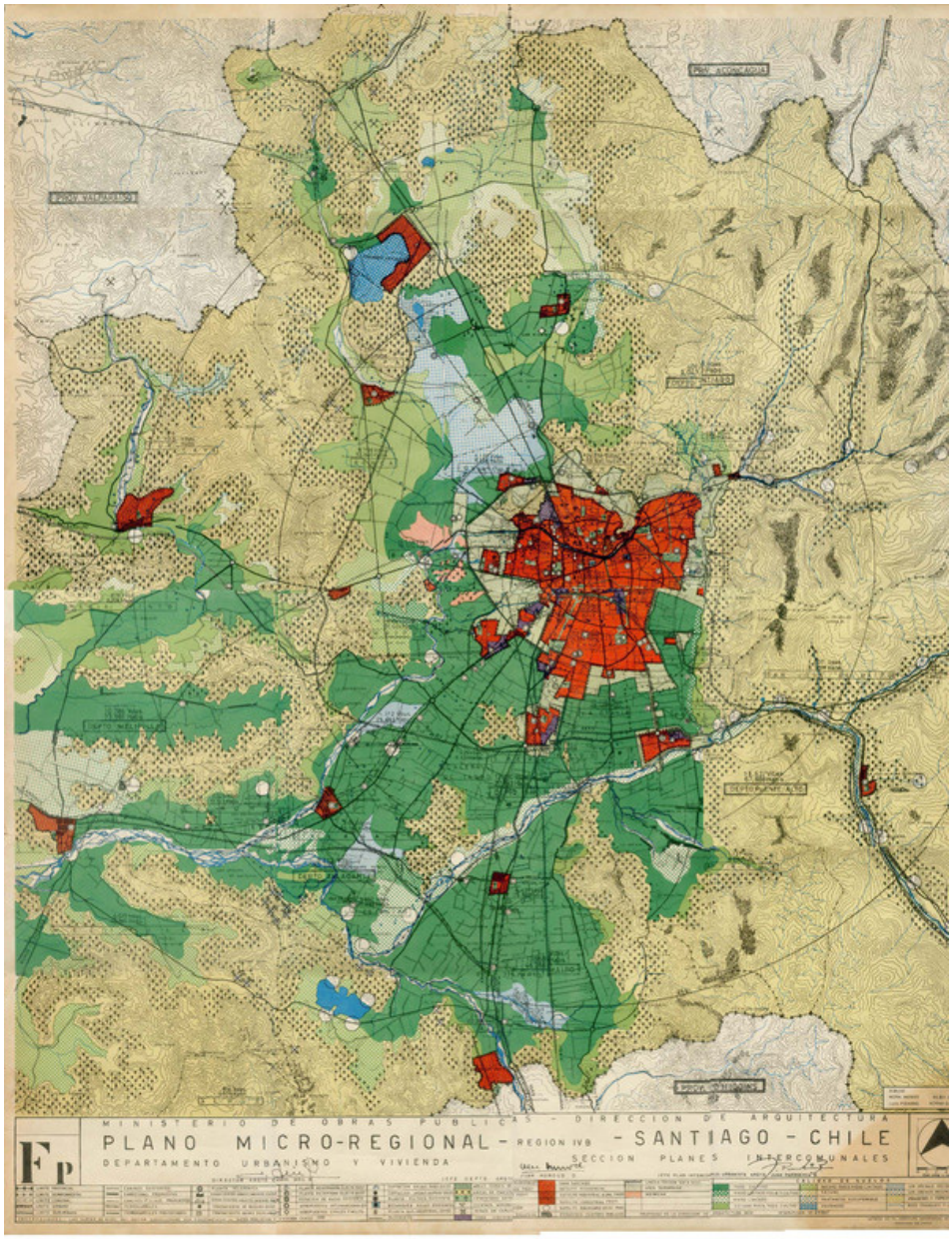


fig.64 Plano Micro-Regional de Santiago. (1960). (Minitério das Obras Públicas, 1960)

Nalguma cidade da América Latina de maneira quase clara e directa à história política do seu país – e da cidade mesmo – esta é Santiago Do Chile. Tanto é assim, que poderíamos afirmar que desde 1958 até à data (1985), o diversos projectos sociais se sucederam nessa convulsionada nação corresponderam a «projectos de cidade».[39]

Plano Regulador Intercomunal (1960-1994)

A principal característica deste período é a diversidade de modelos de organização urbana presentes nas expansões da cidade a oriente (até à orla dos Andes), a norte, a sul ou a poente. Em 1961 adoptou-se um plano director para toda a área metropolitana, denominado Plano Regulador Intercomunal de Santiago (PRIS), que se manteve vigente até 1994. Este plano apresenta um modelo de crescimento urbano radiocêntrico estruturado em função dos corredores de transporte, dos centros funcionais hierarquizados, das zonas industriais e das reservas florestais. Algumas das suas disposições foram cumpridas: a relocalização das indústrias na área norte, a relocalização parcial da rede do metro, ou o anel periférico – a Avenida Américo Vespúcio.

Em 1967, a direcção de planificação e crescimento urbano do Ministério da Vivenda e Urbanismo (MINVU) lança a *hipótese policêntrica*, e em 1968 a Corporação de Melhoramento Urbano (CORMU) apresenta um esquema novamente radiocêntrico com um eixo de crescimento industrial norte-sul; ambos os projectos realizam-se apenas parcialmente. Ao mesmo tempo, as urbanizações periféricas crescem de maneira muito heterogénea, submetidas unicamente ao controlo das direcções das obras municipais das trinta e quatro municipalidades, que na sua grande maioria não possuem um plano director comunal. Em 1965, a superfície da área metropolitana de Santiago é de 25.864 hectares, passando posteriormente para os 30.000 hectares, e atingindo actualmente os 60.000 hectares com uma estrutura consolidada pelo Plano Regulador Metropolitano de 1994.

Os documentos que regulam o crescimento do centro de Santiago são o PRIS e o seu ordenamento local. O PRIS impõe um modelo que se aplica entre 1958-1960 e que afecta alguns quarteirões do centro. Dito ordenamento prevê a reconstrução total com imóveis do tipo embasamento-torre e foi levado a cabo posteriormente de maneira parcial e isolada. O ordenamento local postula linhas de edificação que regulam a largura das vias, a continuidade dos tecidos e a implantação dos imóveis. O efeito conjugado de ambos os documentos quebra a continuidade dos alinhamentos no centro, seja por construções sobre embasamentos contínuos de dois pisos dominados por imóveis isolados de grande altura, seja pelas restrições impostas às linhas de edificado com as quais a rua perde as suas proporções. A densificação provoca o desaparecimento dos jardins interiores, apenas as praças públicas seculares se mantêm como espaços livres, e o automóvel e os transportes públicos congestionam as ruas de Santiago. Paralelamente inicia-se um processo de desertificação e perda de dinamismo do centro. Nota-se a progressiva degradação do construído devido à idade, ao efeito da sobrelotação, à concentração das actividades administrativas e de serviços, à falta de manutenção, à utilização excessiva e à elevada especulação imobiliária. As obras de construção do metro agravaram a situação e levaram as classes média e alta a abandonarem o centro. As novas construções reúnem-se unicamente no bairro nororiente, não muito longe do morro *Santa Lucía*. A conjugação de todos estes factores contribuiu para que o centro perdesse o seu atractivo.

39 López & Brito, 1985: 119

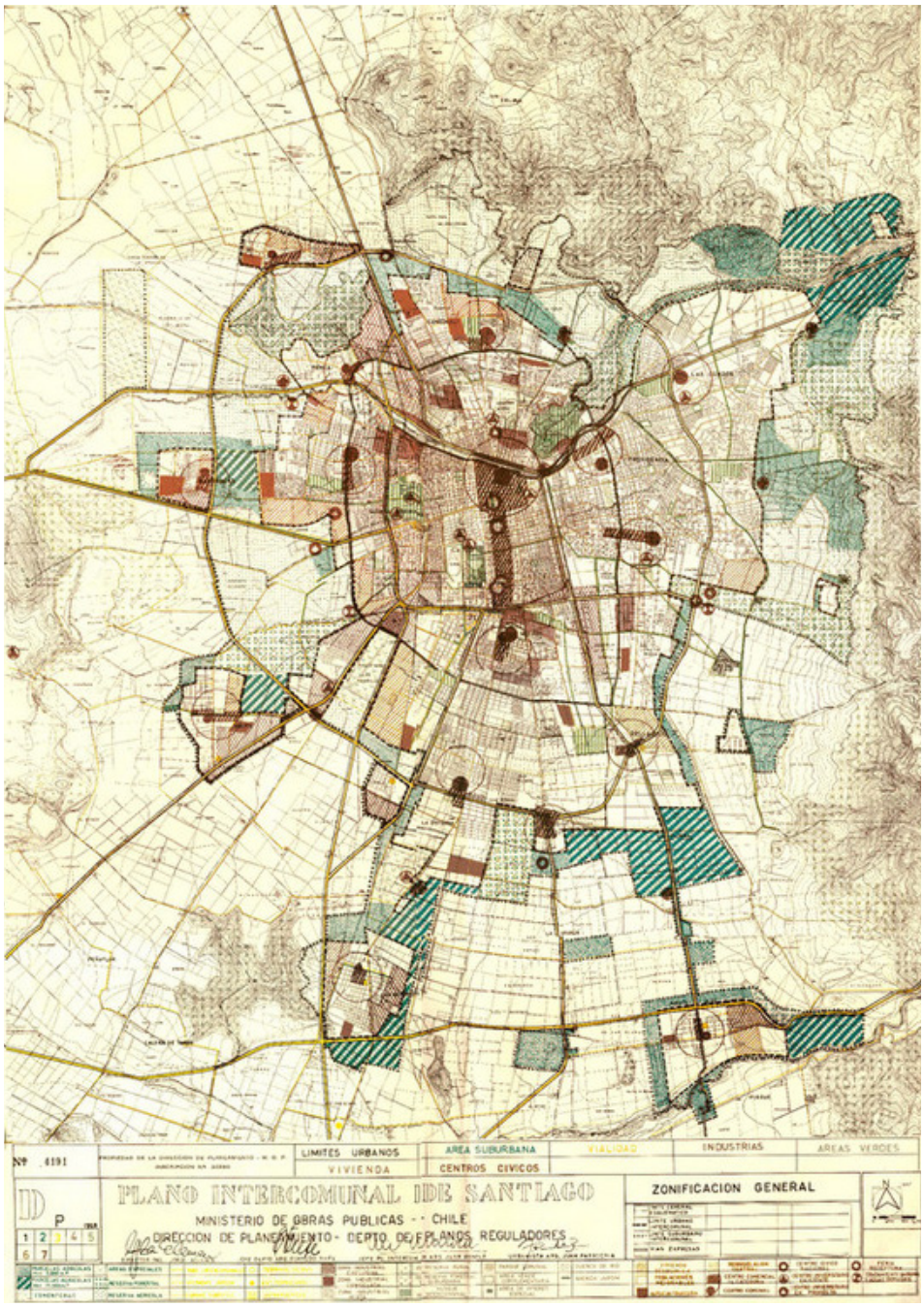
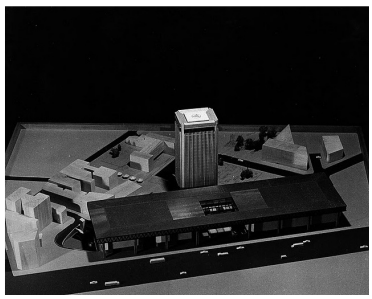


fig.65 Plano Regulador Intercomununal de Santiago (PRIS). (1960). Plano: Habitação-Área Suburbana-Centros Cívicos-Vialidade-Indústrias-Áreas verdes. (Minitério das Obras Públicas, 1958)



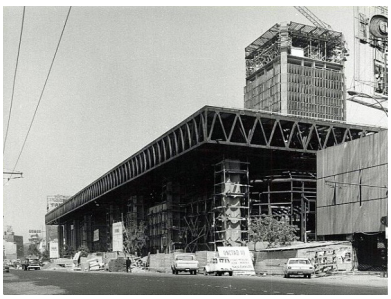


fig.66 Maqueta da proposta do Centro Cultural Gabriela Mistral

fig.67 Centro cultural Gabriela Mistral em construção





fig.68 Fotografia aérea do Centro cultural Gabriela Mistral em construção

fig.69 Centro cultural Gabriela Mistral no dia anterior à sua inauguração (1972)

1965-73. Salvador Allende. Socialismo.

O governo socialista da Unidade Popular encabeçado por Salvador Allende, apesar do curto mandato (1970-1973), conseguiu estabelecer critérios edificatórios para contrariar a especulação e o negócio privado de terras e habitação, para construir uma urbe apropriada para a população trabalhadora. Este projecto de cidade rompia com o crescimento imposto pelos interesses económicos capitalistas liberais e com o reformismo democrata-cristão do anterior governo de Eduardo Frei (1964-1970). A democracia cristã apoiava-se também nos grupos urbanos marginados e seguia maioritariamente as estratégias do antecessor governo de Jorge Alessandri (1958-1964) que consolidavam o núcleo urbano-industrial, incentivavam a iniciativa privada, promoviam os investimentos estrangeiros em grande escala e provocaram o endividamento externo.

O propósito de modificar radicalmente a estrutura urbana e a própria morfologia de Santiago, num sentido não capitalista, estava implicado na grande estratégia do governo da Unidade Popular para dirigir o país pelo rumo da transição ao socialismo.[40]

Os objectivos que guiaram a nova transformação urbana visavam: a localização da habitação e de equipamentos em função da estratégia geral de desenvolvimento económico, avançando com uma reforma agrária e nacionalizando minas e indústrias; a especialização das técnicas construtivas, passando da técnica artesanal para a pré-fabricação industrial de habitação; a diminuição da segregação espacial, construindo bairros operários nos bairros de classe média e alta (Providência; Las Condes); propostas para acelerar a absorção do défice de habitação e melhorar as condições de vida precárias dos habitantes das barracas que ocupavam os terrenos periféricos, criando os *campamentos*, que consistiu em dotar esses locais de equipamento social, serviços, sistemas de autoconstrução que incluíam unidades de cozinha/casa de banho e painéis prefabricadas de fácil montagem; e, por fim, a participação dos habitantes na solução das suas necessidades comunitárias e na definição da sua casa.

Nesta altura foram produzidos planos de urbanização para os bairros operários e realizados equipamentos urbanos como o edifício Gabriela Mistral, o parque O'Higgins, o morro *San Cristóbal* foi transformado em parque metropolitano, normalizaram-se as áreas marginais e a extensão do metro.

Ainda que seja um tema mais marginal, haverá que destacar as experiências vanguardistas sobre habitações transitórias, à base da reciclagem de materiais como cartão, latas, madeira ou placas metálicas, que com o fim de paliar défices de habitação, financiou o governo de Allende. A um nível mais global há que assinalar que, ainda que o governo de Frei tentou levar a cabo políticas precisas para controlar os assentamentos marginais (CORFÚ), e o governo de Allende seguisse fazendo operações de melhoria na áreas marginais, em ambos os casos oficialmente se primava pela construção de novos assentamentos.[41]

O grande significado destas obras vem do seu conteúdo popular: a integração das áreas residenciais com equipamentos e serviços urbanos.

40 *Idem: Ibidem*

41 Montaner, 1982: 395-396

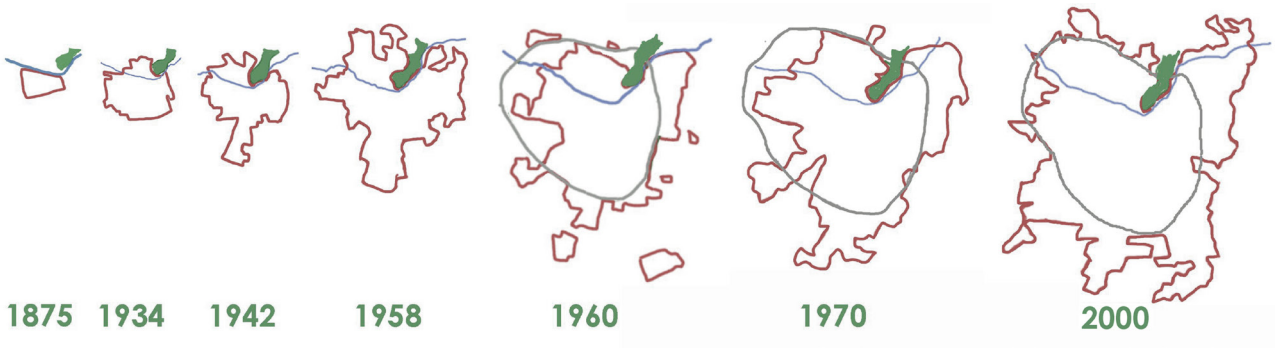


fig.70 Crescimento da cidade de Santiago

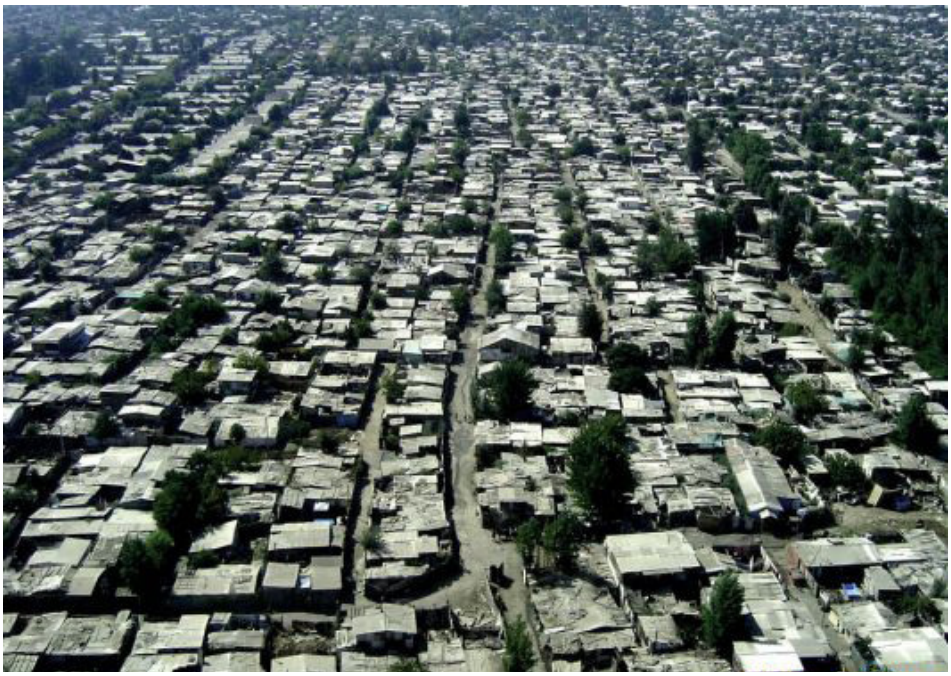


fig.71 Vista aérea da toma de Peñalolen, a maior na actualidade na cidade de Santiago



fig.72 Imagens de uma toma chilena

2.4.4 Ditadura militar 1973-1990

A 11 de Setembro de 1973 dá-se um golpe militar[42], iniciando em seguida um regime ditatorial militar que iria durar dezassete anos. O desmantelamento dos projectos urbanos da Unidade Popular começou de imediato, tão implacável e brutal como o seu golpe.

Com a interrupção do mandato de Allende, liberalizou-se o mercado da habitação. A cidade seguiu a tendência de crescimento radiocêntrico, à qual se justapôs uma estrutura de sub-centros gerados em torno dos bairros tradicionais da elite, sectores de classe média como Las Condes, Vitacura, Providencia, Renca e Las Flores. A construção de habitação social foi reduzida e as ocupações de terrenos pelas classes mais baixas foi brutalmente reprimida no centro da cidade, gerando uma grande mancha urbana marginalizada a norte e a sul da cidade. A forte expansão da cidade a oriente deve-se maioritariamente ao traçado viário e posteriormente à construção da linha 1 do metro, inaugurada em 1975.

A morfologia e a localização das centralidades na área metropolitana não seguem as directivas do PRIS. As grandes avenidas, as estradas urbanas e o metro unem actualmente centros formados por edificações em altura (Santa Maria – Sheraton, rotunda Vitacura, Praça Irene Frei, rotunda Kennedy). Estas grandes avenidas funcionam como limites de sectores residenciais, mais homogéneos e com densidades mais ou menos altas.

A planificação à grande escala foi substituída por intervenções sectoriais e pelo mercado imobiliário. Estes orientavam agora as transformações e o desenvolvimento urbano, contribuindo para a segregação espacial, para o deterioro, para a congestão do acessos e para a poluição de que padece a capital do Chile presentemente.

O regresso à democracia no início dos noventa foi um marco que resultou num optimismo difundido, reinserção na arena internacional e numa estabilidade política e económica sem precedentes.[43]

1990. Período de transição. Democracia.

Durante o regime militar, a repressão dos assentamentos espontâneos impediu o desenvolvimento das políticas participativas e reduziu a construção da habitação social. Com o regresso à democracia em 1990, mais de um terço da população chilena vivia abaixo do limiar de pobreza (38,6%), voltando a abordar-se o problema do défice de habitação. Para responder às necessidades procedeu-se à construção massiva e dispersa de habitações, acto que conseguiu baixar este défice[44]. Mais tarde, em 1997, através do programa Chile-Barrio conseguiu-se integrar quase toda a população chilena que ainda vivia em *campamentos*.

Nos terrenos periféricos de Santiago, depois da habitação o grande problema era a qualidade das casas e do espaço envolvente, um problema urbanístico e arquitectónico. Desta vez não existiu participação da população, o que não ajudou a caracterizar a intervenção e acabou por não resolver as necessidades reais e específicas dos moradores.

42 A Marinha, desde Valparaíso, deu o sinal de início do golpe à Força Aérea e ao Exército. Salvador Allende partiu de Valparaíso para o Palácio La Moneda, em Santiago, e mandou cortar a estrada entre as duas cidades. Augusto Pinochet autorizou o bombardeio sobre La Moneda. Allende foi encontrado morto, no interior, não se sabendo se foi assassinado ou se suicidou.

43 Gallanti & Insulza, 2006: 12

44 De 1.200.000 para 250.000 casas.



fig.73 Projecto Quinta Monroy. Cidade de Iquique, norte do Chile. Primeira experiência Elemental

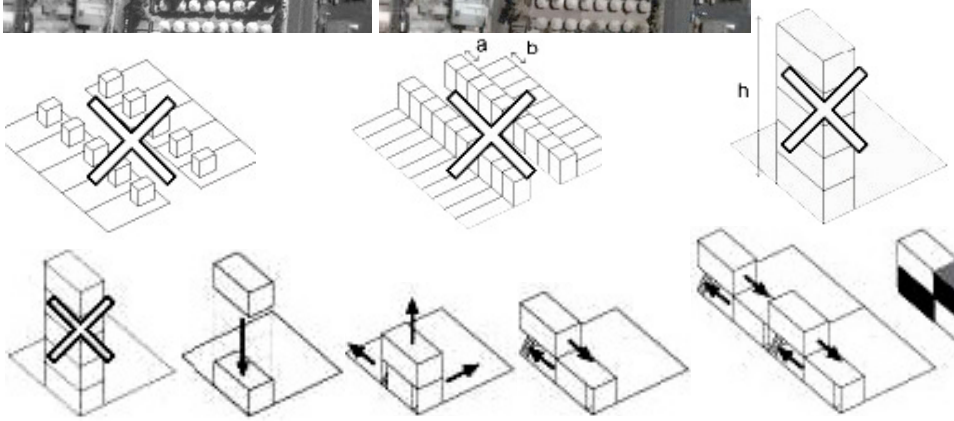


fig.74 Processo para chegar à melhor organização dos fogos pretendida

fig.75 A evolução do dispositivo: da célula inicial à ampliação



fig.76 Sessões de apresentação e debate do projecto com os futuros moradores



fig.77 Imagem 3D do estado inicial e futura evolução

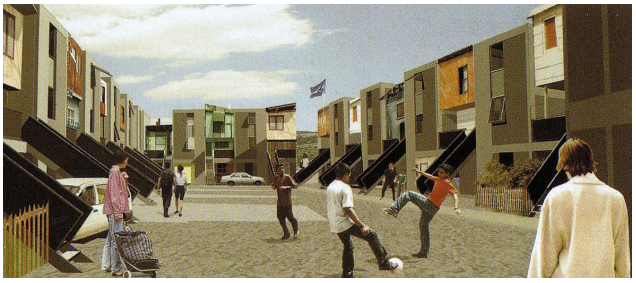


fig.78 Estado actual







2.4.5 Santiago actual

Elemental

A reabilitação de habitação social como tema, a avaliar pelos esforços feitos para reintegrá-la na atenção dos arquitectos, está entre os desenvolvimentos dos últimos anos. Os resultados são ainda escassos mas constituem um ponto de referência. O programa Elemental SA encabeçado por Alejandro Aravena exemplifica-o, e é neste mesmo contexto que actividades de outras fundações como Un Techo para Chile (Um Tecto para o Chile) [...] Por outro lado, a consciência do papel dominante que as infra-estruturas têm na configuração da cidade e do território, e de que a arquitectura deve contribuir para o processo, é ainda incipiente; alguns resultados podem ser observados.[45]

O grupo Elemental[46] surge no ano 2000 com o objectivo de fazer habitação social de qualidade, característica ausente nos programas estatais da década anterior. Integram na realização do projecto a participação e a autoconstrução e estudam e optimizam os sistemas de habitação social anteriores, tornando-se intervenientes cívicos: estão preparados para participar na política e na opinião pública. Os projectos respondem a certas condições: a de se realizarem na mesma localização onde vive a população que vão servir, preservando as relações sociais; a de terem uma saída directa para um espaço colectivo; a de conseguirem evoluir harmonicamente; a de possuírem características de uma casa de classe média, com um bom desenho estrutural, o máximo de flexibilidade e o mínimo de tecnologia. Além do desenho de habitações com a participação dos futuros moradores, projectam também equipamentos de melhoria urbana e espaços públicos. Fazem uma exploração pragmática e inteligente do desenho arquitectónico, de optimização de sistemas de construção e no trabalho comunitário e social. Aliam o *site & service* a um princípio de densificação e a um jogo modular de crescimento, valorizando as casas e os bairros.

O programa mais mediático é a Quinta Monroy[47], realizado em Iquique em 2002. Este projecto enfrentava grandes desafios: o da inserção em vez da expansão; e o problema de manter o local e resistir a interesses especulativos, pois estava situado a quatro quarteirões da praia, a dois de um centro comercial (*mall),* e a outros dois do terminal de agropecuária. Resultou num processo de alta densidade, mas sem sobrelotação. Houve um período de explicação, diálogo e negociação com a população para integrar os seus desejos e chegar a um consenso entre ambas as partes. O desenho urbano expressa-se em quatro unidades

45 Pérez Oyarzún, 2011: 117

46 "Projecto Elemental Chile, coordenado por Andres Iacobelli e por Alejandro Aravena (www.elementalchile.org). Um conjunto de concursos internacionais paralelos para sete projectos de habitação social a construir ao longo do Chile, criaram um esquema original cujo principal objectivo é projectar habitação social de qualidade. O empreendimento, uma sociedade entre a Universidade Católica de Santiago, o David Rockefeller Center da Universidade de Harvard, e uma série de agências governamentais e companhias privadas, atraíram a participação de mais de 500 equipas, tanto profissionais como de estudantes, de diferentes partes do mundo. Um primeiro protótipo que serviu como modelo para o concurso e a sua sucessiva implementação foi inaugurado em Dezembro de 2004 em Iquique, uma cidade no norte do Chile. Um primeiro aspecto pode ser descoberto na atitude aparentemente fácil, pragmática, experimental e ainda assim altamente profissional com que os arquitectos chilenos se comprometem em projectos específicos. Uma análoga transmissão de conhecimento é alcançada dentro do mundo académico, onde, de acordo com estatísticas, metade dos profissionais chilenos são professores: as aulas de projecto são centrais para a formação, determinando um feedback contínuo entre ensino e trabalho." Gallanti & Insulza, 2006: 14

47 A tarefa era implantar habitação de qualidade nuns exíguos cinco mil metros quadrados, gastando sete mil e quinhentos dólares em cada uma.

Bairro La Renca, Santiago do Chile



fig.79 Equipamento colectivo



fig.80 Habitação



fig.81 Vista do conjunto

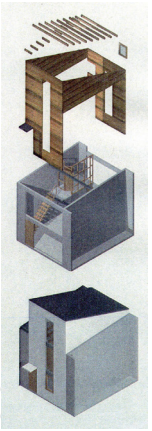
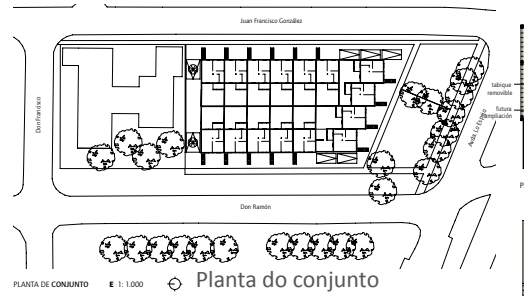
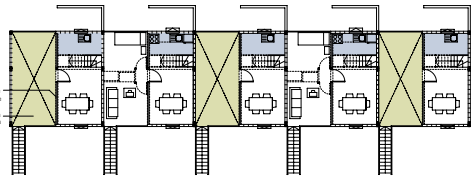


fig.82 Processo construtivo

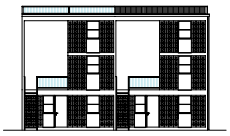
Bairro Lo Espejo, Santiago do Chile



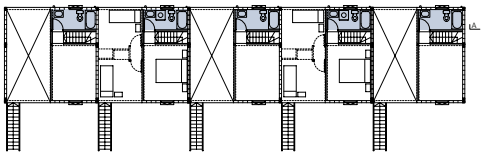
Planta do conjunto



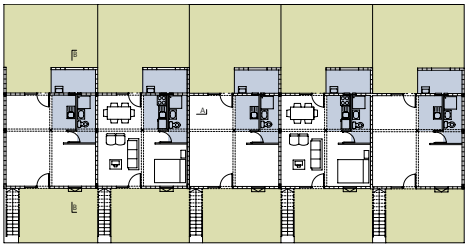
Planta do primeiro piso do duplex



Alçado frontal



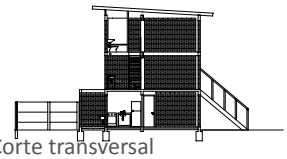
Planta do segundo piso do duplex



Planta do piso térreo



Corte longitudinal



Corte transversal

fig.83 Plantas, cortes e alçados

fig.84 Estado actual



fig.85 Estado inicial e actual



espaciais, quatro pátios diferentes com cerca de vinte casas cada um. A distribuição das habitações foi realizada por grupos de famílias, por vezes divididas etnicamente, de modo a se conciliarem e viverem em conjunto. O pátio tem apenas um acesso para que as famílias possam controlar quem entra e quem sai, garantindo a segurança da comunidade e a boa vizinhança.

A participação e a possibilidade de escolha, apesar de medida pelo grupo de projecto, amenizavam as desconfianças das pessoas. Para tal foi necessária uma total transparência e o assumir de uma organização. O controlo formal e construtivo foi feito num regime de propriedade que impede a edificação para cima e para trás das habitações, de modo a impedir a destruição da forma dos pátios colectivos. Dá-se deste modo a possibilidade de ampliação e providenciar uma melhor vida para a família, mas também de viver em comunidade e ter um pensamento comum.

Não foi apenas uma entrega de casas mas antes um trabalho comunitário. Cada proprietário terminou a sua casa segundo necessidades e padrões próprios, mas sempre com o tema do bairro de fundo, garantindo a harmonia do conjunto. A qualidade das habitações é evidente; nenhuma habitação social chilena tivera até então um quarto com espaço para cama de casal, um quarto de banho com banheira ou mesmo uma sala com sofás. No campo social houve melhorias notórias, como uma maior segurança e a formação de uma mentalidade comunitária. No entanto, os pátios colectivos apresentam já grades em todas as entradas, revelando o insucesso da integração na malha urbana. O motivo pode talvez bem ser o de uma envolvente problemática, mas também algo mais transcendente, cultural, verificado em praticamente todo o Chile e em todas as classes sociais.

Sucederam-se os projectos Lo Espejo em 2005 e La Renca em 2008, projectos de novos bairros para o país ou mesmo para outras partes do mundo. Em Lo Espejo, Santiago do Chile, a ideia inicial já não era construir habitação social mas sim criar bairros, formas urbanas densas que consigam estabelecer relações de vizinhança, palcos de vida urbana comunitária. Já não se trata de entregar uma infra-estrutura*, site & service*, mas lares sólidos e de valor comercial que conformem um bairro e que signifiquem um futuro para as famílias. Para a maioria das pessoas destes bairros, uma casa própria significa a mudança mais importante das suas vidas.

A ideia é que através destes sistemas participativos se consiga desmantelar todos os acampamentos precários e ao mesmo tempo que as famílias superem a situação de pobreza extrema em que vivem.

Em Lo Espejo, por ser em Santiago, a questão da densificação acentua-se, e em La Renca[48], também na capital, evidencia-se a ideia de construir o bairro e não a casa. Em detrimento das casas, a primeira estrutura a construir é um equipamento de apoio com centro social, salas de saúde, etc., revelando a importância dos espaços comuns para a consolidação de comunidades. Embora o nível de participação neste projecto tenha sido menor, a flexibilidade nos acabamentos na distribuição interior foi maior.

48 Realização de 170 casas de 70 m^2. Ao haver mais fundos monetários, construiu-se o dobro de casas previstas.



fig.86 Fotografia satélite (2002)

Esforços para expandir e renovar o campo da prática profissional podem ser vistos como um eco distante de experimentos similares levados a cabo nos anos de 1950 e 60. Com uma atitude de misturar iniciativa e serviço social. [...] Este modo de fazer as coisas pode ser reconhecido em iniciativas como a Elemental, agora uma sociedade anónima, ou a Ciudad Abierta (Cidade Aberta), que até hoje continua operando sem interromper a sua actividade edificatória. [49]

2.4.6 Desafios de Santiago

Sem dúvida, o Chile é um lugar onde todavia a presença da natureza é brutal, ainda que também seja um lugar onde a cultura urbana susteve uma expansão persistente durante o último século, onde apenas uma cidade, Santiago de Chile, concentra metade da população do país, numa extensão suburbana de baixa densidade.[50]

A extensão suburbana de baixa densidade é formada por habitações unifamiliares e por bairros informais, ambos não se articulam ao resto a da cidade. A segregação junta-se a motivações individualistas e ao liberalismo construtivo que, como noutros países da América Latina, é enfatizado pela excessiva construção de condomínios fechados de classes média e alta, e mesmo pela construção de elementos físicos limite, como muros ou grades que separam e desarticulam a malha urbana. Um problema complexo que se estende praticamente a todo o Chile e a qualquer classe social, não ajudando a coesão e segurança urbana.

O défice de habitação e as consequentes políticas gentrificadoras são os principais responsáveis da definição actual da cidade de Santiago, uma manta de comunas e condomínios, com um centro de carácter monofuncional e desabitado, e uma periferia com fracas condições de habitabilidade e com reduzidas infra-estruturas básicas.

A paisagem da periferia de Santiago de Chile é uma colecção de tópicos da ausência de uma relação entre arquitectura e território: repetição indiscriminada de modelos residenciais de baixo orçamento, onde a natural inclinação do solo se corta e se terraplana a cada momento para poder receber as unidades repetitivas do negócio imobiliário. O resultado é uma heterogeneidade indiferenciada onde se torna urgente a necessidade de gerar uma nova urbanidade.[51]

Por outro lado, no campo arquitetónico tem-se vindo a produzir obras de qualidade resultantes das experiências construídas fora do território urbano de Santigo e ligadas à paisagem[52]. Esta qualidade arquitectónica tem sido progressivamente introduzida na realidade urbana da capital pela mão do sector da educação privada, um sector em expansão[53].

49 Pérez Oyarzún, 2011: 119

50 Torrent, 2002: 14. De acordo com os censos de 2010, a aglomeração de Santiago conta com aproximadamente seis milhões de habitantes, num país com cerca de dezassete milhões de habitantes, o que aponta para uma ligeira descentralização.

51 *Idem*: 23

52 "O Chile não é muito diferente de tantos países em cujas capitais se concentra boa parte da riqueza nacional, em termos económicos e culturais. A vocação metropolitana de Santiago acentua as suas diferenças respeito ao resto do território, de onde surgem outras sensibilidades arquitectónicas mais ligadas à paisagem." Segawa, 2002: 37

53 In a system of pervasive private development and contemporaneous reduction of the public, education has become one of the largest expanding economic sectors. Gallanti & Insulza, 2006:




fig.87 Mathias Klotz. Faculdade de economia e gestão da Universidade Diego Portales (2006) Santiago. O edifício situa-se junto a uma auto-estrada



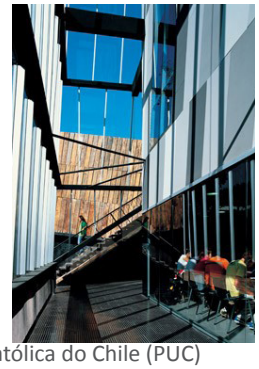


fig. 88 Alejandro Aravena. Torres siamesas (2004) Santiago. Polo San Joaquín da Pontificia Universidade Católica do Chile (PUC)





fig.89 Polo Lo Contador PUC Santiago fig.90 Teodoro Fernández, Smiljan Radic, Cecilia Puga. Centro de informação e documentação Sergio Larrain García–Moreno (1994-2006). O edificio é enterrado para criar espaço livre entre os edificios pré-existentes de interesse histórico, a cobertura torna-se uma praça que liga o jardim interior do quarteirão à rua.

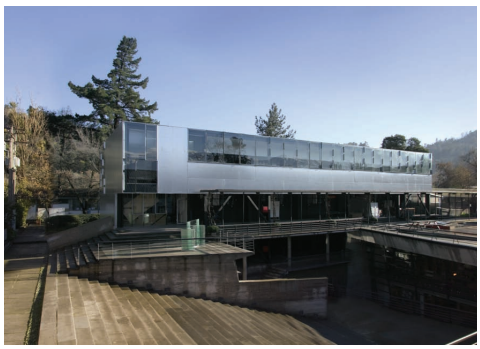



fig.91 Alejandro Aravena. Escola de arquitectura em Lo Contador (2004)

fig.92 Sebastian Irarrazaval. Escola de Design e Instituto de estudos urbanos e territoriais em Lo Contador (2011)




Num sistema de desenvolvimento privado penetrante e contemporânea redução do público, a educação tornou-se um dos sectores económicos de maior expansão.

Como exemplo temos as novas faculdades da Universad Diego Portales cujo director de arquitectura é Mathias Klotz, e responsável por elas, e a vasta sequência de equipamentos educacionais e administrativos encomendados pela Universidad Católica ao seu grupo de professores arquitectos[54]. Embora a sua importância na promoção de certas zonas da cidade, arquitectura vista como marketing e comunicação, encontram-se em pequeno número e não contribuem para os espaços colectivos urbanos.

A dose de reflexão que acompanha esta produção constitui outra característica notável, dando-lhe um aspecto discursivo de âmbito disciplinar. Se as atitudes destes arquitectos se espalharem e fortalecerem, talvez sejamos capazes de esperar que esta qualidade de arquitectura se expanda a campos relativamente inexplorados, tal como edifícios de escritórios de grande escala e projectos imobiliários, onde a qualidade arquitectural é ainda difícil de encontrar.[55]

Ao observar as duas tendências dos arquitectos chilenos entre trabalhar na cidade, nos bairros precários e melhorá-los não só materialmente mas também socialmente, e trabalhar no contexto natural que enriquecem o campo arquitectónico resta agora esperar que o próximo passo seja a reabilitação dos espaços colectivos da cidade. Estes espaços de representação são essenciais a um país que mostrou a sua sensibilidade social para logo ver a sua expressão reprimida. Embora se trate de um processo moroso dar forma à cidade, consegue perceber-se as relações da sua forma com a ideologia que a "desenha". O espaço público funciona como elemento fulcral na forma como o homem se integra na cidade em pleno processo de metamorfose ideológica, sendo o cenário onde protagonizam as dinâmicas das transferências sócio culturais paisagem-urbe.

14

54 "Sete novos edifícios para a Universidade Diego Portales, coordenados pelo decano da Faculdade de Arquitectura Mathias Klotz, a nova sede da Faculdade de Economia da Universidade Adolfo Ibañez, projectada por José Cruz Ovalle, e uma vasta sequência de diferentes projectos de instalações educacionais e administrativas encomendadas pela Universidade Católica através dos seus professores de projecto, são tudo sintomas de uma sábia compreensão da arquitectura como um elemento de marketing e comunicação." *Idem: Ibidem*

55 Pérez Oyarzún, 2011: 119

3 Considerações Finais

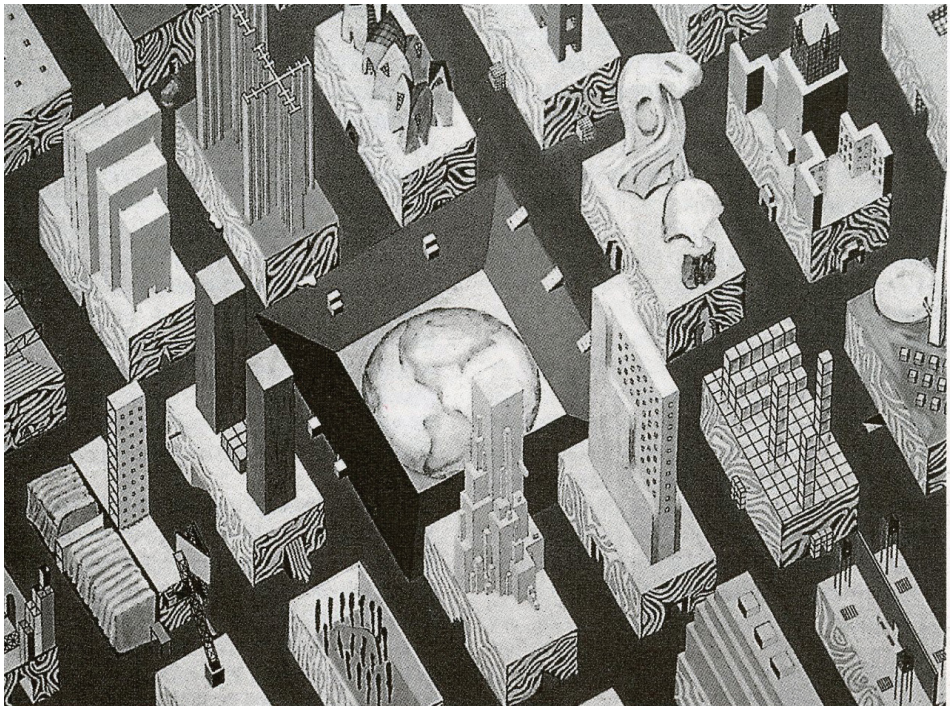


fig.93 A cidade do
globo cativo (1972) OMA

Relação com os outros

As grandes cidades sul-americanas, na sua maioria capitais, oscilaram ao longo da sua existência entre a condição de laboratório e de espelho, entre tábula rasa e reflexo dos centros de produção cultural europeus e norte-americanos. Da relação com estes, muitas vezes de dependência, a cultura latino-americana teve sempre uma imagem difusa da sua identidade e do seu lugar no mundo, muitas vezes marginal.

Relação com o território nacional

Paralelamente a esta condição, a preponderância em relação aos seus territórios nacionais, fruto da centralização do poder administrativo e económico e fruto do crescimento demográfico que reflecte as desigualdades cidade-campo (que se viriam intensificar no seio da urbe), provocou profundos desenvolvimentos visivelmente manifestados pelas suas populações de milhões.

Relação com a política

No século passado, as instabilidades sociais e políticas tiveram um papel determinante na configuração urbana. Entre picos de reformas sociais, advindos do Movimento Moderno, caracterizados pela vontade de participação de todos num ideal de progresso, e picos de repressão das liberdades e do desenvolvimento social, ficaram cicatrizes no contexto cultural.

Período colonial

Embora cada cidade tenha a sua especificidade, geografia, clima ou história singular, partilha com as suas congéneres do subcontinente um mesmo código genético: a herança de um modelo de cidade colonial.

O estabelecimento de cidades por todo o território americano foi um acto incrível pela sua magnitude. Ao aprofundar a génese do modelo espanhol de cidade verifica-se o carácter experimental dos primeiros assentamentos, e que a partir destes se consolidou o modelo, expresso nos documentos reais das Leis das Índias. Deste processo vem a condição de laboratório da América em geral, e da América hispânica em particular, bem como o contraste entre a natureza espectacular do continente e a artificialidade e abstracção do modelo de civilização ocidental.

O modelo espanhol mostra como esta morfologia particular configura uma base de referências para a orientação na cidade de qualquer habitante de antigas fundações coloniais – um efeito impressionante. A grelha, quadrícula ou *damero* tão característicos deste modelo, viriam mais tarde a revelar-se fundamentais para o nascimento das grandes cidades. Como explica Rem Koolhaas no seu manifesto retroactivo para Nova Iorque:

A grelha é acima de tudo uma especulação conceptual. Apesar da sua aparente neutralidade, implica um programa intelectual para a ilha: na sua indiferença à topografia, ao que existe, reclama a superioridade da construção mental sobre a realidade. O projecto das ruas e dos quarteirões anuncia a subjugação, se não obliteração, da natureza que é a sua verdadeira ambição. [...] A disciplina bidimensional da grelha cria também a liberdade para a anarquia tridimensional. A grelha define um novo equilíbrio entre controlo e descontrolo na qual a cidade pode ser ao mesmo tempo ordenada e fluída, uma metrópole de rígido caos.[1]

1 Koolhaas, 1994: 20.

Símbolo de identidade urbana, a grelha irá resistir às alterações posteriores ao tempo colonial e guiará, de forma adaptada, as extensões desse período, confirmando-se como herança.

Período Republicano

O período republicano vem redefinir a cultura latino-americana. Por um lado conquista-se a independência dos impérios e por outro criam-se novas dependências, económicas e culturais. Tal como as elites americanas imitam as europeias, as capitais americanas reflectem as congéneres europeias, vivendo o resto da população e o "resto" da cidade à margem destes processos. A nível urbano aplicam-se as medidas higienistas vindas da Europa, como redes de abastecimento de águas e redes de saneamento, novos espaços urbanos como parques, *boulervards* e jardins botânicos. A natureza, que estava exilada da cidade colonial, entra na configuração dos novos e também dos antigos espaços colectivos. Os novos protagonistas urbanos são os portos e as estações de caminho-de-ferro que produzem novas centralidades. Mas a imagem importada de civilização das luzes esconde o crescimento dos assentamentos precários situados nos limites dos porto e das novas zonas industriais, situação que se prolongará até ao século XX.

Período Modernista

A viagem de Le Corbusier à América do Sul em 1929 influenciou o pensamento deste autor-chave do urbanismo modernista, deixando de conceber as cidades modernas de forma radiocêntrica e incorporando a paisagem na arquitectura. A Carta de Atenas, documento que agrupa as orientações de um novo urbanismo, foi redigida pelo arquitecto suíço após o quarto encontro CIAM (1933) e finalmente publicada em 1943. A materialização dos princípios da Carta de Atenas na criação da cidade moderna não se faz na Europa mas na América, e mais tarde também na Índia (em Chandigarh). Essa Cidade é Brasília, a nova capital do Brasil. Este facto ilustra mais uma vez a visão europeia de tábula rasa da América.

Informalidade

Ao mesmo tempo, o fenómeno dos assentamentos informais que o urbanismo modernista não conseguiu solucionar, por via da eliminação, vem pôr em causa a eficácia dos princípios em questão. Procuram-se alternativas à informalidade estudando-as nos assentamentos informais, sendo o caso mais paradigmático o Projecto Experimental de Vivienda (PREVI) em Lima, Perú. As lições tiradas desta experiência estão expressas na obra de John Turner que defende a descentralização do poder de decisão na construção de habitação social, a participação dos que vão habitar o espaço a construir, o fornecimento mínimo de infra-estruturas básicas nas urbanizações informais, o *site & service*, a importância da localização para o acesso ao emprego, e a relevância da flexibilidade para futuras ampliações, pela autoconstrução, do espaço habitado, desenvolvendo o sentido de responsabilidade cívica do morador no processo de construção da sua casa.

Quando os habitantes controlam as decisões mais importantes e são livres de darem a sua contribuição no projecto, na construção ou gestão da sua casa, tanto este processo como o ambiente produzido estimulam o bem-estar individual e social. Quando não possuem controlo nem responsabilidade nas decisões-chave no processo da construção da habitação, os ambientes, por outro lado, podem tornar-se uma barreira para a realização social e um fardo para a economia.[2]

2 Turner & Fichter, 1972: 241

Voltando à cidade formal, os princípios ideológicos do Movimento Moderno não atravessaram o Oceano Atlântico, chegando apenas a linguagem formal que adquire variações e adaptações consoante o contexto da obra. Este contextualismo pós-moderno irá adquirir a designação de *modernidade apropriada* ou a outra arquitectura. Através dele, a produção arquitectónica volta-se para o passado e para o contexto na procura de identidade. Este movimento acaba por gerar um pensamento ensimesmado, dando lugar a uma entropia arquitectónica que não chega a atingir o estado de equilíbrio.

Santiago do Chile

No caso da cidade de Santiago do Chile, como na maioria das fundações ibéricas na América, esta torna-se palco dos mais variados acontecimentos políticos e económicos desenrolados ao longo do século passado, reflectindo os problemas outrora vividos pelo velho mundo.

O projecto moderno e a planificação do início do século XX entram em crise na segunda metade deste, e a cidade vê-se incapaz de responder ao aumento rápido e significativo da população, reflectindo os novos assentamentos periféricos fenómenos que rompem com o antigo modelo de fazer cidade.

Os chilenos foram os primeiros a eleger democraticamente um presidente socialista, em 1970, mas prontamente ocorreu um golpe militar que o destituiu. Durante o período socialista tentou-se inverter o défice de habitação através de políticas de participação e autoconstrução como também se combateu a segregação espacial através da construção de habitação social nos bairros mais ricos da cidade. Porém este período é curto e em 1973 a cidade é exposta a uma ditadura militar. As novas políticas urbanas provocam um aumento da segregação social beneficiando as classes mais altas. Estas usufruíam de espaço público qualificado, equipamentos e serviços públicos; enquanto que as classes mais baixas eram afastadas do centro para a periferia, completamente despreparada de serviços básicos como água potável, iluminação pública ou esgotos.

O regime ditatorial termina em 1990 e durante essa década dá-se uma transição democrática cheia de cicatrizes, mas o país sente-se optimista em relação ao futuro e o mundo vê aquela nação com novos olhos. Há uma profunda revisão do discurso político urbano de forma a gerir as novas dinâmicas, tentando reaver o sentido de comunidade através de medidas de diminuição do défice habitacional, da criação de espaço público e de equipamentos em zonas periféricas carenciadas de infra-estruturas, mostrando os arquitectos um papel essencial. Os arquitectos chilenos, em particular, demonstram um grande sentido cívico, coordenando as instituições com as comunidades. Destaca-se a acção do grupo Elemental, que consegue mediatizar as questões que envolvem a habitação com a participação dos clientes e a flexibilidade da estrutura para possibilitar processos de desenvolvimento, por autoconstrução, da casa.

Globalização

Na era da globalização acentuam-se os efeitos dualizadores entre quem pertence ao círculo económico global e quem está fora. Estes efeitos sentem-se cruamente nas cidades latino-americanas. Os grandes contrastes nascidos da desequilibrada distribuição da riqueza e do poder político criam, por um lado, grandes manchas urbanas onde as populações vivem em situações precárias e dificilmente têm a representação política necessária para alterar a sua condição, e por outro, alimentam a especulação imobiliária, os *shoppings* e as auto-estradas. Estes factores levaram a que as cidades latino-americanas explodissem em crescimento e em desordem. O Estado ausenta-se do controlo do crescimento e o resultado é o abandono das ruas, a perda da vitalidade e da solidariedade, o aumento da insegurança nos espaços de asfalto e betão, ... desencadeia-se um inferno urbano.

O inferno dos vivos não é uma coisa que virá a existir; se houver um, é o que já está aqui, o inferno que habitamos todos os dias, que nós formamos ao estarmos juntos. Há dois modos para não o sofrermos. O primeiro torna-se fácil para muita gente: aceitar o inferno e fazer parte dele a ponto de já não o vermos. O segundo é arriscado e exige uma atenção e uma aprendizagem contínuas: tentar e saber reconhecer, no meio do inferno, quem e o que não é inferno, e fazê-lo viver, e dar-lhe lugar.[3]

O que não é inferno nas cidades latino-americanas é a sua resistência perante as crises descritas. Descende do aspecto cultural de querer ser moderno, mas desta vez a nível ideológico. Embora se trate de um processo moroso, consegue-se perceber as relações da sua forma com a ideologia que a "desenha". O espaço público funciona como elemento fulcral na forma como o homem se integra na cidade em pleno processo de metamorfose ideológica, sendo o cenário onde protagonizam as dinâmicas das transferências sócio culturais campo-urbe. O papel do arquitecto latino-americano é o de actuar como elo entre poder público e comunidade, concebendo e utilizando o projecto como instrumento de reivindicação e consciencialização social.

A sua participação nas plataformas globais e nas redes culturais levam à maior visibilidade da produção espacial nos contextos latino-americanos, deixando de serem marginais e periféricos, mas ganhando importância central no actual debate urbano e arquitectónico. Estes não infernos, ou estas especificidades, revelam um optimismo característico. Na crise urbana contemporânea, voltando a ser laboratório e deixando de ser marginal à produção de conhecimento, é fácil de concordar com os vários autores que se referem a este momento como o momento da América Latina.[4]

3 Calvino, [1972]: 166

4 "O que podemos afirmar é que à luz desta evolução de atitudes e realizações, ninguém ficaria surpreendido com o anúncio de que o presente, não apenas o futuro, é o momento da América Latina." Ábalos, 2010: 23
"Parece que chegou a vez da arquitectura latino-americana, uma vez bem-sucedida na superação do seu complexo de estar à margem do curso da história ocidental, para desenvolver uma grande consciência 'filosófica' e operatividade crítica mais racional." Canella, 1992: 7

"No estoy seguro de que yo exista, en realidad. Soy todos los autores que he leído, toda la gente que he conocido, todas las mujeres que he amado; todas las ciudades que he visitado, todos mis antepasados... Quizá me hubiera gustado ser mi padre, que escribió y tuvo la decencia de no publicar... No, definitivamente, no nada, nada, amigo mío; lo que le he dicho: no estoy seguro de nada, no sé nada. Imagínese que ni siquiera sé la fecha de mi muerte...".

Jorge Luis Borges

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

2G #8 Arquitectura latinoamericana una nueva generación. 1998. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

2G #26 Mathias Klotz. 2002. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

a+u #430 [Chile. Deep South]. 2006. Tokio: A+U

ÁBALOS, Iñaki. 2010. "Latin American Architecture Today" *in Harvard Design Magazine #34*. 2011. pp16-23

ARAVENA, Alejandro (2007) Charla de Alejandro Aravena en los Quintos Encontros Internacionales de Arquitectura en Santiago de Compostela (acedido em 2012-08-27), disponívelem http://www.vimeo.com/649598

ARAVENA, Alejandro (2008) Elemental canal 13, Trienal de Milan (acedido em 2012-08-27), disponível em http://www.vimeo.com/1073609.

ARAVENA, Alejandro (2009). Conjunto habitacional "Quinta Monroy", Elemental, Iquique Revista.

arqa #94/95 [Constrastes Sul-americanos]. 2011. Julho/Agosto 2011. Lisboa: Futur magazine

Arquitectura Viva #85 [Último Chile]. 2002. Madrid: Arquitectura Viva SL

ASCHER, François. [1995] *Metapolis: acerca do futuro da cidade*. Oeiras: Celta. 1996

ASCHER, François. [2001. *Le Nouveaux Principes de l'Urbanisme. La fin des villes n'est pas l'ordre du jour.*] *Novos Princípios do Urbanismo*. Lisboa: Livros Horizonte. 2010

AV Monographs #138 [Latin America 2010]. 2009. Madrid: Arquitectura Viva SL

BALLESTEROS, Mario. 2011 *in* "Contrastes Sul-americanos: Perspectivas Críticas" [entrevistas por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo] *in arqa #94/95*. 2011. pp.33-34

BEARDSLEY, Johh & WERTHMANN, Christian. 2008. "Improving informal settlements. Ideas from Latin America" *in Harvard Design Magazine #28*. 2008. pp.31-34

BERRIZBEITIA, Anita & HECHT, Romy. 2011. "Latin American geographies: a glance over an immense landscape" *in Harvard Design Magazine #34*. 2011. pp.11-13

BENEVOLO, Leonardo. [1963] *As Origens da urbanística moderna*. Lisboa: Presença. 1981.

BENEVOLO, Leonardo. [1974] *História de la arquitectura moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1982

BOZA, Cristián & DUVAL, Hernán. 1982. *Inventario de una arquitectura anónima*. Santiago do Chile: Lord Cochrane

BRILLEMBOURG, Alfredo & KLUMPNER, Hubert. 2011 *in* "Contrastes Sul-americanos: Perspectivas Críticas" [entrevistas por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo] *in arqa #94/95*. 2011. pp.38-39

CALVINO, Italo. [1972] *As cidades invisíveis*. Lisboa: Editorial Teorema. 2006

CANELLA, Guido. 1992. "The Latin American Laboratory" *in Zodiac #8*. 1992. 6-13

CANTIS, Ariadna. 2011 *in* "Contrastes Sul-Americanos : Perspectivas Críticas" [entrevistas por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo] *in arqa #94/95*. 2011. pp.35-36

CASTELLS, Manuel. 1973. *Imperialismo y urbanización en América Latina*.Barcelona: Editorial Gustavo Gili

CASTELLS, Manuel & BORJA, Jordi. 1997. *Local y global : la gestión de las ciudades en la era de la información.* Madrid: Taurus

CHUECA GOITÍA, Fernando. [1968] *Breve história do urbanismo*. Lisboa: Presença, 2008

COSTA, Lúcio. 1956. [Relatório do Plano Piloto de Brasília] *cit.* "Plano Piloto de Brasília – Lúcio Costa". 2010 *in concursosdeprojeto.org*. 21 de Abril de 2010. Fonte http://concursosdeprojeto.org/2010/04/21/plano-piloto-de-brasilia-lucio-costa/ (acedido em 2012-01-08)

DIEZ, Fernando. 2011 *in* "Contrastes Sul-americanos: Perspectivas Críticas" [entrevistas por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo] *in arqa #94/95*. 2011. pp.31-33

DURÁN CALISTA, Ana María. 2010. "From paradigm to Paradox: on the architecture collectives of Latin America" *in Harvard Design Magazine #34*. 2011. pp.24-39

FABRICIUS, Daniela. 2008. "Resisting representation. The informal Geographies of Rio de Janeiro" *in Harvard Design Magazine #28*. 2008. pp.4-17

FERMOSEL, J.L. "Jorge Luis Borges: 'No estoy seguro de que yo exista en realidad,'" El Pais, Wtima, September 26, 1981, elpais.com/articulo/ultima/ BORGES/. JORGE_LUIS.JESCRITOR/Jorge Luis/Borges/estoy/seguro/exista/realida d/elpepiult/19810926elpepiuIC6/Tes.

FERNÁNDEZ, Roberto. 1992. "Deserto e selva : dall'astrazione al desiderio. Note sul dilema del regionalismo nell' architettura latinoamericana." *in Zodiac #8*. 1992. pp.122-159

FERNÁNDEZ, Roberto. 2006. *Pensamiento de nuestra América. Autorreflexiones y propuestas.* Buenos Aires: CLACSO Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis. 2009. "Las Américas bicentenarias" [editorial] *in AV Monographs #138*. 2010. p.3

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis. 2009. "Último Chile" *in Arquitectura Viva #85*. 2009. p.3

GALLANTI, Fabrízio & INSULZA, Francisca. 2006. "A good moment in time" *in a+u #430*. 2006. pp.12-16

GAVIDIA, Jorge. 2007. Discurso para a Rádio ONU durante o encontro do UN-Habitat em Nairobi, Abril de 2007 *in Rádio das Nações Unidas*. www.unmultimedia.org/radio/portuguese/detail/1553l99.htm (acedido em 2011-10-23)

GUTIÉRREZ, Ramón. 1997. "La ciudad iberoamericana en el siglo XIX" *in TERÁN*. 1997. pp.252-266

HARDOY, Jorge. 1997. "Las ciudades de América Latina a partir de 1900" *in TERÁN*. 1997. pp. 267-274

Harvard Design Magazine #28 [Can Designers Improve Life In Non-formal Cities?]. 2008. Cambridge, MA: Harvard University

Harvard Design Magazine #34 [Architectures of Latin America]. 2011. Cambridge, MA: Harvard University

HEITMANN, Jorge. 2011. "Post-disaster regeneration in Chile: urgent responses and gradual developments in aseismic country" *in Harvard Design Magazine #34*. 2011. pp.90-97

HERNÁNDEZ, Felipe. 2011. "(In)Visibility, poverty, and cultural change in south american cities." *in Harvard Design Magazine #34*. 2011. pp.66-75

HOLSTON, James & CALDEIRA, Teresa. 2008. "Urban peripheries and the invention of citizenship" *in Harvard Design Magazine #28*. 2008. pp.18-23

Infopedia. [s.d.] Porto: Porto Editora. 2003-2012. Fonte: http://www.infopedia.pt/$identidade (acedido em 2012-04-15)

JACOBS, Jane. [1961] *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

JÁUREGUI, Jorge Mario. 2011 *in* "Contrastes Sul-Americanos : Perspectivas Críticas" [entrevistas por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo] *in arqa #94/95*. 2011. pp.24-27

KOOLHAAS, Rem. 1994. *Delirious New York*. New York : Monacelli Press

LÉVI-STRAUSS, Claude. [1955. *Tristes Tropiques*] *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70. 1993

LIERNUR, Jorge Francisco. 1990. *América Latina: architettura, gli ultimi vent'anni*. Milano: Electa

LIERNUR, Jorge Francisco. 1992. "The New World for the New Spirit: Twentieth-Century Architecture's Discovery of Latin America" *in Zodiac #8*. 1992. pp.84-121

LÓPEZ, Rafael & BRITO, Gustavo. 1985. "Santiago en tres tiempos" *in* LÓPEZ & SEGRE. 1986. pp.119-130

LÓPEZ, Rafael & SEGRE, Roberto. 1986. Tendencias arquitectónicas e caos urbano en America Latina. Barcelona: Gustavo Gili

MONTANER, Josep Maria. 1982. "La arquitectura moderna en Latinoamérica" *in* BENEVOLO. [1974]. pp. 917-926

NAJLE, Ciro. 2011. "The inner outsider" *in Harvard Design Magazine #34*. 2011. pp.58-65

PÉREZ DE ARCE, Rodrigo. 2011. "Landscape in everything: lessons, from the Valparaiso school" *in Harvard Design Magazine* #34. 2011. pp.190-199

PÉREZ OYARZÚN, Fernando. 2011. "Chile, matter and landscape" *in Harvard Design Magazine #34*. 2011. pp.114-119

PORTAS, Nuno. 1994. "Interrogações sobre as especificidades das fundações urbanas portuguesas" *in* PORTAS. 2005. pp.15-22

PORTAS, Nuno. 2000a. "Algumas (hipó)teses sobre os urbanismo português nos brasis" *in* PORTAS. 2005. pp.23-28

PORTAS, Nuno. 2000b. "Os tempos das formas nas cidades lusas do Brasil" *in* PORTAS. 2005. pp.29-42

PORTAS, Nuno. 2005. *Os tempos das formas : a cidade feita e refeita*. Guimarães: DAAUM

RAMÓN, Armando. 2000. *Santiago de Chile (1541-1991). Historia de una sociedad urbana*. Santiago de Chile: Editorial Sudamericana Chilena

SANTIAGO BAPTISTA, Luís. 2011. "Contrastes Sul-americanos. A especificidade latino-americana perante os processos globais de urbanização." [editorial da revista] *in arqa #94-95*. 2011. pp. 6-7

SANTOS, João. 1973. "Espaço é Escola Escola é Mãe" *in* SANTOS. 2007. p.213

SANTOS, João. 2007. *Ensinaram-me a Ler o Mundo à Minha Volta*. Lisboa: Assírio & Alvim

SATO, Alberto & POSANI, Juan. 1992. "Reflessioni dai tropici" *in Zodiac* #8. pp.48-83

SATO, Alberto. 1998. "Trazas" *in 2G #8*. 1998. pp.24-30

SATO, Alberto. 2006. "At the end of the world" *in a+u #430* . 2006. pp.74-80

SEGAWA, Hugo. 2002. "Contraste en el cono. Una nueva visibilidad chilena" *in Arquitectura Viva #85*. 2002. pp.34-37

SEGAWA, Hugo. 2005. *Arquitectura latinoamericana contemporánea*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

SHUMWAY, Nicolas. 2000. "A identidade da América Latina" *in Jornal de Resenhas. Folha de São Paulo*, 11 de Março de 2000. *cit.* SEGAWA, 2005: 7

SINGER, Paul. 1972. "Urbanización, dependencia y marginalidad en America Latina" *in* CASTELLS. 1973. pp. 287-312

TERÁN, Fernando. 1997. *La ciudad hispanoamericana: el sueño de un orden*. Madrid: CEHOPU/CEDEX

TORRENT, Horacio. 2006. "Pacto precario: cajas leves o topografías sensibles" *in 2G #26*. 2002. pp.14-26

TURNER, John F.C.& FICHTER, Robert [eds.]. 1972. *Freedom to build, dweller control of housing process*. New York: The Macmillan Company

WAISMAN, Marina & NASELLI, César. 1989. *10 Arquitectos Latinoamericanos*. Sevilla: COPT. DGAV

Zodiac #8. 1992. [1992 Setembro 92 Fevereiro 93] Milão: Editrice Abitare Segesta

CRÉDITOS DE FIGURAS

fig.1 Elaboração própria

fig.2 Elaboração própria baseado em http://archive.unu.edu/unupress/unupbooks/uu-23me/uu23me03.htm#1. The latin american mega city: an introduction

fig.3 Terán, 1997: 27

fig.4 Terán, 1997: 26

fig.5 Terán, 1997: 65

fig.6 Terán, 1997: 70

fig.7 Terán, 1997: 80

fig.8 Terán, 1997: 145

fig.9 Elaboração própria baseado em Terán, 1997: 57

fig.10 Elaboração própria

fig.11 Frames do filme "A Valparaiso", Joris Ivens, 1963

fig.12 Benevolo. 1974: 400

fig.13 "Plano Piloto de Brasília – Lúcio Costa". 2010 in concursosdeprojeto.org. 21 de Abril de 2010. http://concursosdeprojeto.org/2010/04/21/plano-piloto-de-brasilia-lucio-costa/ (acedido em 2012-01-08)

fig.14, 15 Holston, James. *A cidade modernista : uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993. p. 134

fig.16 Bastos, Maria Alice Junqueira & Zein, Ruth Verde. *Brasil: arquiteturas após 1950.* São Paulo: Perspectiva. 2010. p. 59

fig.17, 18 Bastos, Maria Alice Junqueira & Zein, Ruth Verde. *Brasil: arquiteturas após 1950.* São Paulo: Perspectiva. 2010. p. 63

fig.19 Bastos, Maria Alice Junqueira & Zein, Ruth Verde. *Brasil: arquiteturas após 1950.* São Paulo: Perspectiva. 2010. p. 96

fig.20, 21 Bastos, Maria Alice Junqueira & Zein, Ruth Verde. *Brasil: arquiteturas após 1950.* São Paulo: Perspectiva. 2010. p. 101

fig.22 http://www.studyblue.com/notes/note/n/final-exam-artwork/deck/990420

fig.23, 24 http://canopycanopycanopy.com/6/the_city_that_built_itself

fig.25 http://www.flickr.com/photos/manurey/4374776332/

fig.26 Risselada, Max & Heuvel, Dirk van den (2005) *Team 10, 1953-1981, in search of a Utopia of the present*. Rotterdam: Nai Publishers. p. 60

fig.27, 28 http://www.architecturalpapers.ch/index.php?ID=91

fig.29 http://www.architecturalpapers.ch/index.php?ID=94

fig.30, 31 http://www.architecturalpapers.ch/index.php?ID=92

fig.32 http://www.malba.org.ar/web/descargas/torresgarcia.pdf

fig.33 *arqa #94/95*. 2011. p.26

fig.34 http://www.flickr.com/photos/dairocorrea/3842900697/

fig.35 *arqa #94/95*. 2011. p.26 fig.104

fig.36 *arqa #94/95*. 2011. p.26 fig.106

fig.37 Elaboração própria

fig.38 Elaboração própria baseado em http://m.forocoches.com/foro//showthread.php?-t=2402371&page=17

fig.39 *Harvard Design Magazine #34.* 2011. p.192

fig.40 *Harvard Design Magazine #34.* 2011. p.95

fig.41 http://www.elementalchile.cl/wp-content/uploads/2009/09/1008_ELEMENTAL_PORTFOLIO.pdf

fig.42 Bonnefoy-Claudet, Sylvette; Baize,Stéphane; Fabian Bonilla, Luis; Berge-Thierry, Catherine; Pasten, Cesar; Campos, Jaime; Volant Philippe; Verdugo, Ramon. *Site effect evaluation in the basin of Santiago de Chile using ambient noise measurements*. Geophys. J. Int. (2009) 176, 926 in http://www.geologie.ens.fr/~vigny/articles/bonnefoy_etal_GJI_2008.pdf

fig.43 Terán, 1997: 54

fig.44 "Algunos planos antiguos de Santiago: testimonios del crecimiento de una Ciudad" 13 de marzo de 2012 http://urbatorium.blogspot.pt/2012/03/algunos-planos-antiguos-de-santiago.html

fig.45 http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0004210.pdf Santiago durante el siglo XVI : constitución de la propiedad urbana i noticias biográficas de sus primeros pobladores / por Tomás Thayer Ojeda. Santiago de Chile : Impr. Cervantes, 1905. Colección Biblioteca Nacional

fig.46 http://archivovisual.cl/imagenes/mapas/MAP-19nn-THA-BNA-00.jpg

fig.47-52 http://www.nuestro.cl/chilectra/capitulo1.htm

fig.53 Téran, 1997: 187

fig.54, 55 http://urbatorium.blogspot.pt/2012/03/algunos-planos-antiguos-de-santiago.html

fig.56 http://www.archivovisual.cl/vista-panoramica-de-la-ciudad-de-santiago-2

Fig.57 Pavez Reyes, M. Isabel. "El Plan Brunner para la comuna de Santiago de Chile: potencial de desarrollo de las totalidades, subtotalidades y fragmentos viales en la Comuna de Independencia" em Revista de Urbanismo #3. 2000 *in* http://revistaurbanismo.uchile.cl/index.php/RU/article/viewFile/11786/12149

fig.58 Martínez Lemoine, René. "Santiago, los planos de transformación. 1984-1929". Revista Electrónica DU&P. Diseño Urbano y Paisaje Volumen IV #10.2007 *in* http://www.ucentral.cl/dup/pdf/10_santiago_planos.pdf

fig.59 Pavez Reyes M. Isabel El Plan Brunner para la comuna de Santiago de Chile: potencial de desarrollo de las totalidades, subtotalidades y fragmentos viales en la Comuna de Independencia 2000. Revista de Urbanismo #3. 2000 *in* http://revistaurbanismo.uchile.cl/index.php/RU/article/viewFile/11786/12149

fig.60 Pérez Oyarzun, Fernando & Rosas Vera, José. "Cities within the city: Urban and Architectural Transfers in Santiago de Chile, 1840-1940" in Almandoz Arturo. Latin

America's Capital Cities 1850-1950. Londres: Routledge, 2002 http://joserosasvera.files.wordpress.com/2007/08/planninglatinamerican.pdf

fig.61, 62 Gurovich Weisman, Alberto. "La solitaria estrella: en torno a la realización del Barrio Cívico de Santiago de Chile, 1846-1946" in Revista de Urbanismo #7. 2003 *in* http://www.revistas.uchile.cl/index.php/RU/article/viewFile/6214/6070

fig.63 Pávez Reyes, M. Isabel. "El Plan Brunner para la comuna de Santiago de Chile: potencial de desarrollo de las totalidades, subtotalidades y fragmentos viales en la Comuna de Independencia". Revista de Urbanismo #3. 2000 *in* http://revistaurbanismo.uchile.cl/index.php/RU/article/viewFile/11786/12149

fig.64, 65 Pávez Reyes, María Isabel. "Las medidas de sustentabilidad en los planes para Santiago 1960-1994: el caso de los corredores del Maipo-Mapocho y Andino Pedemontano". Boletín C+F # 42/43. 2010. Madrid: Instituto Juan Herrera *in* http://habitat.aq.upm.es/boletin/n42/aa-mpav.html

fig.66-69 UNCTAD III Abril 1972 *in* http://www.flickr.com/ photos/28047774@N04/sets/72157626197938737/

fig.70 http://archpeace.blogspot.pt/2009/10/plan-maestro-anillo-intermedio-de.html

fig.71 http://www.plataformaurbana.cl/archive/2006/08/21/calidad-pobreza-y-segregacion/136

fig.72 http://www.revistaca.cl/webca/pdf/129.pdf

fig.73 http://www.elementalchile.cl/viviendas/quinta-monroy/quinta-monroy/

fig.74, 75 http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/smallscalebigchange/projects/quinta_monroy_housing

fig.76-78 http://www.elementalchile.cl/viviendas/quinta-monroy/quinta-monroy/

fig.79-82 http://www.elementalchile.cl/viviendas/renca/renca/

fig.83 Aravena, Alejandro; Arteaga, Gonzalo; García-Huidobro, Fernando; ELEMENTAL. Conjunto de viviendas Lo Espejo: Lo Espejo, Chile. ARQ (Santiago) #69. 2008. p. 25-26 *in* http://www.scielo.cl/pdf/arq/n69/art04.pdf

fig.84,85 http://www.elementalchile.cl/viviendas/lo-espejo/

fig.86 http://eol.jsc.nasa.gov/sseop/images/city/lowres/ISS004/ISS004-E-6990.JPG

fig.87 http://www.mathiasklotz.com/ 2006, Facultad de economia y empresa

fig.88 http://www.elementalchile.cl/wp-content/uploads/2009/09/1008_ELEMENTAL_PORTFOLIO.pdf

fig.89 http://www.cristobalpalma.com/index.php?pag=269

fig.90 http://web.ing.puc.cl/dobletitulo/index.php?seccion=extranjeros,imagenes

fig.91 http://www.elementalchile.cl/wp-content/uploads/2009/09/1008_ELEMENTAL_PORTFOLIO.pdf

fig.92 http://www.cristobalpalma.com/index.php?pag=269

fig.93 Montaner, Josep Maria. *Depois do movimento moderno, Arquitectura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili. 2001. p.234